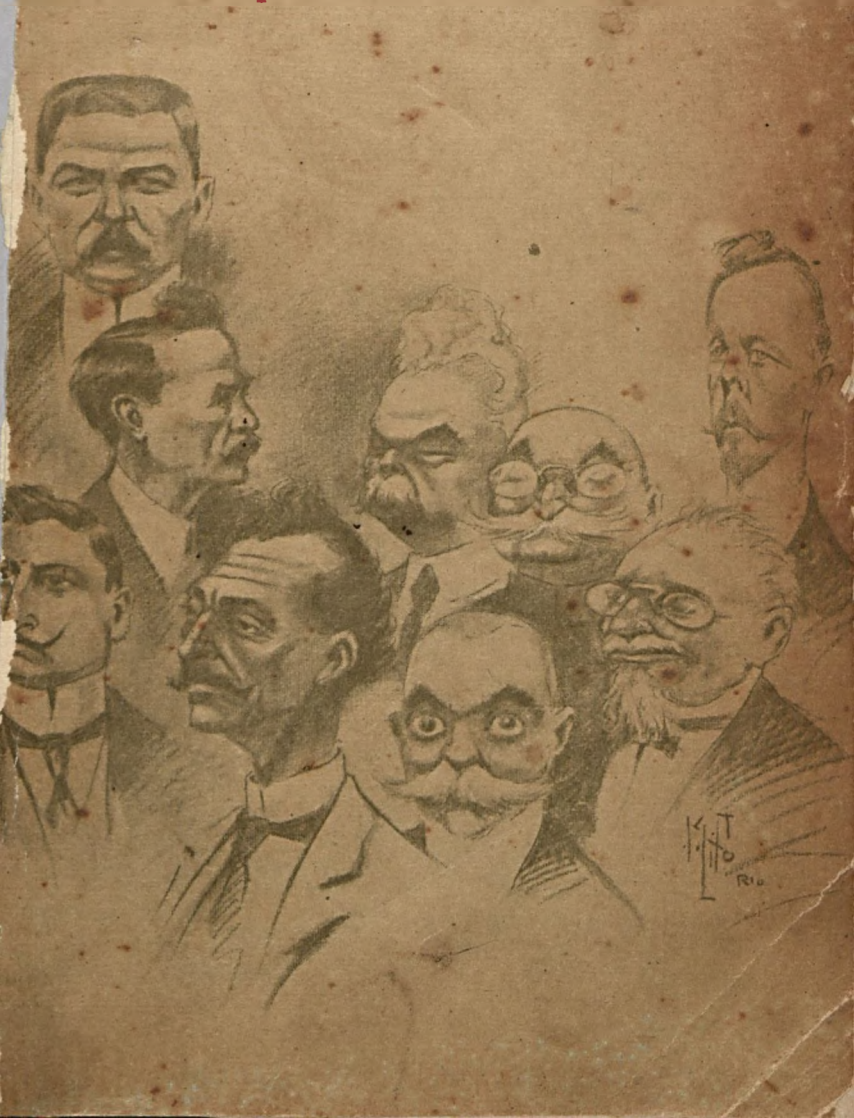
BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
I, 312, 5, 12
F. VISCONTI ANO 1903

JOÃO DO RIO

No tempo de Wenceslão...



No tempo de Wencesláo...

De JOÃO DO RIO:

Chronica Social

RELIGIÕES NO RIO — 10º milheiro
ALMA ENCANTADORA DAS RUAS — 4º milheiro
VIDA VERTIGINOSA — 2º milheiro
} editores Garnier & C.

CINEMATOGRAPHO
OS DIAS PASSAM
} editores Lello & Irmão

CHRONICAS E FRASES DE GODOFREDO DE ALENCAR —
PALL-MALL RIO DE JOSÉ ANTONIO JOSÉ
NO TEMPO DE WENCESLÁO
} editores Villas-Boas & C.

Inqueritos

O MOMENTO LITERARIO — editor Garnier.

Contos

DENTRO DA NOITE — 5º milheiro — editor Garnier.
A MULHER E OS ESPELHOS — a apparecer.
JUCA DE S. JORGE E OUTROS TYPOS — a apparecer.

Theatro

A BELLA MME. VARGAS, peça em 3 actos — editor Briguiet & C.
EVA, peça em 3 actos — editor Villas-Boas & C.
HORROR, TRISTEZA E RISO, a apparecer, peças em 1 acto — editores Villas-Boas & C.

Conferencias

PSYCHOLOGIA URBANA — 3º milheiro — editor Garnier.
SESAMO — editor Francisco Alves.

Viagens

FADOS e CANÇÕES de PORTUGAL
PORTUGAL D'AGORA
} editor Garnier.
SENSAÇÕES DE VIAGENS — a apparecer.

Traduções

Obras de OSCAR WILDE

SALOMÉ
INTENÇÕES
} já publicadas pela Livraria Garnier

O RETRATO DE DORIAN GRAY
THEATRO
} a apparecer.

Romance

DESEJO
PROFISSÃO DE JACQUES PEDREIRA
} de proxima publicação.

JOÃO DO RIO
Da Academia Brasileira e da Academia
de Sciencias de Lisboa

No tempo de Wenceslão...

"Não ha homem sem originalidade."

CARLYLE: *Os Heroes.*

Os politicos são mais que os outros homens assnmpto de fantasia.

BIBLIOTHECA NACIONAL
1922
D. 9
do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO
EDITORES: VILLAS-BOAS & C.
219, RUA 7 DE SETEMBRO, 225
MCMXVII

I-312,5,12

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

111518 A.A
1951

B869.8
B273.7

M.T.M.P.
15.10.59

Estas chronicas exprimem apenas as impressões mais vivamente sentidas dos factos politicos, sociaes durante o tempo em que é presidente o Sr. Wenceslão Braz.

Antes da decadencia de Roma, ainda na época em que os imperadores duravam no throno, os romanos viam os aspectos da vida gravando o tempo com o nome dos cezares que a elles assistiam.

Não é de mais que eu, como todos vós, veja com modestia a vida julgando-me com vaidade no tempo de Wenceslão.

Anima-me no titulo do livro o fervor do patriotismo...

Opiniões de um jornalista impossivel

——

O coração tem fraquezas que o cerebro não póde reprimir. A mim sempre me affligiu muito mais a demissão de um pobre homem do que a nomeação de cavalheiros, admiravelmente incompetentes, para os cargos de insignificante responsabilidade, taes como ministro da fazenda, director de companhia, delegado de policia ou critico dramatico. Patrioticamente devia ser ao contrario. Mas o coração sente.

Assim, quando outro dia, na redacção de um jornal, ouvi o secretario (muito meu amigo) annunciar a demissão de um auxiliar, mesmo sem conhecer o confrade, resolvi interceder a seu favor. O secretario sorriu com amavel superioridade.

—Tudo tem um limite. Esse sujeito, que aliás, não conheces, não póde ser jornalista. Aceitei-o

como auxiliar. Vinha recommendado pelo gerente de um banco em que tenho algumas promissorias dilataveis conforme a elasticidade da minha gentileza. Mas depois soube. O pedido não tem importancia alguma. O gerente pediu porque o tio de um amigo do seu preclaro irmão...

—Como se chama o irmão?

—Não conheço, mas deve ser preclaro. Foi graças a sua intervenção que o pedido do tio do amigo conduziu até nós esse inutil sob o patrocinio de um coronel reformado. Miserias, meu filho! Até parece pilheria tanto pedido para tão pouca coisa...

—E se o homem tem talento?

—Talento! Mas talento para que? Eu não preciso de talentos. Quando a folha está muito sem talento, faço uma entrevista com o Ruy Barbosa. Dá para um mez.

—E quando acaba?

—Faço outra. Mas o homem é maluco além do mais. Resolveu corrigir outro dia todos os erros de portuguez da folha que estava já em circulação, deu-me o plano de um curso de jornalismo e de uma bibliotheca para os meus collegas, achou perfeitamente idiota uma reportagem do nosso grande Adhemar...

—Que Adhemar?

—Um rapaz que veiu de Minas com o Léon Roussouliéres e, apesar de não ter muita leitura,

conseguiu a sensacional reportagem de entrar para a Maternidade, incognito, vestido de mulher.

—E que aconteceu?

—E' boa. Foi descoberto. Ha escandalo maior? Pois o nosso homem achou idiota essa reportagem, assim como um artigo de fundo em que eu arrazava o Prefeito porque uma rua que dá para o morro do Cavallão tem capim em vez de sargetas.

—E' difinitivamente um cretino.

—Um maniaco apenas. Olhe, V. ainda se preoccupa com esse negocio de literatura? Pois o homem é um assumpto. Escreve agora um livro acerca do valor symbolico de Adão nas legendas arabes e medievas. Que interessa Adão á humanidade?

—Nada, ou pouco menos.

—Está a ver. Eu cá quero escandalos, descomposturas, coisas fortes. Sirvo o meu publico. E conheço-o. O publico não quer outra coisa, porque afinal de contas este mundo não passa de uma corja de cavadores. Não! V. é um rapaz sympathico. Mas eu tenho a opinião do senador Bernardo Monteiro: — é preciso energia sempre que for possivel. Demitto o homem!

Deixei o secretario sem arrependimento, e encontrei á porta do jornal um cavalheiro magro, bem vestido e muito educado.

—Sei que V. mostrou por mim ha minutos um certo interesse, apesar de não me conhecer. A sua bondade não podia ser senão uma forma

de elegancia moral. A bondade, a gratidão e os outros sentimentos generosos não são senão attitudes elegantes do espirito. Não se póde exigir de um palafreneiro ou de um caixeiro viajante, mesmo aposentado, taes gentilezas que em nada modificam a vida. Deixe, pois, que o cumprimente e que me apresente. Chamo-me Justino Pereira...

—Muito prazer...

—Pelo que lhe deve ter contado o pobre homem que lá em cima dirige a opinião, não posso parecer aos seus olhos senão um cavalheiro imprevisto e mais ou menos maluco. Ora, eu só posso parecer doido no vasto hospicio em que está transformado o Brasil, graças ao phenomeno collectivo e alarmante da menopausa economica. Atravessamos a crise do analphabetismo agudo, da neurasthenia, da incompetencia e da furia do pernosticismo. E, coisa curiosa! esse phenomeno ataca apenas as classes dirigentes. O Brasil não mudou. A indole do brasileiro tambem não mudou. A capacidade de comprehender, trabalhar e seguir não variou. As condições de cohesão das diversas classes persistem. O sentimento patriotico, quer na sua feição egoistica de triumpho, quer sob o aspecto altruistico do sacrificio, é sem limite.

Grave erro seria dizer que o Brasil se transformou na pan-beócia. Para conhecer um povo não basta consultar o appetite das algibeiras ou das pretensões e berrar descomposturas pa-

ra ter o gosto de vel-as abafadas pela posição ou pela chelpa. Esta grande crise é uma prova da resistencia das populações. Apenas os povos precisam de conductores, de energias, de capacidades que os dirijam. E aqui as duas classes dirigentes, a politica e o jornalismo, tornaram-se a razão inicial do desvario. A politica precisa de homens de saber e de decisão. Onde estão os homens de saber e de decisão? Amordaçados e algemados pela immensidade da estubidez ambiente, que é das peiores pois está convencida de ser capaz de tudo. As posições ou são tomadas de assálto ou recebidas como as *suites* de um vasto *baccarat*. Consultar os successivos ministros, ouvir os oradores nas Camaras arrastando a onda de solecismos para procurar uma idéa, é ter a visão de um frenesi de tolices, em que, como nos manicomios, as questões capitaes do paiz são discutidas e gritadas com uma inconsciencia só correspondente á ignorancia. Se fosse permittido ainda o uso das imagens literarias, eu compararia a minha patria a um grande transatlantico atulhado de gente resignada e dirigido por um bando de bachareis das academias a preço modico.

Eu suspirei:

—Pobre patria!

O homem continuou muito calmo:

—Tome tres ou quatro dos projectos capitaes ora em discussão. Todos têm opiniões, ninguem

tem opinião; todos gritam, ninguem se entende e é uma ancia, um desespero de hospicio em que apparecem todos os typos esdruxulos, desde os hystericos que fazem espirito a dar guinchos, aos agitadores feitos de papel mata-borrão.

O povo sabe disso; o povo vê bem tudo isso; o povo resiste, á espera da força conductora. Havia a possibilidade de uma energia que attenuasse o charivari do barco. Essa energia seria o jornalismo. Que diz V. do jornalismo?

—Não digo nada.

—Pois digo eu. O jornalismo tomou a epilepsia como norma, convencido de que o publico deseja exactamente apenas isso. Ora, o publico póde concordar que varram a páo um bando criminoso, mas exige que se lhe dê em substituição gente boa, ou pelo menos com idéas razoaveis. O jornalismo póde ser comprehendido como uma sentinela de avançada. Aqui transformaram a sentinela em capangada de ataque. Não ha um mal que a imprensa tenha obstado na bacchanal do desaforo. Em compensação a bacchanal trouxe o desrespeito geral, o acanalhamento integral. Tudo é máo, tudo é infame, inclusive os collegas que se mimoseiam mutuamente com taes delicadezas, a proposito dos mais serios problemas nunca discutidos ou das mais estupidas futilidades. E as coisas chegaram a tal ponto que é impossivel acreditar na sinceridade, não da onda nem da mulher, mas do jornalismo e da politica. Ao demais, var-

ridos das columnas dos jornaes (como da politica os homens de talento) os poetas, os homens de letras, os homens de opinião, e tendo cada jornal o lemma hydrophobo: — «vocês todos são uns refinadissimos canalhas» — sem mais nada, cada jornal passa á casa de tiro ao alvo, em que qualquer sujeito entra, pega da espingarda, faz a mira, e conta sempre com o escandalo de quebrar uma porção de cachimbos, sem saber se acertou, se os quebrou e nem mesmo por que os partiu.

Parei. A imagem dos cachimbos fez-me tomar a attitude absolutamente José Bonifacio do Sr. Antonio Carlos quando não quer comprometter a unica coisa que não comprometteu, porque não a diz a ninguem: a sua sincera opinião. Jornalista, não me ficava bem estar a ouvir aquelle energumeno sem protesto. E jornalista tinha um certo prazer em ver falar mal dos jornalistas, mesmo em these. Nesse estado d'alma, para não pender nem para um lado nem para outro, mudei bruscamente a conversa.

—Disseram-me que o meu amigo faz estudo das legendas que enriqueceram através das éras o symbolo de Adão...

—Realmente, disse o homem renitente. Tenho lido algumas. E entre tantas ha uma que a proposito explica exactamente o estado do Brasil neste momento. E' uma legenda do seculo XIII. Narra a viagem de Seth, filho de

Adão, em busca do oleo da misericordia. Como sabe...

—Eu não sei nada! Não me comprometta...

—Pois Adão passou apenas sete horas no paraiso.

—Imagine se lá ficasse mais tempo!

—Já ás seis da tarde estava expulso. Mas Adão era um sabio forte de quem os archanjos tinham medo, e que conversava com Deus num tom de perfeita igualdade. Depois do caso das arvores, Adão veio crear a vida só, a sua vida, que é a vida de todos nós. E creou sem dar confiança aos anjos, que tinham já a propriedade de violadores das idéas alheias. Afinal, quando estava para morrer, aos cento e trinta e dois annos, lembrou-se de uma certa arvore que logo á porta do paraiso dava o oleo da misericordia. E mandou Seth buscar o oleo, certo de que, sendo Deus incapaz de cobardias, o anjo da espada não seria estupidamente cruel. Seth foi. O anjo aproveitou a occasião e passou uma tremenda descompostura em Adão, no paraiso, em Deus, no resto do mundo. Depois, negou o oleo com energia e por muito favor deu tres pedras a Seth para que Adão se servisse dellas como entendesse. E conta a legenda que, quando soube do resultado da visita, Adão riu pela primeira vez.

O Brasil está como o Adão da legenda. Pede o oleo da misericordia. Os dirigentes não

o ouvem, mas negam. A imprensa manda-lhe pedras para usal-as conforme entender. Resta saber se o Brasil terá o riso de Adão, diante das pedras...

E o exquisito homem cumprimentou serio e desappareceu entre os transeuntes.

Eu então segui só. Tambem sem arrependimento. Mas convencido de que o sujeito em caso nenhum poderia ser um jornalista na altura do secretario tão meu amigo.

O RETRATO

——

Ha um anno, reiterados pedidos que eram ordens fizeram-me solicitar do Sr. Wenceslão Braz uma entrevista no seu retiro de Itajubá, retiro aliás, muito aprazivel porque Itajubá é uma pequena cidade encantadora. Eu mantivera relações com o Sr. Wenceslão Braz quando deputado. Era um homem congenitamente simples que erigira essa feição em broquel politico, contava até dois milhões antes de tomar uma resolução e estudava com deleite, segundo diziam os intimos imprecisamente, sciencias aridas e amenidades artisticas. Eleito o Sr. Wenceslão Braz presidente de Minas nada pedi ao Sr. Wenceslão. Lançada a candidatura Hermes, que aliás era muito mais meu conhecido que o Sr. Wenceslão — fui dos ingenuos que combateram essa candidatura, sem subvenção, sem interesse e sem o desejo de fazer as pazes

como não fiz pelo correr do quatriennio. No calor da campanha, a literatura de uma das minhas chronicas, publicadas em sabbado de alleluia, sabbado que coincidia com a chegada do Sr. Wencesláo ao Rio — deu como resultado verem alguns cidadãos no meu trabalho um ataque mais feroz que o de Aristophanes a Cleon e mais feroz porque raros eruditos leram o ataque de Aristophanes. Alguns mineiros mesmo tiveram a bondade de conversar commigo.

—Ninguem deixará de ver na sua chronica, o Wencesláo. Ora V. sabe muito bem que esse epitheto é uma falsidade indecente feita arma de adversarios que amanhã serão amigos do Wencesláo como os que atacam hoje o Nilo hão de lhe fazer dentro em pouco o elogio. E como V. não é um jornalista politico, a sua chronica doerá ao Wencesláo redobradamente.

Diante desse acontecimento deixei de visitar o Sr. Wencesláo no hotel, onde se preparava para não intervir na politica do quatriennio findo; e assim como resisti ás solicitações para ir visitar o Sr. Hermes, considerei por cortado o meu conhecimento pessoal com o Sr. Wencesláo.

Uma noite, porém, no terraço do theatro Recreio, dei de face com o Sr. Wencesláo Braz, em companhia de alguns senadores mineiros, entre os quaes o senador Paiva — que é um espirito dado ás bellas letras. O Doutor Wencesláo Braz cumprimentou-me, estendeu-me a

mão com a gentileza de annos atrás. Fiquei convencido de que elle era muito mais intelligente do que os outros e eu, homem de letras, elle politico nas cumiadas — nem delle nada solicitei, nem elle a mim nada indicou. Quando se deu o «charivari» da colligação, a collisão de ambições correspondendo á ausencia de um chefe com condições de mando, fazia comprehender a qualquer homem de mediano discernimento que o Sr. Pinheiro Machado triumpharia com uma carta desconcertante para os parceiros. A carta, o fino homem já a tinha escolhida. Ao abraçar um senador, a bordo do navio que o ia levar ao Rio Grande, o Sr. Pinheiro dissera num discreto segredo alto:

—E não esqueças que temos de trabalhar firmes para o nosso Wenceslão.

Apesar de não pertencer a partidos politicos e de ter a honra de não ter pedido nem de pretender pedir coisa alguma ao Sr. Pinheiro Machado, fiz um dos jornaes do Rio dar a certeza provisoria da presidencia Wenceslão e durante toda a colligação esse diario insistiu no objecto que surgiria da urna da Pandora politica.

Aceitei pois a incumbencia da entrevista e fui como toda a gente jornalista itinerante de Itajubá, com um curioso accrescimo: é que os outros iam e vinham sem aggressões pelos jornaes, e eu fiz o mesmo sob a saraivada innominavel de alguns emasculados cerebraes. Apenas ás insinuações patetas, ao cretinismo do

ataque que se elevou a estupidez de fingir reviver uma chronica que eu considerara e considero a ponto de publical-a em um livro meu, correspondeu o prazer psychologico de estudar um homem na imminencia do supremo mando com a quasi molestia de catalogar, pesar, reunir, dividir, comparar, estudar os milhões de difficuldades desse posto.

Certo eu ia com o desejo de uma entrevista ruidosa. Cinco minutos depois, dava a minha palavra de como não publicaria entrevista. Horas após, o carinhoso fanatismo de Itajubá pelo presidente tinha para mim a explicação na maneira de ser do proprio presidente. Passei duas largas noites e uma vasta manhã a conversar. O Sr. Dr. Wenceslão não me disse nada que não tivesse dito e não fosse dizer aos outros jornalistas, sob a maior reserva. Em compensação, eu trazia o momento psychologico de uma das personalidades politicas mais interessantes para um artista. A sorte tem consentido que eu conheça por esse prisma esthetico alguns dos valores dirigentes do Brasil. A maioria é ignobil, isto é, abaixo da attenção do autor do *Testamento do Gallo*, autor aliás digno de respeito depois do apparecimento de alguns novos escriptores. Outros, porém, diriam ao artista o empolgante e necessario trabalho da analyse moral da politica brasileira. Com o Sr. Pinheiro Machado, por exemplo, a estudar a sua personalidade, é possivel escrever uma apologia, uma catilina-

ria, um livro de corrosivo humorismo, um volume em estylo biblico e ainda um curioso e difficilimo in-folio de narrativas impessoaes. Do Sr. Lauro Müller, o homem de talento que se arriscasse a traçar o desenho psychologico desse ministro dominante, teria de crear algidamente o retrato da intelligencia, a epopéa de um Odysséus que se transformasse em pastor das peças de Ibsen, divertido em reunir nos maiores perigos uma impassibilidade britanica, ao reflexo da sombra do sorriso dos fabulistas gregos. O Sr. Miguel Calmon, que está a commetter o crime de se furtar ao seu alto destino, seria bem o espoente de mocidade culta, com crises de energia e subitos desmaios na mesma vontade patriotica. E o Sr. Nilo Peçanha é daquelles personagens que os escriptores começam a descrever com manifesta hostilidade e no meio do volume, sem se saber por que, são forçados a conduzil-os como os typos sympathicos encarregados muito sinceramente da apotheose — que é sempre a fé das multidões no romance, no theatro ou na vida desta nossa civilização de acompanhamento tropical. Com o Sr. Wenceslão Braz, o estudo devia ser feito por alguem que tivesse a doença da analyse. Ha um facto positivo: elle quer fazer bem, com a ambição de fazer bem, de acertar certo. Um illustre brasileiro, o Sr. Carlos Peixoto, tem nos seus aposentos o busto de Cesar encimado pelo retrato de Renan. E' um programma. Eu creio que

em politica bastaria Cesar, o homem que não olhava os meios para conseguir os fins e que nas maiores baixezas foi sempre solar. O Sr. Wencesláo não tem nem o busto de Cesar, nem o retrato de Renan. E' desconfiado, sem o ser, é sentimental querendo ser impassivel, é impassivel querendo ser de sentimento. Pretende agir por si só, querendo ouvir a opinião de toda a gente para se preoccupar com as quantidades, os pesos, as extensões, entrar em comparações e ver surgir as difficuldades, entre tantas opiniões. Quando se apresenta um caso a resolver, já sabia do caso e já tinha uma decisão. Mas, no seu cerebro surge a idéa de que talvez essa decisão não seja boa, e que lhe possam attribuir intenções que não tem. Larga o caso como um operador larga a urgente intervenção cirurgica em doente querido aos collegas em cuja competencia não tem completa confiança, posto que nelles tenha a maior fé — com certos limites. E' dor, é desconfiança em si mesmo e nos outros, é amor, é medo... As nugas que aos outros passam despercebidas tomam proporções a seus olhos de futuros obstaculos terriveis. Elle sabe, elle estudou, elle fica naturalmente perplexo, com a certeza de que preciso tomar uma resolução, com a vontade de liquidar immediatamente o caso, mas com o maior desejo de cumprir de modo impeccavel o seu mandato. E o doente espera.

Muitos mezes antes de tomar a presidencia, sabia exactamente nos seus menores detalhes a nossa angustiosa situação. O doente esperou. Em primeiro logar, dividiu a parte má, e a parte boa. A parte boa é de fomento á nossa riqueza estrondosa, mas que só a acção de uma energia titanica póde desentranhar. Esse fomento dependeria da therapeutica empregada para melhorar a parte má. A parte má foi analysada a microscopio, dia e noite, por todo um laboratorio de Manguinhos politico, sem a disciplina obediente dos discipulos de Oswaldo Cruz. Cada dia phenomenos mais graves eram e são observados. O Sr. Wencesláo soube e ouviu, sabe e ouve. Ouve. Talvez os outros tenham uma certa razão. E exactamente, porque o seu desejo é firmemente cumprir o seu dever, porque a sua aspiração é salvar o Brasil, ou pelo menos attenuar os males, sem suspeitas, com a harmonia geral — estuda, avalia. Todos falam. A sua opinião primeira é não modificada, mas desvirtuada. A opinião dos outros tambem não fica de pé. Ha muitas. Mutuamente destroem-se e, querendo attender ás aspirações geraes do momento, o presidente não abandona e sim cede um pouco do seu desejo, feito de duvidas, de reflexões, de aturada analyse das forças passadas, presentes, futuras, de previsões do que póde prevista e imprevistamente surgir. D'ahi existir uma harmonia politica que não parece harmonia porque muito mais parece uma situação

do remordimento geral. D'ahi um vacuo de autoridade a perder as energias mais agudas de quantos os cercam e que são todos. D'ahi uma situação economica em que todos os avisos são amputados e dos quaes se tenta com uma extraordinaria habilidade de inutil intelligencia fazer o codigo de uma difinitiva attitude financeira, com os obstaculos de uns, os justos protestos de outros, as theorias de outros, as necessidades de mais outros, o receio do futuro e a ancia do presente.

Machado de Assis, o nosso grande genio literario, era, como todo o analysta de saber, um timido. Elle sabia bem o mal e o bem mas não queria contrariar ninguem, mesmo quando estava com a razão. Jámais discutia. Eram rarissimos os seus amigos no desejo da harmonia geral que o mestre imaginava pela annullação parcial das vontades ambientes. Qualquer fogoso politico ou jornalista capaz de affirmar com erros de grammatica as maiores heresias, um dos muitos João Fernandes de agora, faria descer pela rua do Ouvidor um *meeting* organisado no largo de S. Francisco, pelo menos até a rua Gonçalves Dias. Machado de Assis não seria acompanhado de meia duzia de cavalheiros da livraria Garnier, á Avenida Central, apesar de tantos livros magistraes onde a sua Duvida paira. Entretanto, para a polidez geral, Machado de Assis sacrificava-se. E' sabida a sua confissão,

ao voltar da secretaria, onde Calmon o fizera chefe:

—Estou hoje com uma tremenda dor de cabeça.

—Por que, mestre?

—Porque tomei café contra os meus habitos.

—E por que tomou café?

—Era impossivel deixar de o fazer. Estava commigo um senhor que procurava o ministro pela terceira vez. Eu mesmo marcara a hora e já passavam tres horas dessa hora sem que o ministro o pudesse receber. Passa o continuo com o café. Offereço café ao homem. Elle pergunta se tambem eu não bebo.

Como poderia recusar? Bebi, certo da enxaqueca. Mas não o desgostei. Era preciso compensal-o. E sorria, com as mãos na tempora...

Eu sou de opinião que o Dr. Wenceslão Braz devia retirar dos seus aposentos o retrato de Machado de Assis — porque, se os politicos têm retratos-programmas nos aposentos, deve de certo ser esse o retrato que acompanha o digno presidente nas suas meditações das terças-feiras.

D'ahi — talvez não seja. Mas devia ser. Ha um doloroso estado d'alma nessa attitude para a opinião de quem, como eu, encara a politica pelo prisma esthetico. De resto, escrever sobre politica pura é sempre vão, desde Aristote. Politica é dialectica, isto é, a força de convencer. Mas, como a politica deve ser a acção, a co-

ragem de fazer, sabendo o que se está fazendo, póde ser tambem a *maieutica* dos gregos, a virtude de explicar. E nesse caso escrever de politica ou é romance dos homens de talento ou o ganho dos escravos mentaes.

E eu fico, sem talento, no romance — imaginando para o presidente, neste agudo momento em que é preciso ter decisão, a influencia do retrato que é todo um programma de duvida amarga e de pachorrenta incerteza...

O sorriso do Sr. Antonio Carlos

—«Philosophar é reviver o immediato.» Esta modernissima definição tem o valor de não impedir ninguem de philosophar. Não ha quem não tenha o seu dia de reflexão, ao ruminar o acontecimento que mais interessou a sua pessoa ou a collectividade. Os menos ageis de cerebro podem mesmo prolongar a meditação uma semana, duas, tres. Como todos os assumptos são dignos de philosophia, só ha um contra-tempo: ficar fóra da moda, porque as actualidades se succedem vertiginosamente.

Ha, entretanto, tres annos, tenho o trabalho de reviver o immediato, isto é, de philosophar, sem sair da actualidade, sem deixar a moda em torno de um assumpto que interessa o Brasil inteiro: o sorriso do Dr. Antonio Carlos. E, com a deferencia e o respeito exigidos por cavalheiro tão polido, cheguei emfim a algumas conclusões, que, se não estiverem totalmente er-

radas, conduzirão o paiz á verdadeira comprehensão desse celebre sorriso. Bergson disse: «Uma coisa é olhar de mais e mais perto ou de longe com os olhos que uma evolução utilitaria nos fez, e outra é trabalhar para nos refazer olhos capazes de ver por ver e não de ver para viver».

—O Sr. professor é bergsoneano?

—Sou propriamente eu mesmo. Bergson, aliás disse: «A reflexão está nos nossos olhos: funcciona desde que elles se abrem».

As minhas elocubrações sobre o sorriso do Sr. Antonio Carlos nasceram de ver, como toda gente, permanentemente, o sorriso do gentilissimo descendente de um glorioso estadista. O sorriso do Sr. Antonio Carlos é no Brasil celebre como o sorriso da *Jioconda*, espalhado, aliás, em todas as telas de Da Vince. Mas o sorriso Da-Vinceano é uma attitude philosophica imposta ás figuras pelo grande mestre, a expressão sub-consciente do homem formidavel realizada pelo pincel. O sorriso do Sr. Antonio Carlos é vivo, indirectamente espontaneo. D'ahi o seu valor, como reflexo immediato, Assim, após prolongados estudos, não só da historia, como do meio contemporaneo, no só dos psychologistas, como da materia psychologavel, isto é, os outros homens, comparei o sorriso do Dr. Antonio Carlos com outros sorrisos de notaveis immediatos, como o sorriso encapado do Sr. Bernardo Monteiro, o sorriso interrogativo do Dr.

Wenceslão Braz, o sorriso guarda-louça do Sr. Maggi Salomão, e conclui por encontrar no extraordinario sorriso — o maior symbolo contemporaneo.

—Com effeito!

—Peço a sua attenção pelo assumpto evidentemente transcendental. Para desvendar o sorriso do Dr. Antonio Carlos comecei por ler a *Poetica*, de Aristote, e as paginas compactas da *Esthetica*, de Hegel. «Tudo é arte. A percepção é uma arte». Em seguida entrei na metaphysica de Kant, lendo dois livros que ninguem mais lê — *A Critica da razão pura* e a *Critica da razão pratica*. Depois mergulhei no positivismo spencereano, relendo os *Ensaios*, obra conhecida de quasi todos os deputados. Afundei ainda na physiologia psychologica com Darwin e Bain para resurgir em Bergson, um dos philosophos mais modernos do riso...

—E' espantoso!

—E verdadeiro como todas as coisas espantosas.

—Admiro sem reserva o trabalho do Sr. professor.

—Como lhe disse, é preciso acompanhar o meu raciocinio com attenção. Diante da fixidez inalteravel do sorriso do Sr. Antonio Carlos, sorriso aggressivamente comparado ao das bailarinas, que é o medo de não acertar nos passos, comecei por estudar o riso, accentuando a ascensão civilizada que vai do riso ao sorriso. O riso é, afinal

de contas, apenas uma contracção spasmodica e involuntaria do diaphragma.. O sorriso é voluntariamente um repuxo zignomatico. O riso, que os outros animaes não possuem, devido a uma preventiva medida de sisudez de Deus no Paraiso, é a expressão mais typicamente animal do homem. O sorriso é a dymnamização consciente da gargalhada. O riso é prova de que o animal se julga superior, mas póde ser provocado em qualquer sujeito sorumbatico por meio de cocegas, do protoxido de azoto e ás vezes mesmo por uma pancada no alto da cabeça. O sorriso exprime sempre a vontade elastica do individuo. Um é o vinho, outro a espuma do vinho. Um é a orgia instantanea dos sentidos, outro a consciencia dessa orgia. O homem que ri, como o Sr. José Bezerra, é uma tragedia. O homem que sorri, mesmo que não tenha nada na cabeça, é uma comedia.

Mas o sorriso nasce do riso. Sem o segundo não haveria o primeiro. O riso é a valvula da caldeira, o sorriso o annuncio da resistencia thermometrica do homem no meio em que vive. Um é a pretensão de ser superior. O outro é o principio socratico: conhecermo-nos é conhecer o que ha em nós de geral...

—Muito bem.

—Obrigado.

—Não ha de que.

—Conhecidos o riso e o sorriso, teremos de estudar as suas causas, as fórmas, como dizia

Bacon, de accordo com o meio. E, estudando o meio, não podemos deixar de ver um meio para gargalhada. Os homens mais ou menos sensatos entram para o poder e começam a realizar disparates. As pessoas competentes são postas á margem como perigosas e a incompetencia filauciosa precipita-se ás patadas sobre as posições. O desvario faz do paiz um vasto hospicio de alienados, em que os problemas são encarados inversamente. Reina um conflicto sem conclusões, um conflicto perenne de manicomio sem guardas, em que os malucos oscilam entre a pancada e o abraço enternecido. Todos são honestos, todos são ladrões, todos são geniaes e todos são reverendissimas zebras. O desconhecimento dos valores e a petulancia insensata!

O meio é tão assustador, que qualquer dos dirigentes, retirado um mez em cura de altitude, reconheceria ter praticado durante o seu governo o crime inconsciente da maluquice. Um homem entra nesse oceano para sossobrar logo ou viver entre o mergulho e a crista temporaria do vagalhão. As causas do riso fervilham. Bacon assegurava que o riso nasce do insolito, do imprevisto. Basta olhar esta pandega desordenada para ter o espectaculo do insolito e do imprevisto dos actos, dos escriptos. O imprevisto é tanto que chega a ser a banalidade — outra causa, aliás, do riso.

Segundo o velho Aristote e o sabio Bain, a causa é, porém, a degradação — os defeitos e as inferioridades que de repente vemos nos grandes homens. Qual o grande homem actual que não exija uma gargalhada, mas daquellas boas que trazem a lagrima aos olhos?

Outra opinião é que o riso vem de sabermos o erro em que os outros laboram por não o saberem. Como no nosso Hospicio Nacional a base é o embuste frenetico, a mentira, o vaudeville macabro, olhamos a politica de cada Estado e a politica geral, e entramos a rir com Enéas Martins no Pará, para rir de Belém e Coritiba, do Amazonas ao Prata. E a esta gargalhada respondem os risos do exito transitorio dos que pilham as posições, porque o exito, segundo Hobes, é tambem um motivo de riso.

O riso antigamente era um castigo. Juvenal, cidadão burguez, pretendia castigar os costumes rindo. Bergson considera o papel social do riso como flagellador do automatismo, da inconssciencia, da inattenção. Mas, para uma gargalhada completa, é preciso antes do mais o que temos com fartura: a insensibilidade da alma.

Antonio Carlos podia andar numa gargalhada por todos esses motivos, Riria do insolito e do imprevisto, riria da degradação dos grandes homens, das quédas, dos trambolhões, dos tics, das insistencias, riria da palermice dos pseudos espertos, riria por estar ha tres annos sem mergulhar á tona do exito, riria pelas innumeras

pancadas que tem levado na cabeça, riria pela propria atmosphera do paiz, que é, de facto, feita de gaz hilariante. E, entretanto, sorri apenas, sorri machinal e perennemente, fixou-se no motu-continuo do mesmo sorriso!

—Realmente...

—O mesmo sorriso sempre, o sorriso orchata, o sorriso sem veneno! Antonio Carlos, economista, *leader*, personagem notavel, conselheiro e enviado extraordinario do governo, extraiu do sorriso, dessa flor da gargalhada, o que o tempo lhe tinha dado: — o reflexo das intenções. O sorriso ironico tel-o-hia afundado, o sorriso lisonjeiro obrigal-o-hia ao sorriso pejorativo, o sorriso triste seria uma lamentação, o sorriso alegre, uma troça, o sorriso timido tão contraproducente como o sorriso arrogante. Antonio Carlos descobriu o sorriso que não é nem de resignação nem de vontade, o sorriso só sorriso, angustiosamente só sorriso.

Sobre o notavel cavalheiro esguicham as duchas de todas as causas da gargalhada descobertas pelos pensadores e os medicos desde Aristote até o Dr. Azevedo Sodré. E quando, no admiravel exemplo da persistencia contemporanea, desejamos ver a força de reduzir as gargalhadas a sorrisos, encontramos força maior, a de estatelar a alma na insensibilidade de um unico e irrevogavel sorriso, indifferente para todos os crimes ou todas as coleras, igual para o elogio ou o ataque, sorriso espelho do tur-

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

bilhão desesperado, sorriso periscopio do baixo nivel contemporaneo!

As palavras foram feitas para esconder a verdade, disse não sei quem, que não era de certo o Sr. Lamounier Godofredo. Os proprios gestos exprimem a mentira, que é o homem. Mas, a fixidez de uma attitude, por mais lucros que ella possa dar, tem qualquer coisa de heroico, é como aquella tentativa que Shopenhauer exprimia no «fixar a roda do tempo»... Voto ao Sr. Antonio Carlos a consideração que o sorriso de uma alta posição impõe. Mas, depois de aturado estudo, considero esse sorriso uma das obras mais dignas de admiração dos tempos de agora, um sorriso juizo alheio sem parte na votação, um sorriso só comparavel na vida ao involuntario riso da Morte, sorriso obra-primal, sorriso *dies-irae!*

—E, naturalmente, Sr. professor, sendo mais ou menos a dosimetria da gargalhada que o meio impõe, sorriso intelligente!...

O professor ergueu-se, concluiu:

—Não ha um homem menos intelligente que sorria. Salvo se é totalmente pateta.

E assim terminou o primeiro juizo imparcial a respeito do mais falado sorriso do seculo. Talvez sem senso commum. Mas, como diria o philosopho: o senso commum não sabe pensar o movimento. E o sorriso é o mais suave dos movimentos...

O BOI NÃO MORREU...

Um dos maiores estylistas de França aconselhava aos homens de letras a leitura do Codigo. Essa leitura educaria o escriptor na mais difficil arte — a da concisão. No Brasil cada um devia ter no espirito a necessidade de ler as mensagens dos presidentes por motivos diametralmente oppostos ao conselho do estylista, mas muito mais abundantes. As mensagens são moralmente o Brasil de anno em anno — o Brasil diverso do que devia ser, o Brasil de invenção politica. Porque, por um phenomeno explicavel entre povos sem cohesão, ha um Brasil para cada presidente. Nós deixamos o Brasil-Hermes, estamos no Brasil-Braz. Para saber o somos agora, não ha melhor documento, mais instructiva leitura, que a mensagem do Sr. Dr. Wenceslão Pereira Gomes.

Como está o Brasil em 1916? O esplendido documento dil-o com abundancia.

Em primeiro logar, fundamentalmente, o Brasil não sabe escrever a sua lingua e pouco se rala que a lingua o não ajude. Do periodo inicial á ultima oração, não sabe empregar os determinativos, atrapalha-se nos tempos dos verbos, alça, emfim, o paiz a um idioma novo: o brasilismo. Nessa altitude desabrocham sem temor a ausencia de idéas, as informaçõesinhas copiosas e os alvitres phenomenaes. Ha longos periodos alcocheados por «ques» allucinantes, ha frases affirmativas lembrando brindes de sobremesa, aquelles brindes gerundiaes á procura do ponto final. Mas, não importa. Quem quer aprender portuguez, lê Camões e não Wenceslão. Mesmo porque, o caso é outro, e principalmente a apotheose modesta do Brasil-Braz.

No ambiente de girandolas da mensagem, ficámos sabendo que o Brasil é um cavalheiro convencido de que faz ás vezes quanto os outros já tinham feito e póde vir a fazer talvez alguma coisa do quanto os outros esperavam que elle viesse a fazer.

Como veiu o Sr. Wenceslão para o poder? «Cedendo á imposição do mandato». Que encontrou? «Difficuldades sem par na nossa historia, quer *da* ordem politica, quer *da* ordem economica-financeira». Que fez? Alguns espiritos aggressivos têm a petulancia de dizer que o Sr. Wenceslão, politicamente, passou um anno a provocar crises nos Estados, com a mania de collocar os compadres como presidentes de con-

ciliação, tendo no exercito levantes de que a fraqueza injusta mantem o fermento, e no parlamento a balburdia alimentada pelo medo vaidoso das responsabilidades. Esses errados espiritos chegam obtusamente a affirmar que, como administrador, o Sr. Wenceslão limita a sua acção a matutar idéas alheias para augmentar o numero sempre crescente das suas cephalalgias. Felizmente, o Sr. Wenceslão tinha a mensagem para confundir os incréos. Tomou da penna do conselheiro Accacio, molhou-a na tinta do brasilismo e synthetizou parte dos seus innumeros feitos.

O presidente promulgou o Codigo Civil, por exemplo. Estava prompto por vontade de Pinheiro Machado. Mas, S. Ex. assignou o decreto, consentindo modestamente que o Sr. Maximiliano, numa das paginas mais sesquipedaes da oratoria universal, obrigasse Napoleão a dividir com Braz a gloria de ter dado um codigo á Patria. O presidente tinha tenções de ficar dentro das verbas votadas. Mas, como está tudo muito mais caro, em virtude da Grande Guerra, principalmente o carvão e os fretes, assignou com immenso descortino o pedido de alguns creditos supplementares. E, na parte da administração economica, em que entrariam necessariamente medidas urgentes sobre esse mesmo carvão tão caro e de que ha tão grande quantidade no Brasil, tomou providencias «especialmente sob o ponto de vista da pecuaria».

Quer dizer que estamos criando bois, muitos bois, de repente e no papel. Criando bois como fazemos tudo o mais, pura cantiga aleatoria, como outras tantas do Ministerio da Agricultura, especie de palco lyrico onde, depois do barytono Pedro de Toledo ter cantado uma opera de propaganda internacional, o Sr. José Bezerra demittiu os coristas para cantar só em voz de baixo o *Marroeiro*, do Catullo da Paixão Cearense, ou o *Meu boi morreu...* da poesia anonyma.

Diziam o Brasil paiz essencialmente agricola numa época em que, como agora, os brasileiros não pensavam senão em plantar nomeações de funccionarios do Estado. Com o quasi fracasso do chamado delirio ferroviario, o abandono de variadas tentativas de extracção e cultivo das nossas riquezas, e uma organização governamental que embaraçou sempre e, não prevendo o futuro, desapparelhou e difficulta a vida economica do Brasil no momento de prosperidade argentina, esse sentimento georgico é de uma poesia mais tocante que o pôr do sol em Itajubá. Emquanto os paizes neutros agitam-se freneticamente para aproveitar o momento terrivel, o presidente, num final de periodo, deixa-nos entrever a philosophia pastoral de uma egloga de Virgilio. S. Ex. é o pastor, como todos os reis, desde Agamenon. Está debaixo da faia com enxaqueca. E a mensagem inteira póde ser resumida no seguinte dialogo:

—A crise de transportes é gravissima!

—Vou fazer com que o Arsenal volte a construir navios, sem augmento de despeza.

—Falta carvão!

—O Arrojado que faça umas conferencias sobre o nosso carvão.

—Os nossos productos estão verdadeiramente encravados.

—Como tem pensado muita gente boa, a fortuna está no boi. Criemos bois.

—Mas o meu boi morreu.

—Estou estudando o cruzamento dos filhos para o futuro. O boi está vivo!

—Devemos os cabellos da cabeça; os credores batem á porta! Como pagar?

—Isso depende, como disse o Calogeras, que foi a Buenos Aires ouvir o Mac-Adoo esquecer o nome do Brasil na citação das glorias sul-americanas.

—Depende?

—Da terminação da guerra...

—Mas que devemos fazer agora, já?

—Emquanto não se reune a commissão de finanças, tratemos da reforma eleitoral, porque a lei sob a qual consta que me elegeram é uma refinada maroteira.

Sim, sem o menor desejo de desrespeito, o resumo não póde ser outro. A mensagem é enorme, mas enorme como uma montanha de papelão. A respigar actos realizados encontramos paginas e paginas com trabalhos como o do

Dr. Maximiliano, que nomeou um bibliothecario para não haver na direcção de serviços identicos um funccionario bibliothecario e outro apenas sub. A' procura de idéas pessoaes, só descobrimos mais provas de autolatria ingenua e roceira. Se, emaranhados no brasilismo dos periodos, desejarmos um traçado de governo, um gesto de decisão, uma idéa energica, deparamos a mesma attitude de ausencia presente, de impenitente burocracia, de funccionalismo, de escrupulo de chefe de secção no detalhe. A mensagem póde ser um relatorio. E' um rol conselheiral, com evasivas de fazer rir crianças e vaidades de um sabor que lembra o director geral agradecendo o retrato a oleo que não ficou prompto.

Um estadista da Republica dizia-me um dia:

—Todos os grandes problemas do Brasil foram ventilados nos dois grandes periodos monarchicos. Os estadistas notaveis do antigo regimen projectaram um grande paiz. Para ter muitas idéas realizaveis bastaria ler os annaes do Congresso no imperio.

Até agora, raros são os estadistas republicanos com esses sentimentos. Mas é possivel dispensar, num documento como a mensagem, tudo menos idéas mesmo absurdas, mas idéas — a expressão mental, a ordem dos conductores, dos chefes. Entre um presidente que não sabe o que ha de fazer e um general que conta o acontecido graças ao Acaso e não indica nem a

defesa nem o ataque — ha uma completa semelhança, — angustiosa principalmente para os que estão sob as suas ordens: os soldados do segundo e o povo do primeiro...

Mas o Brasil tem uma resistencia de milagre. Sob diversas expressões quadriennaes, não ha meio de acabar de vez. Brasil-Braz é agora assim. Seja! Elogiemol-o. Diante dessa mensagem-necrologio da nossa mentalidade administrativa, ha elogios solemnes. O maior está mesmo nas primeiras paginas da propria mensagem. Ahi, Brasil-Braz é Deus, o homem providencial — o que faz lembrar aquelle rei do Egypto chamado Amasis, que, negado por alguns subditos, fundiu a estatua de um deus, fel-a banheira, banhou-se e saiu convencido de que tinha a essencia divina. O Sr. Wenceslão entrou no governo e está convencido de que salva a republica.

E é a unica idéa de toda a mensagem, além daquella admiravel inspiração da cantiga carnavalesca: mandar buscar bois para sanar as difficuldades economicas actuaes com o desenvolvimento necessariamente futuro da pecuaria.

Leiamos esse extraordinario trabalho. Está nelle o nosso pobre Brasil do segundo anno da Grande Guerra! O Brasil lugubremente alegre, arruinado, pretencioso, ignorante, vasio, romboidal, o Brasil do «deixa para amanhã» e do «meu boi morreu»... O boi não morreu. Está vivo. O boi salvará tudo. A mensagem affirma solemnemente o conceito philosophico da mo-

dinha. Em fevereiro, o povo insistia por todos os cantos dizendo se o teu boi morreu manda buscar outro no Piauhy. Em maio, S. Ex. o presidente repete profundamente:

—Ha crise? As coisas estão sérias! Já tomei providencias especialmente sob o ponto de vista da pecuaria!

Está dito tudo. Está salva a Patria!

PINHEIRO MACHADO

Ha homens contra os quaes basta um artigo de jornal. Ha homens a favor dos quaes é difficil escrever meia duzia de linhas sem cair no estylo de brinde de anniversario. A Republica Brasileira, salvo menos de dez individualidades, foi sempre o scenario onde tumultuam essas expressões humanas para as quaes o Dante lavrou o julgamento eterno de uma sentença de ferro. E se o Artista, que é o vidente da Historia, quizer entre as menos de dez individualidades encontrar e destacar aquella que mais empolgante, mais incisiva, mais poderosa foi — só póde apontar uma: Pinheiro Machado.

Ao saber do seu assassinato, perpetrado covardemente por um Bruto arruaceiro contumaz, corri á sua casa num movimento instinctivo de horror. E, atravéz a onda dos amigos, dos curiosos, dos tribunos, calcando a dor que aos meus sen-

tidos dava a dor de uma esposa, modelo de pureza, symbolo de dedicação, detentora de todas as bondades, cheguei até o corpo. E vi, depois de morto, esse homem com a mesma autoridade, a mesma força, o ar austero e decidido, sem um traço que fosse a marca de um desmaio deixado pelo ultimo suspiro da vida.

Voltei consolado. E só entre as quatro paredes de uma sala meditei a vida extraordinaria de tal homem.

Qual o Artista que lhe traçará no futuro o perfil imperecivel? Os artigos de jornal, o psittacismo parlamentar no momento de estupor da sua morte, as vociferações dos interesses que sossobram e as doçuras dos interesses que se erguem, não poderão exprimir na sua integral plenitude essa figura unica de energia e de dominio.

A vida de Pinheiro Machado foi a mais bella tragedia do Brasil. Não é possivel pensar nessa existencia sem lembrar Suetonio, o Silencioso; sem lembrar Shakespeare, sem lembrar Plutarcho, os tres grandes plasmadores de homens para a historia. Pinheiro Machado era, num periodo de dissolução, uma alma punica — alma de conquista, de lucta, de affirmação, de dominio. Elle queria. Queria em tudo, nos actos mais simples, como nos momentos mais graves. Queria. Nunca tivemos no Brasil um exemplo mais formidavel do verbo querer, com a consciencia cega de que querer é vencer, é po-

der, é dominar. Uns querem por ambição de cargos, outros querem por desejo de conquista, outros querem pelo sentimento de conservação propria. Elle queria para cristalizar na movediça onda humana permanente e sempre maior o seu querer. Sacrificava amigos, era de pedra aos rogos, alliciava os inimigos, caminhava sereno para os golpes mais arriscados por querer. E desse querer sem peias brotavam as fontes de opposição, cresciam as caudaes da raiva. E' qualidade dos homens não admittir jugos eternos. E' das democracias o protesto contra os super-homens dominadores. E' mal da politica a miseria da incaracteristica moral no vai-vem dos interesses. Na Grecia de Pericles ou de Alexandre. Na Roma de Coriolano ou de Julio Cesar. Na França de Napoleão ou da Revolução. No Paraguay de Flores ou no Mexico de Porfirio Dias. Sempre. Em todos os tempos. Em todos os paizes.

Pinheiro Machado queria com a violencia dos raros singulares, e a tal violencia correspondia o choque dos que o seu querer contrariava.

Era um patriota. Combateu pelo Brasil. Era um republicano. Deixou uma cadeira no Senado para bater-se dois annos pela legalidade republicana, que muitos naquelle tempo achavam illegal. E, usando de todos os poderes, a fascinação pessoal, a tentação da força, a placidez irresistivel, a generosidade e a seccura, o esmagamento e a brandura, continuou de querer. O

seu espirito via claramente os valores, a coragem de uns, a energia de outros, a intelligencia de mais outros, as capacidades reconditas para o mal e para o bem de cada alma. Nunca em publico a sua palavra atacou injustamente o inimigo. Avaliava. Avaliava para exigir a seu serviço todos. Havia politicos de valor? Deviam ser seus. Havia jornalistas de merito? Deviam ser seus. Havia escriptores de talento? Deviam ser seus. E o serviço que lhes exigia era o de reconhecerem nelle o tremendo valor que era de facto.

Dessa attitude nasceu exactamente a opposição á sua figura. A opposição é ateada por pessoas que podem mudar. Mas o incendio está já na grande massa que jamais reflectiu; e como, se uns abandonam o ataque, outros não deixam de apparecer para soprar a fogueira e alastrar as chammas, deu-se com elle o que sempre se tem dado com homens de tão grande força: a opposição augmentou, alastrou, cresceu. A' proporção que o seu poder augmentava, os intelligentes com independencia recusavam o seu dominio, os desejosos de vencer fugiam á trama da sua fascinação, os pescadores de aguas turvas gritavam, os que não têm o que perder vociferavam e a multidão, sob a suggestão do protesto diario, augmentava a opposição.

Terso, forte, querendo, quanto mais a onda crescia, mais serenamente elle insistia. Não comprehendia cair para se levantar. Comprehendia

apenas estar de cima. A resistencia era-lhe apoio. E attendia a uns, fingia não ver coisas a que não daria o seu consentimento, dominava e arcava com a responsabilidade, sem tergiversações de actos contra os quaes protestaria se os quizesse ver.

Ninguem poderá dizer o seu valor administrativo se a lucta politica pelo dominio não o prendesse a existencia toda. Ninguem poderá affirmar a sua efficiencia para o progresso do paiz. Cada novo presidente era uma campanha para elle como a tomada de Varsovia ou como a resistencia franceza de Joffre no Marne. Não viu senão o poder politico. Affonso Penna, cercado pela mocidade intellectual que tinha por idéal o poder nas mãos do presidente, resistiu. Para vencel-o, Pinheiro Machado acceitou Hermes da Fonseca, Hermes da Fonseca, trabalhado por elementos diversos, resistiu. Para vencel-os, a sua vontade, o seu querer, a sua energia centuplicaram-se. Aceitou a culpa de todos os erros. Quando tinha um presidente seu amigo, todos os ministros seus amigos, era impossivel reter consequencias de uma victoria tão custosa.

O orgulho — e nunca a sua prudencia e o seu temor da responsabilidade, como diziam muitos — levou-o a não aceitar a presidencia da Republica, porque se considerava acima de qualquer cargo, encarnação da Republica, Defesa, Baluarte do Regimen. Era a Ordem. A sua honestidade pessoal, a sua imperterrita coragem dian-

te da deshonestidade e da covardia ambientes faziam-n'o julgar-se o proprio Poder Salvador, á proporção que a opposição mais augmentava.

Só ahi comprehendeu o desastre do Brasil, desastre quasi irremediavel. Fôra sempre contra os gastos, fôra sempre patriota, fôra sempre o maior desejo de ordem e de progresso para a patria. Mas sem planos definidos. O torvelinho politico fizera a sua influencia no sentido administrativo variavel e alheiado. Era como um homem que deixa o encargo de administrar a casa a outros, e, tendo de dominar a ambição dos administradores, cuida mais do dominio do que da administração periclitante. A opposição preoccupava-o, absorvia-o. E quando, no ultimo instante, viu integralmente o cataclysma, julgando possivel ser obedecido em tudo — a sua vontade era que afinal ouvissem tambem o conselho e a ordem para a salvação do regimen de que se julgava a propria encarnação...

Os actos saem ás vezes ao contrario das intenções.

Só os frivolos e os levianos terão a fatuidade de querer desde já definir o bem ou o mal, resultantes do dominio convulsionado da força desse homem para o Brasil. Os amigos dizem:

—A Republica está perdida!

Os inimigos asseguram:

—A Republica está livre!

A mim interessa-me apenas a creatura, a victoria conseguida diariamente por elle. Como

todo o Dominador, Pinheiro Machado não supportava a ironia. Eu não o elogiei nunca em vida. Mas a ironia com que, a cada passo, em doze annos de trabalho, o seu nome apparecia nos meus escriptos, era a prova da irresistivel fascinação, da tremenda affirmação que era elle. Não só para mim. Para todo o Paiz. Pinheiro Machado tornou-se a idéa fixa da Nação inteira. Com amor, com medo, com hypocrisia, com odio ou com independencia, ninguem poderia deixar de pensar nelle. Apenas, senhor de uma cadeira, como a que tem o senador Gervasio, elle era absolutamente o Senhor — o que nunca foi vencido.

Lembro-me que quando se deu a colligação, na lucta para a actual presidencia, exprimi o meu sentimento quanto a anarchia intensa de tal bando. Pinheiro Machado desejou falar-me. E na sua casa, placido, sereno, depois de ser a propria hospitalidade, teve apenas uma frase que lembrava a minha ironia.

—Creio que faz agora outro juizo do Pinheiro Machado.

O meu juizo era o mesmo de sempre. Continuei a mantel-o e, sem escrever uma só linha de louvor, assisti á victoria sobre a colligação, assisti a todas as luctas para a conquista do governo Wenceslão — que a sua força firmava. Por ultimo ia visital-o ao Senado pelo prazer de ouvil-o. E ha um mez precisamente, de cravo vermelho ao peito, grossa perola na gravata,

inventariando forças politicas, para mim que elle sabia odiar a politica:

—Morro na lucta, menino. Elles matam-me. Mas pelas costas: são uns «perna-finas». Pena é que não seja no Senado, como Cesar.

Meditou, balançando a perna, emquanto desfazia o cigarro. E grave, como uma promessa:

—Ha de ser na rua. Mas morro em defesa da Republica.

De facto, detentor de toda a sua força, a força que elle queria, a força definitiva de supremo chefe, tombou victima de uma punhalada vibrada pelas costas, mas com a altivez, a esmagadora consciencia do seu eu, exclamando:

—Apunhalaram-me. Canalha!

Ha final de tragedia mais admiravel? E quando, emquanto homens choravam e bradavam, e estendiam a mão espalma em juras sobre o seu corpo, eu vi no cadaver, naquella rijeza ultima, a mesma sobranceria, a mesma altivez, o mesmo rictus labial de superioridade, a mesma calma — não recordei artigos de jornal, odios, paixões que o formidavel Querer sublevara. Pensei apenas em certas attitudes derradeiras que estão em Suetonio, o Silencioso, estão em Plutarcho, estão em Shakespeare, os tres grandes archeologos da singularidade da alma humana.

Não façamos necrologios. O necrologio é para os vulgares. Não tenhamos a vã pretensão de juizes imparciaes. Demos, nós, sem appetites po-

liticos e sem interesses politicos, treva á opinião ardente de uns e de outros. Não discutamos o bem e o mal que foi para o Brasil a figura de Pinheiro Machado. Nada mais serio do que pensar com justeza e julgar sem idéas nos periodos de convulsão. Roma inteira odiava a soberba de Coriolano. Bruto achava a salvação da patria na morte de Cesar, o mais perfeito homem da terra. As nações colligadas julgavam Napoleão como o proprio horror...

Não quero comparar Pinheiro Machado nem a Cesar, nem a Coriolano, nem a Napoleão. Quero accentuar o vasio dos conceitos sem o sulco do justo tempo — para destacar apenas a verdade psychologica do homem que vão a enterrar. Bom ou máo, elle foi a personalidade mais affirmativa do Brasil. Cheio de erros ou de bens, elle foi o exemplo mais tenaz, mais agudo, mais esmagador do Homem que quer, para além do bem e do mal. Brasileiro, elle é até agora o expoente maximo do dominio permanente sobre os vagalhões de uma democracia anarchizada. Homem, elle é a expressão integral da prodigiosa força que eleva os excepcionaes: a força do querer.

E com odio, amor ou indifferença, culpando-o de todos os desastres, ou julgando-o o salvador do regimen, rangendo os dentes, sorrindo ou chorando, ninguem deixa de ver desde já que elle viveu como queria, que elle agiu como que-

ria, que elle tombou como queria, resôo dos gritos de um paiz inteiro, acima de todos...

O homem nasceu para dominar. E' feliz aquelle a quem só a Morte arranca o supremo dominio. Porque é na vida a excepção e o unico que no pó interessa e empolga e prende e domina, como se vivesse e dominasse e mandasse.

Pinheiro Machado fica o singular, aquelle que exprimiu, não a vontade da turba, mas a imposição arrebatadora de uma vontade maior que todas — a sua propria vontade.

"Minha terra e minha gente"

Ha mais de dois annos não vejo Afranio Peixoto, senão em photographia. Ha mais de dois annos não sei dessa luminosa actividade senão pelo que ella produz, sempre excellente, quasi sempre perfeito. De planos, de projectos, absolutamente nada.

Nem eu, nem elle, em campos diversos, temos horas para conversar. Apenas vive a indestructivel amisade — a que se fórma da attracção exercida pelas intelligencias de facto superiores. Afranio Peixoto, como alguns outros raros, sabe préviamente que, no mesmo estagio de civilização, a minha intelligencia corresponde logo e em harmonia ao appello da sua. Ha meio seculo chamavam ainda a esses accordes mentaes — affinidades. E é de notar que nas gerações propulsoras os mesmos factos se repetem como se cada época tivesse uma atmosphera idéal, onde os espiritos se comprehendem sem difficuldade.

Assim, eu não sabia que Afranio Peixoto escrevia um livro como o *Minha terra e minha gente*. Mas, esperava esse livro, escripto como está elle escripto, tinha certeza desse momento da obra do cerebro admiravel.

Por que?

Nós não fazemos o que queremos. Antes, obedecemos sempre a secretas imposições dos deuses, que são os sentimentos esparsos em choque com os nossos sentimentos. Todos os homens têm tres crises de projecção, de expansão. A primeira é a crise da adolescencia, a crise amorosa. Não vemos o mundo, vemos a mulher. Os symbolos dos grandes livros são cheios de ensinamentos. Na Biblia, Adão começa por trocar o paraiso pela mulher. A mulher faz tudo quanto quer. De bom e de máo. Depende da mulher a salvação dessa primeira crise. Ha homens que ficam eternamente nella. Outros têm-na como etapa ascensional. Os povos repetem os homens. Ha civilizações, como a nossa, fluctuantes exactamente no periodo amoroso — o do desejo inquieto de agradar sem pensar em si mesmo. A segunda crise é a do orgulho masculo. O homem só vê a sua pessoa, a sua obra, a sua gloria. O mundo é um vasto espelho a reflectir a sua personalidade. Tudo quanto faz está acima da craveira geral. Elle ensina, elle guia, elle doutrina, ella cria a Belleza, elle tem todos a seus pés. Essa crise, que póde perder os fracos em vaidade, viriliza ainda mais

a alma dos fortes, dos que vieram ao mundo para dizer alguma coisa. E prepara difinitivamente a terceira crise, que é o amor da patria, a fixidez consciente dos idéaes do solo, a integração na abstracção geral da raça.

Não ha um homem de vinte annos que comprehenda e ame a historia. Não ha patriota consciente na adolescencia. Ha, quando muito, amorosos da patria, «don-juans» do heroismo, perplexos diante de uma bandeira como diante da amante. Patriotismo na adolescencia é illusão de amor, porque patriotismo só existe em plena virilidade, como um sentimento absorvente de complemento do proprio homem. E então, o mundo inteiro vive, mesmo contra a nossa vontade, dentro de nós, o tempo não existe porque encaramos o passado, o presente e o futuro, contemporaneamente, e cada um de nós, julgando-se portador de um legado ardente, soffre e anima-se, aconselha e almeja continuar a cadeia da raça; é um coração entre o orgulho e a esperança. Nesse momento nada é indifferente ao homem. Elle completou-se. E, duce ou mestre, projecta a sua força para o esplendor futuro da patria.

A nossa geração, geração de poetas, prosadores, politicos, de homens de talento, emfim, a geração que já fez trinta annos e venceu triumphalmente, quer no Brasil, quer em Portugal, está em plena terceira crise, a da perfeição, a da que não póde jámais escapar o homem

superior. Basta ouvil-os. Basta lel-os para termos a deliciosa certeza. E Olavo Bilac ou Antonio Correia de Oliveira, Affonso Lopes Vieira ou Celso Vieira, Victor Viana ou Julio Brandão, todos os cumes accendem os mesmos pharoes da chamma patriotica. O accorde é tão perfeito no mysterio da vida, que a mesma noção harmonica de patria prolongada existe nos escriptores de indole diversa, aqui e em Portugal. No momento em que apparece o livro de Afranio Peixoto, João de Barros, grande poeta e autor de varios livros de pedagogia, escrevia o incandescente artigo sobre o patriotismo luso- brasileiro...

Os grandes sentimentos não se falsificam. E' impossivel fingir patriotismo como é impossivel fingir um grande amor. Tudo vem a seu tempo e sempre é uma aspiração secreta da raça que enche de profundez de repente a voz dos poetas, ou modifica em fé o scepticismo dos prosadores elegantes — o scepticismo, a mais amarga expressão das esperanças desfeitas. Afranio Peixoto, espirito culminante na geração, voltando-se para as crianças e escrevendo como quem ensina de vagarinho a noção da patria, é dessas provas irrefutaveis da crise da alma que integralisa os excepcionaes.

Por que escreveu Afranio Peixoto o *Minha terra, minha gente?* Todos nós o conhecemos com a scentelha divina, protegido dos numes. Elegante, airoso, com uma intelligencia mathe-

matica e um talento de fogueira, ao serviço de uma actividade sem par e de uma gentileza sem desfallecimentos. Tinha feito um livro que diziam doido. Chegou para reformar o hospicio com Juliano Moreira. A sua obra foi admiravel. Logo todos sorriram e o estimaram. Não ha nada que elle não faça melhor. Inclusive o egoismo dos homens. Entrou assim para a Academia. Mas, um dia quiz fazer um romance e fez um dos nossos mais bellos livros — *A Esphinge*. Depois resolveu fazer um manual de medicina legal e fez o melhor tratado dessa materia nos tempos contemporaneos. Professor, artista, escriptor, polymorpho engenho, os governos servem-se delle para fazer ou regularizar certos departamentos scientificos e elle passa do hospicio para fazer o gabinete de medicina legal, como deixa o gabinete para dirigir a Escola Normal. As portas abrem-se-lhe. Não ha odios, não ha invejas, não ha competições. Elle transforma ou cria, fazendo admirações e amisades. Mesmo a casta dos literatos mediocres, tão abundante entre nós, mantem na sua totalidade um silencio de pasmo. Elle scintilla como um diamante ao sol. E' o espirito venturoso. E, fino, polido, ora escreve coisas graves, ora deixa as coisas graves pela futilidade, sem perder o interesse, o encanto, a viva chamma do engenho.

E' nesse momento que o atheniense da *Esphinge*, que o mestre louvado nas academias,

que o autor da *Judith*, o genio feliz e applaudido, sente o grande choque da idéa nutriz dos povos e volta-se para as crianças e escreve para crianças, como se falasse ás crianças a historia pequena da sua terra e da sua gente. De que tremendas verdades subterraneas se fez a eclosão dessas flor singela! Como essa flor súa sangue e arde esperanças! Que estranho esforço o de voltar á simplicidade virginal do estylo para dizer á infancia que é Parcival: — Toma esta fé no entendimento da tua terra e da tua raça. Só assim conquistarás a lança da gloria!

O nosso patriotismo é o do primeiro estado da civilisação: amoroso, theatral e inconsciente de responsabilidade. Ou o desalento sombrio ou o lyrismo gongorico. Os cidadãos que escrevem para crianças, ou lhes amassam o cerebro com ferreas chronologias, ou se fazem autores de melodramas. Uma geração, a nossa, estabeleceu o principio de que patriotismo é querer a sua patria igual ás maiores, sem as copiar. Para isso é preciso conhecer as origens, sentir o sangue, comprehender os erros para amar conscientemente melhorando. Afranio Peixoto escreve justamente no seu prefacio taes idéas. Não só no prefacio. Ellas vivem arterialmente em todo o livro.

Antes de falar de sua terra, elle fala de sua gente. Essa gente é a portugueza. O genio portuguez é tão nosso como de Portugal. Nós so-

mos os descendentes dos portuguezes que vieram ao Brasil, somos no sólo a raça conquistadora. Temos enormes responsabilidades para com o passado. Uma dellas é a lingua. Só depois de estudar a origem da nossa gente elle fala da terra e da historia dos homens portuguezes e brasileiros na terra. Vai assim, tranquilo, calmo, ensinando. Mas, quando começa a tratar da nossa independencia economica, é impossivel dominar o seu desejo diante do perigo. Então, nesse livro para crianças, explode bem do fundo o patriotismo necessario, apontando erros, apontando vicios. E' como se dissesse:

—O Brasil tem de ser grande. Mas é preciso acabar com estes erros que aponto e pensar em fazer um povo igual aos maiores. Nada de de lirismos. A verdade é um cilicio — força a fé.

E pela primeira vez em livros de educação civica, com clareza e simplicidade admiraveis, conseguindo a synthese ao alcance de qualquer cerebro, Afranio Peixoto diz o bem e diz tambem o mal, todos os males da falta de administração na Republica. Depois de cital-os um a um este aviso que fustiga as consciencias:

—«E' difficil fazer comprehender aos brasileiros que ha uma sciencia ou arte da administração, talvez a mais complicada, para a qual se requer tirocinio e capacidade.

Só a instrucção diffundida, que cria uma consciencia collectiva, capaz de escolher e impor

homens idoneos, nos daria bons administradores... Por isso, á medida que baixa o nivel della, augmenta o desgoverno do Brasil. Na Republica tem então havido periodos nefastos.

Cumpre, como medida de salvação publica, cuidar da instrucção primaria, da instrucção profissional, da educação moral e civica, sem as quaes os povos degeneram na barbaria passiva, preliminar da submissão aos mais capazes».

Ha quanto tempo se dizem taes coisas ás crianças grandes? A geração futura, desde a escola com a idéa do que terá de fazer, melhorará? Afranio Peixoto diz toda a verdade sempre. Em poucas paginas fala da raça, das componentes do typo brasileiro. E' duro para ser bom. A nossa mistura é agudamente tratada. Como Guerra Junqueiro, que, no Porto, se interessava, ha oito annos, pela unidade do typo brasileiro, Afranio, depois de mostrar que habitamos um deserto, escreve sobre uma possivel psycologia do typo brasileiro — massa em que ainda não se caldearam elementos antagonicos, e conclue:

«A fusão lenta das misturas mal feitas ainda, a selecção reiterada da cultura, a disciplina forçada da vida social, farão dessa massa um povo forte, são e feliz? O esboço de hoje dará um povo voluntarioso, sentimental, intelligente, digno da terra e do tempo em que viver?»

Desillusão? Tristeza? Duvida? Não. Este livro é bem um livro de amor consciente, é o pe-

queno livro immediato e imperecivel, attestado d'alma de uma geração de energia e de gloria, condensando todas as nossas aspirações nervosamente espalhadas. Afranio Peixoto enfeixou-as á maneira de aquelles ramos que os antigos davam ás crianças como symbolos-guias da vida. Elle o diz de modo pathetico no derradeiro capitulo — *O que é uma nação.* Os homens de amanhã devem saber todos os males e os remedios para não se encontrarem, como nós, no grande momento, sem saber bem o que havemos de fazer, cheios de orgulho e de humilhação, sem sermos ouvidos no desejo de uma grande patria. Para que ella seja igual ás maiores, ha exemplo de patrias que se fizeram e se fazem: Estados Unidos, Argentina, Canadá. Abramo-nos aos estrangeiros, ás torrentes de imigração, entregando a terra aos peregrinos de boa fé, sabendo resistir pela lingua e dominar pela influencia moral. «Um povo é uma identidade de espirito manifestada numa lingua commum.» O que é preciso é tornarmo-nos praticos, deixarmos as utopias, os desdens vãos, a poesia, o parasitismo; o que é preciso é que o Brasil deixe de ser — ó phrase cruel e tres vezes verdadeira pela culpa dos homens! — *uma immensa carta sem endereço.* Precisamos saber e respeitar quem a poz no correio, isto é, amar e respeitar o nosso passado; precisamos conhecer o que ella póde conter, temos a obrigação de lhes pôr o endereço

para que ella chegue onde desejamos que ella chegue. «Um Brasil prospero e eterno, que honre a cultura greco-latina, as tradições luzitanas, a sua propria historia, das quaes deve ter legitimo orgulho, que propague e cultive a lingua portugueza, da qual é depositario, e já hoje o maior responsavel, deve ser, para começar, um povo instruido e educado.

Só ha um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: *saber*. Não ha outro meio de o conseguir: *querer*.

E de toda a obra polymorpha de Afranio Peixoto, ninguem poderá deixar de dizer que é esse livro da *Minha terra e minha gente* aquelle que diz mais profundamente o homem e o seu coração e a sua intelligencia na hora integralizadora, em que acima do tempo amamos a nós mesmos, ás origens, á raça e ao futuro — amando a Patria.

Um Capitulo de Tacito...

Com lentidão grave o homem desembrulhou um rolo de pergaminho.

—Sei quanto V. Ex. vai ficar admirado. Tacito era um sujeito muito importante e cheio de pretensões. Gostava immenso de reclamos. Nós acabamos por saber tudo quanto elle fez: as *Facecias*, a vida do sogro, as *Historias*, os *Annaes*. Sabemos mesmo o que pretendia escrever se não morresse. Mas não consta que Tacito tivesse escripto de um periodo imperial desconhecido. Foi, pois, com surpreza, depois de reconhecer o estylo de Tacito, que encontrámos este obscuro trecho de capitulo, com certeza pertencente a um ignorado livro das *Historias*.

V. Ex. não pergunta como descobriu este palimsesto? Foi na bibliotheca de um convento da Bahia, trazido de certo ha uns quatrocentos annos. E', aliás, muito anterior. Talvez uma copia do anno 900. O Brasil é novo e sem surpre-

sas só para quem quer. Mas quem procura encontra cá uma porção de descendentes de principes, quadros preciosos e mesmo originaes latinos ou gregos, que até agora julgavamos perdidos.

Estou a aborrecer V. Ex.?

—De modo algum. Apenas sinto uma certa curiosidade em ver o capitulo de Tacito...

—Eil-o aqui. Para poupar trabalho, trouxe-lhe uma tentativa de traducção. Deixo-o com V. Ex. a ver se acha interessante a sua publicação. Posso voltar amanhã?

—Póde.

O homem saiu. Eu tomei de uma lente, e comecei a decifrar o pergaminho medievo. Era apenas um fragmento. Começava assim:

—Potentia principatus divisa in M. Fonsecam, consulem et I. Gomem Machadum legatum. Nec minor gratia Lacerdae quem annullis donatum, equestris nomine Mauritium vocitabant...

Esfreguei os olhos. Tornei a ler. Desconfiei do meu latim, tomei a traducção e li esta coisa espantosa attribuida a Tacito:

XX — O poder imperial estava dividido entre M. Hermes, consul e J. Gomes Machado, general. Tinha grande influencia Lacerda, que recebera o anel de ouro e entre os cavalheiros tinha o nome de Mauricio. Mauricio pertencia a uma familia de evidencia nas questões publicas e a sua intelligencia, ainda impubere, era auxiliada por uma grande ambição. O imperador Hermes,

fraco, com medo, dividia-se entre M. Hermes e J. Machado e a desordem na Republica era vergonhosa. Não se falava noutra coisa graças á licença da opinião — *licentia ac libidine talia loquentia*. A coragem e ambição de Mauricio impelliram a sua alma de patriota a abandonar os estudos, com tanto brilho apenas iniciados, para conquistar os cargos em que a sua juventude fosse util. O imperador Hermes aceitou-o a seu lado. Ignora-se se a escolha foi espontanea ou, como alguns dizem, arrancada por instancia de Nilus, ligado por amisade a M. Hermes — *seu propria electione sive, ut, quidam crediderunt, Nilo instante cui exercita cum M. Hermes amicitia.*

Mauricio, cheio de ardor, tomou decididamente o partido de M. Hermes contra J. Machado e quando se iniciou a renovação dos tribunos, sentiu a necessidade de pertencer a esse corpo da vontade popular. A miseria moral da Republica era cada vez maior. A ambição, a traição, a ignorancia grosseira, alastrava-se sob a fórma de bajulação. Os discursos do imperador eram acompanhados de caricias e presentes. Os tribunos, os centuriões, os soldados, respondiam com felicitações. Unicamente o representante das oratorias do Senado, R. Cicero Barbosa, protestava. O povo, despojado dos seus direitos, murmurava apenas — *Nec populus adeptum jus questus et, nisi inani rumore...*

Mauricio, com a força ao seu lado, o apoio das legiões, o carinho do imperador e abusando da violencia, fez-se proclamar tribuno do Rio de Janeiro — flummen januaria — e assim surgiu com alguns outros jovens desconhecidos a prestigiar o imperador, ao lado de M. Hermes.

Mas, fosse por verdadeiro amor á sua patria, fosse, como diziam alguns, porque satisfeita a sua ambição de posto, maior se lhe tornára a ambição de renome popular, dentro em pouco, com todos os outros jovens, rebentou tremenda opposição ao imperador e a J. Machado, ficando logo em plano superior a M. Hermes, que, desilludido de ser o unico poderoso, abandonava tambem o imperador...

E a sua oratoria deu á lingua latina um verbo novo, dando á Republica, a metamorphose da vacca. O tribuno exclamava sempre: — Extamos avaccalhados! — *Avaccati summus*...

XXII—Entretanto, Mauricio, da familia illustre dos Lacerdas, apesar dos seus tenros annos e de um impeto sem experiencia, ao passo que crescia em fama, sentia não só o seu isolamento como a a inutilidade dos seus gestos tardios, Em presença das cohortes reunidas, diante dos padres conscriptos nos centros de Roma, agitando as classes, invectivava a cada instante sem descontinuar o imperador Hermes e J. Machado. Talvez quizesse a revolução, que lhe daria, pela sua evidencia, decerto, a posição de consul, ou de pontifice. Mas, a opposição com R. Cicero

Barbosa á frente, era uma phalange de orgulhosos sem cohesão para a lucta; os que tinham formado outros votos por elles apenas mostravam zelo e os indifferentes (o maior numero) especulavam as suas homenagens sem dar um pensamento ao Estado — *medii ac plurimi, obvio obsequio, privatas spes agitantes, sine publica cura.*

XXIII—O imperador Hermes temia a revolta ou o assassinato. O desrespeito do povo era cada vez maior em commentarios e risos mordazes, que chegavam até os recessos do palacio. J. Machado, unico dominador, sentia a necessidade de uma outra magestade em que se apoiar, em virtude da idade avançada de Hermes.

Era preciso que Hermes adoptasse, na familia politica, como era de praxe desde Augusto, um substituto, elevando-o á dignidade de herdeiro. Os partidos se multiplicavam. Todos os homens publicos julgavam-se dignos desse posto.

Hermes não sabia a quem escolher, desejoso de fazer como Augusto, que escolheu varios até chegar a Tiberio. Mas, J. Machado, desejoso de fortalecer o seu poder, pensava em um homem que estava na montanha, no paiz dos mineiros, simulando viver de caça, pesca e fabricação de tecidos. Foi elevado W. Pereira, da familia Braz, que já tinha sido proconsul e era consul. Mutuas investidas entre o Senado e os legionarios de Machado e os tribunos do povo ameaçavam a paz dos ultimos dias de Hermes, se W.

Pereira não mostrasse um silencio capaz de dar esperanças a quantos a reflexão menos risonha não se mostrava.

XXIV. Terminada a lucta improficua, no periodo final da molle tyrannia de Hermes, quando a desordem corria as ruas e os crimes se succediam contra a causa publica, o joven tribuno Mauricio redobrou de violencia, protestando e gritando. A' proporção que ia chegando o coroamento de W. Pereira, pela renuncia do velho imperador, via os seus companheiros irem aos poucos cessando de discursar.

Ficara R. Cicero Barbosa, no Senado, até ao fim com a sua oratoria admiravel, de que as contingencias politicas já tinham cancellado algumas paginas. E ficara elle com a juventude arrogante que muita vez suppre o preparo — protestando. Do paiz dos mineiros vinham descendo gente a tomar os cargos publicos, em virtude da fama de honestidade que elles proprios tratavam de publicamente se attribuir. Das hostes em que militavam iam partindo para o apoio do governo os mais aguerridos soldados. E Mauricio, de que todos falavam, até as criancinhas, com sympathia, sentiu ainda mais que estava só no espectaculo, sem apoio efficaz.

Mas, uma esperança enchia-lhe a alma: ver o fim de J. Machado. O que os mineiros fizeram por medo, Mauricio fez por enthusiasmo — *quod minae formidine Mauritius gaudio fecere.*

XXV—W. Pereira substituiu Hermes, sem definir preferencias, fazendo discursos em que pedia o auxilio geral para salvar a causa publica. A escolha dos dignitarios de palacio, recaiu, entretanto, na maioria dos amigos de J. Machado. W. Pereira agira assim por timidez e pelo terror de ver realizada a deposição prognosticada pelos auruspices. O seu desejo era não ser dominado por ninguem; a sua fraqueza obrigava-o a aceitar o dominio de quantos delle se apromavam, de modo que ninguem mandava e todos mandavam. Os odios populares, acirrados pelos que queriam alijar o poder de J. Machado, explodiam, ameaçando o fim do governo de W. Pereira, e o tribuno Mauricio não sahia da tribuna, quando um assassino torpe apunhalou pelas costas J. Machado. Em uma cidade presa da discordia, onde a mudança de principe tornára indeciso o limite entre a licença e a liberdade, as menores questões excitavam grandes agitações. O assassino de J. Machado, subitamente esgotou a excitação. Uma indifferença morna succedeu a essa morte. O governo continuou perplexo, a causa publica ao abandono. Todos os politicos a emulação os dividia em ver quem mais lisonjeava e fazia a vontade do principe que não tinha vontade, mas, successivas vontades, com medo de ter uma vontade. O povo era a unanimidade indifferente.

XXVI—Mauricio sentiu que errara. O seu trabalho de destruição de nada servira á Republica.

Os impetos da sua juventude, gastara-os inutilmente a gritar tentando em vão reanimar pelo civismo dos antigos tempos o corpo agonizante da Patria. O que lhe parecera incentivo era apenas applauso; o que lhe parecera enthusiasmo era apenas covardia das multidões, alegres de encontrar um responsavel para a vingança, quando os ataques pedissem reacção. Sua obra de quatro annos, ninguem della se lembrava e as suas orações, diante das mesmas calamidades, ninguem as ouvia. Nem mesmo os que, devido ao seu esforço indirecto, subiam, delle se lembravam para um cargo mais alto. Roma sossobrava na invasão de habitantes do paiz dos mineiros, avidos de occupar todos os cargos para que os cargos se tornassem honestos. Então, indignado, o tribuno Mauricio comprou no seu municipio uns campos, e encontrando no Forum alguns seus antigos amigos, disse-lhes solemne:

—Vou amanhar as terras, abandono a causa publica e os seus homens. Mais valerá ao Estado um bom campo lavrado, que a esteril charneca em que afundamos.

E afastou-se sem que ninguem protestasse.

Assim terminou a sua vida politica na idade de vinte e sete annos. Sua familia saiu do municipio de Vassouras. Seu pai fôra consul. Seu avô pretor. — «Hunc vitae publicae finem abuit septimo et duodecimo ano. Origo ille e municipio Vassourae. Pater consilaris, avos proetoris...»

Assim acabava o curioso manuscripto, que,

se não era de Tacito, tinha pelo menos frases inteiras do amigo de Pinio, o joven. Guardei-o com cuidado até o dia seguinte, marcado pelo velho veneravel para que o restituisse com a minha opinião.

O velho realmente appareceu.

—Que diz?

—E' espantoso!

—Acha que devo publicar?

—Não. E' de Tacito. Mas a nossa Republica está tão parecida com a decadencia romana, que parecerá uma allusão.

—Se é historia!

—A historia, segundo Aulo-Gellio, é a narrativa dos factos contemporaneos. E V. deve saber que é tambem a significação da palavra grega... Mas, não é só por isso. V., ou antes Tacito, diz aqui que assim terminou a vida de Mauricio. O manuscripto está incompleto. Eu juraria que, no paragrapho XXVII, Mauricio reapparece lavrando a terra e, por desfastio, acabando ministro pratico, como Bezerra, Josephus, Vaccinae, saccaris imperator...

O velho olhou-me, sisudo, tossiu, ordenou:

—Publique. A historia é a narrativa dos factos contemporaneos. Se acontecer encontrarmos o paragrapho XXVII, Tacito continuará...

E tal era a sua severidade, que tenho a ousadia de trazer ao publico do anno de mil novecentos e quinze esses periodos escriptos de certo, na época de Trajano.

FABULA GREGA

O gigante da Cilicia, filho da Terra, repousara o seu corpo monstruoso feito de milhares de braços, de nastros convulsionados de serpentes, de animaes possiveis e horridamente fabulosos, quando ouviu uma voz:

—Typhéu!

Era a voz da Terra, voz materna, voz de sangue.

O gigante da Cilicia era a força medonha, mas inconsciente. E nas suas infinitas cabeças os fumos das coleras empanavam os vislumbres da intelligencia. Era tremendo. Era inutil. Poderia vir a ser prejudicial.

—Typhéu!

—Typhéu!

O gigante, ao segundo chamado, voltou-se. E a Terra murmurou:

—Zeus Omnipotente esqueceu ali, naquella rocha, por alguns minutos, os raios supremos, for-

ça do ar e do fogo. Se estenderes os braços, poderás roubar os raios. Zeus sem raios não vale nada. Tu serás tudo, maior que Zeus. Rouba-os.

Disse. E Typhéu estendeu os braços, apanhou os raios, sacudiu-os por acaso. A esse gesto, o Olympo estremeceu, fendeu, montes ruiram com fragor e os deuses todos precipitadamente largaram pelo espaço numa fuga vergonhosa. Outro qualquer nascido para taes coisas teria com tranquilidade subido ao Olympo, restabelecido a ordem e governado. Typhéu, gigante da Cilicia, ignorava tudo. E assim ignorando, nem comprehendeu o valor dos raios, nem a causa da fuga celeste. Ficou louco de colera. Uma nuvem de furia escureceu-lhes os milhares de olhos e as milhares de gargantas tonitroaram a um tempo:

—Mato-os todos!

Os deuses haviam desapparecido metamorphoseados em bichos. Typhéu, em furor, queria quebrar tudo, destruir, matar, cevar o instincto multiplo das destruições. Com os raios de Zeus julgava esses raios atrapalhadores. Escolheu, pois, o reconcavo de uma rocha, guardou-os lá bem guardados e veiu a correr, resolvido, num arranco de horrida ferocidade.

A principio virou-se para o céo. Os seus braços tocavam o sol. Jogou longe Cynosura, arrancou a crina da Ursa de Parrhasio, arrastou em farrapos a estrella da manhã, torceu o pescoço da

Aurora, desventrou o corcel das horas, precipitou os dois Peixes no oceano, flagellou o Capricornio, varreu com as mãos multiplas constellações, estrellas solitarias e desse torvelinho de sóes as serpentes chiantes da sua cabelleira faziam a Treva. E na Treva, o gigante misturava os ventos, arrancava do fundo do mar o carro de Neptuno e lançava-o contra o disco do sol, e o echo registava o clamor das sete Pleiades nas sete zonas do céo sobre a queda dos astros fixos e das estrellas errantes.

Para que fazia Typhéu, filho da Terra, tão estupida devastação? Não sabia! Em trapo o céo, voltou-se contra os mares. Reuniu numa só mão Tarso e Cyndus. Quando se ergueu nas ondas, os pés tocavam nas algas dos abysmos emquanto o ventre roçava as nuvens do ar. E arrancando pedaços de continentes, erguendo columnas d'agua colossaes, o gigante atacou o céo com o mar, — na furia de destruir céo, mar, terra e ar.

Depois repousou um instante. Não matara os deuses e só conseguira desarranjar o mundo. Estava tudo quebrado ou fugido. Mas, que importava se não podia comprehender o desastre? Typhéu, o gigante de Cilicia, ia governar, segundo Zeus, a immensa ruina. Então correu ao rochedo, a tomar dos raios. Apesar de tantos braços custou a erguel-os. Quiz fazer o trovão que é a ameaça da autoridade. Ouviu-se apenas um leve murmurio. Quiz fazer o raio, que é o

gladio da acção. Em vez de raio tremeluziu um lume breve e fumarento. Ha uma profunda differença entre a furia cega e a segurança da autoridade. O filho da Terra fizera fugir os deuses, estragara tudo, tinha uma força extraordinaria para a destruição. Mas, com os raios na mão, em vão se esforçava.

Zeus, que todo esse tempo pela terra andara disfarçado, meditou o meio de rehaver o seu antigo poder. Não era possivel luctar face a face. Não era possivel contar com os deuses já adorados em fórma de bichos noutro logar. O filho de Saturno pensou em Cadmus, sujeito de uma raça de gente sabidissima e que conquistara quantos lhe appareciam com a gentileza. E pensou em Cadmus, vendo-o passar com Pan e o aligero Eros. Então, como o gigante Typhéu caminhasse para a montanha, Zeus abriu-se tranquilamente aos tres personagens:

—Meus caros, eu sou o esposo de Juno. Não sorriam. Sei que não valho nada. Mas, como com esse gigante incapaz não ha canto do orbe que não vibre de inquietação, e tambem vocês não valem nada, é possivel notar o lucro geral das instituições se Pan for bom e Cadmus arguto.

—Que fazer? indagaram Pan e Cadmus.

—Arrancar os raios das mãos do gigante. E' inutil sorrir. Eu explico. Se Cadmus apparecer, Cadmus, o amavel Typhéu que vem ahi, não o deixará vivo um minuto. Mas Cadmus é intelligente. Pan empresta-lhe os trajes de pastor

e a frauta do amor universal. Cadmus fará o pastor modesto e timido, tocador de avena. Typhéu vem desesperado, e querendo pelo menos a bagagem mais facil do mundo, que é o prazer. Ouve Cadmus. Cadmus foge. Elle quer ouvir mais. Cadmus treme e modula. E quando em extase estiver o gigante, eu tomo dos raios e restabeleço a ordem natural das coisas, liquidando com o gigante. E' Zeus que pede!...

Pan sorriu. Cadmus acquiesceu por uma questão de exercicio. E quando Typhéu surgiu, Cadmus, que modulava sons encantadores, fingiu que com medo corria. Typhéu gargalhou:

—Pastor, ó pastor, não te arreceis. Não ataco zagaes depois de ter feito fugir um typo da ordem de Zeus. Que ha de commum entre a avena e os raios celestes? Se queres, veremos quem faz mais barulho, se eu com os raios celestes, se tu com a tua frauta!

Cadmus curvou o joelho, lisongeou o gigante, disse querer cantar o triumpho gigantesco e a derrota dos deuses. Typhéu deixou os raios para ouvir melhor o tocador insigne e, quando no maior enthusiasmo, procurou delles para continuar a perseguição, Zeus omnipotente já de novo subia ao céo, com as armas do fogo e do ar.

E foi ahi que viram tantos não só como custa vencer com raios, como quanto é insensato o espirito revolucionario.

Longe de reconhecer que estava perdido, o filho da terra luctou mesmo sem o elemento

decisivo contra o governo jupitereano. De um salto estava no céo. Precipitam-n'o de lá. Tres dias e tres noites Typhéu continuou destruindo a vida na terra e no mar, tres noites e tres dias lançou projectis contra o céo. E só depois desse tempo Zeus conseguiu fazer morrer Typhéu, consumido pelo fogo do céo...

Quando o conhecido politico terminou a narração, quantos estavam na sala, á espera de noticias sensacionaes, entreolharam-se meio confusos.

—Mas, a que proposito essa historieta? perguntou um dos deputados ultimamente nomeados pela sua imponente ignorancia.

—E' uma conhecida fabula grega. Ninguem a ignora, e a poesia não se fartou jamais de a illustrar, respondeu o politico em disponibilidade. Um poeta grego-egypcio, talento da decadencia, com o vicio da *parenthyrsa*, isto é, o vicio de mostrar enthusiasmos inuteis, escreveu dois violentos cantos em que a tremenda tragedia resurge numa apotheose delirante. Esse poeta chama-se Nonnos.

Hontem, pela manhã, com os ouvidos cheios da toarda boateira e os olhos no pasmo de problematicos horrores, hesitei um segundo entre a leitura substancial de um discurso de Mauricio de Lacerda, o Interpelador, e a recordação do poema de Nonnos. Mas, como Mauricio é a propria fogueira e Nonnos apenas a descriptiva harmoniosa de desastres passados, abri o poeta gre-

go embrenhando-me na legenda do terrivel gigante Typhéu, que, tendo-se apossado dos raios de Zeus, abalava céos, terras e mares. O Typhéu grego, depois Typhon egypcio, é talvez uma das criações mais extraordinarias, um dos symbolos mais perfeitos da humanidade.

—E d'ahi?

—D'ahi é que me pareceu estar o Brasil exactamente como o mundo nesse periodo lendario. O gigante de Cilicia, Typhéu, o monstro de milhares de guelas e milhares de braços, é a Anarchia seduzida pelo carinho maternal da inconsciencia gritadora. Os multiplos braços são a ambição, o latrocinio, o odio, a revolta, a propaganda subversiva, os appetites furiosos. Está tudo de pernas para o ar: está tudo quebrado, desorganizado, desequilibrado. Mas, se a Anarchia sabe destruir, reduzir tudo a fumo e cinza, a Anarchia não sabe manejar os raios, emblema do mando. Os Zeus nas democracias são temporarios. Mas o governo tem de ser uno. Os raios de ordem estão de ha muito nas mãos de Typhéu. O novo Zeus, impossibilitado de agir, quer rehaver os raios do governo.

E é o que estamos vendo.

—Que estamos vendo?

—A frauta de Pan chama-se agora a frauta da «concentração republicana». A aria da frauta é a Harmonia Geral dos Elementos Republicanos. E, vestido de zagal, meigo e seductor,

o senador Antonio Azeredo, novo Cadmus, dedilha a avena pastoral.

Resta saber se o Wencesláo tem mesmo coragem de rehaver os raios, emquanto Cadmus Azeredo toca a frauta, e se o gigante Typhéu se resignará, como o coronel Ananias, a ser consumido pelo fogo celeste...

E S. Ex. desatou a rir francamente, emquanto o deputado franzia a sobrancelha, sem comprehender.

BERNARDINO MACHADO

——

Como saissemos do Tavares a palestrar, o meu amigo parou de repente á porta da redacção do *Mundo*.

—Não sei se sabes que eu sou republicano?

Era em Lisboa, onze mezes antes da Republica. A cidade apresentava aos menos conhecedores um tal estado de polarisação nervosa que ninguem poria em duvida a aproximação de graves acontecimentos. Nos cafés, nas casas de comida, em plena rua conversava-se nos ultimos dias da monarchia. Lisboa fazia uma conspiração publica, que não podia ser ignorada nem das tapeçarias do palacio de Belem. As cartas politicas de João Chagas eram o acontecimento literario do dia. Os garotos dos jornaes gritavam tres e quatro horas por noite, em cada canto da Baixa, os jornaes que proclamavam a Republica. Quando o rei sahia, se algumas meninas romanticas atiravam dos varandins flores sobre a sua lindeza adolescente, os transeun-

tes passavam pelo cortejo, de chapéo na cabeça, sem o ver. Um rapaz alegre, em certa formatura de tropa, mostrava-me os adeptos da sociedade secreta a que pertencia. Não tive, pois, a menor surpreza.

—Tenho de subir ao *Mundo*. Tu vens commigo. Aproveitas: conheces o Bernardino Machado, que chegou hoje e parte esta madrugada, a continuar as conferencias de propaganda.

Subimos. A instalação do jornal republicano é em dois andares. Lembro-me que subimos ao segundo, que estivemos na sala de redacção, que atravessámos outras salas e descemos ao primeiro andar, dando afinal numa sala tapetada, immensamente quente, onde, de casaca, luvas brancas e um espesso sobretudo, estava Bernardino Machado, cercado de varia gente. Risonho, affavel, urbanissimo. Com voz tranquila elogiou-me o Rio de Janeiro, as nossas transformações materiaes. Suffocado de calor, eu não sabia se falava a um temivel e incansavel propagandista, ao revolucionario, ao agitador. A impressão era a de uma imprevista recepção diplomatica.

—O Brasil é um grande exemplo para Portugal.

—Fizemos a Republica entre flores.

—A nossa já está feita. E' apenas uma questão de mezes.

E o curioso homem sorriu, como se disesse uma banalidade indiscutivel.

Desde esse dia, a figura de Bernardino Machado interessou-me. E pude acompanhar a sua obra de vontade macia, de acuidade excepcional sob o arminho de uma doçura absolutamente inamovivel nas suas quatro phrases capitaes: a propaganda, Portugal Republica perante as potencias, a embaixada no Rio e o gabinete de equilibrio.

A Republica Portugueza foi obra de mentaes, de intelligencias privilegiadas e da mocidade cultivada. Não ha entre os rapazes que são deputados um só que não affirme um valor. Não ha entre os propagandistas um apenas que não exprima equações de intelligencia e tenacidade. Acontece até serem alguns genios, como Guerra Junqueiro. E precisamente porque é uma reforma integral, realizada por homens idéalistas e combativos, a Republica, fazendo em Portugal um evidente progresso — andou em agitação interna como todas as Republicas desde Athenas. Para que ella se radicasse e fosse irrevogavel, contra a multiplicidade de ataques que, á sorrelfa, se aproveitavam das agitações internas, era necessaria uma figura de violenta affirmação. Essa figura é Affonso Costa, um conductor de multidões de que não se póde falar friamente e que tem em proporções geometricas a admiração e a sympathia nacionaes, para compensar a proporção arithmetica dos odios mediocres.

Affonso Costa representa o nucleo da vontade republicana. E' das mais empolgantes figuras da democracia contemporanea, com a felicidade de poder explicar patrioticamente os proprios excessos. Tres ou quatro vezes a Republica teria desapparecido se não fosse a sua acção instantanea e violenta.

Esse homem, que conta dedicações quasi inacreditaveis, de tão dedicadas, necessitaria de uma outra face da energia democratica. E essa é Bernardino Machado.

Um quer com toda força, impõe-se, rebenta, mas não cede, está fixo, esmaga, O outro parece que cedeu tudo e não cedeu nada, contemporiza e resiste, quer com o sorriso no labio, cumprimentando o inimigo até o ultimo alento deste. Um fala, ordena, commanda, sente no ar o perigo e explode. O outro ouve, parece que não ouviu, e mantem uma calma allucinante. Um é a lucta. O outro é a diplomacia democratica. Ambos formam a grande força.

Eu vi o querer enluvado de Bernardino Machado na propaganda. Não era só querer, era a energia e a pertinacia. Andava a fazer conferencias e catecheses pela provincia. A sua vida era uma continua viagem; a sua residencia o comboio, a sua alimentação de vez em quando, dois ovos e um copo de leite. E sempre muito bem, beijando as criancinhas, interessando-se pelas familias e dotado de tal memoria que, certa vez, falando a um cidadão, não o esquece

nunca mais, nem á sua historia. Vi-o depois no Ministerio do Exterior, onde, commummente, ás tres e ás quatro horas da manhã, Bernardino dizia aos secretarios:

—Bem; não ha mais audiencias. Vamos agora trabalhar.

Esse Ministerio do Exterior em toda parte do mundo é por sua natureza — a pasta das coisas promptas. Se ha complicações evidentes o ministro rue, inimigo da patria. E diante do exito, ninguem imagina a somma de intelligencia, de habilidade, de paciencia pertinaz para remover todas as difficuldades que se amontoam entre a vontade e a sua realização. A Bernardino Machado coube fazer reconhecer a Republica Portugueza pelo mundo. Não havia só talvez a má vontade de algumas potencias, havia o trabalho contrario e continuo de varios elementos. Nos instantes mais tensos, Bernardino alisava a prata do bigode e conversava longamente, a sorrir, de outros assumptos.

—Está tudo muito bem. E' uma questão de semanas. Terão de render-se á evidencia.

Esse trabalho diplomatico de convencimento de diplomatas, alguns bem rebarbativos, de chancellaria para chancellaria, de affirmação formidavel e de delicadeza tenuissima, na semi-sombra, sem publicidade, teve como complemento um trabalho de diplomacia democratica: a sua estadia no Rio.

Só um homem como Bernardino, com o seu conhecimento dos homens, com a sua bondade, com o seu patriotismo, com a sua paciencia convencedora — poderia realizar a tranquilização da colonia portugueza no Brasil. A colonia entre nós tinha dois grupos: a mocidade republicana e a classe conservadora augmentada de gente simples. A classe conservadora irritou-se na sua tranquilidade — prova muito rara de amor patriotico. A outra exagerou a victoria, com o impeto da mocidade, muito natural, aliás, Os primeiros enviados da Republica Portugueza, embora muito illustres, esqueceram de que os adversarios de cá não podiam ser tratados como os de lá. E' apenas irritar, agarrar um conselheiro ou um visconde no Rio de Janeiro e dizer-lhe:

—Dê já um viva á Republica!

Com o permanente exagero dos telegrammas em que os conflictos de rua tomam proporções de restaurações, com as explorações fataes de animos irritados, a situação era difficilima.

Bernardino Machado veiu assim como um missionario. Era impossivel duvidar do seu republicanismo; era inadmissivel atacar a sua moralidade impolluta. E rico, bom, suave, teimoso, allucinadoramente pertinaz, Bernardino Machado entrou a realizar a obra que a Lisboa de agora não póde ainda avaliar.

Estive com elle em varias festas em que o elemento maior era monarchico. Lembro-me de

varias frases suas. Um visconde, certa vez, disse-lhe:

—Devo dizer ao Sr. ministro que sou monarchico.

—E eu, respeitando as suas convicções, meu amigo, devo dizer-lhe que sou republicano. Depois, rindo, como se achasse muita graça: — Mas ha tambem uma coisa certa. E' que somos ambos portuguezes e que podemos juntos amar Portugal.

Era um trabalho ingente, de toda hora. Bernardino Machado agia. E' terrivel a acção de um homem que sorri. Elle vencia pela gentileza, pela amavel teimosia, pela ternura. No fundo, aliás, é um affectivo, com a unica prova differencial dos affectivos de excepção: a consideração carinhosa pelos desherdados da sorte. Muita gente espantava-se da extravagancia do embaixador de Portugal a cumprimentar do seu automovel, como se cumprimentasse homens de peso, os motorneiros dos carros electricos. Poder-se-hiam comprehender como vicio eleitoral de popularidade os apertos de mão a toda gente, as perguntas por pessoas da familia de creaturas humildes. Mas o carinho caridoso do palacio das Laranjeiras era uma prova em contrario. Bernardino Machado estava ali como quem vai embarcar. E uma noite, antes do jantar, vieram dizer-lhe: S. Ex. mandara agazalhar tanta gente que não havia mais accommodações de fóra. Estava tudo cheio. Alguns passavam dias

e, querendo voltar á terra, era Bernardino Machado a arranjar-lhes passagens.

Esse sentimentalismo, alliado a uma segurança inabalavel de energia contemporizadora, ainda o vi ha anno e meio, quando o illustre varão era chefe do gabinete. Bernardino, com uma terrivel *grippe*, estava em casa, deitado, escrevendo sobre os joelhos, conferenciando e recebendo toda gente. A Camara discutia o indulto aos presos politicos. Chegavam recortes de jornaes. Chegavam ministros. Atravessei algumas salas e corredores, onde encontrei o mesmo ar de mudança encontrado em todas as habitações anteriores do ministro. Bernardino tinha um *cache-nez* e um casaco velho, o casaco das *grippes*.

—Então, como deixou os nossos queridos amigos?

Parecia inteiramente alheio á agitação, com uma tranquilidade absoluta.

—Vejo que o ministro deve estar preoccupado. E' só um cumprimento.

—Mas de modo algum. E' uma questão resolvida. O Senado votará a medida tambem.

Neste momento um dos seus filhos appareceu.

—Que ha?

—E' o Josésinho, papá.

—Ah! Aquelle filho da pobre lavadeira Joanna? Mas já lhe arranjei um lugar de aprendiz.

—E' que o rapaz tem o fato em frangalho. E, como faz frio, pedia um casaco usado.

—E então?

—Dou-lh'o?

—Mas de certo.

E continuou sem transição:

—Amanhã é assignado o decreto.

—Mas, ministro, assignado o decreto, os presos saem immediatamente?

—Claro.

—E' que amanhã é sabbado de carnaval.

—Excellente. Podem divertir-se domingo, com as fantasias.

E no seu sorriso lampejou a ironia, o resultado do seu acto naquelle dia.

—As nações ficarão convencidas da normalidade do regimen. Soltamos os presos politicos em pleno carnaval, sem receios de movimentos.

Bernardino Machado é a vontade, uma das mais empolgantes figuras politicas do nosso tempo. Com o que se tem escripto a favor ou contra Bernardino Machado formariamos uma nutrida collecção de volumes. Com o que delle se diz encheriamos uma bibliotheca. Lidos os artigos, ouvidas as anecdotas, escutadas as explicações partidarias e convivendo com o homem — sente-se o peso da individualidade nos espiritos mais diversos. No louvor ou no ataque vemos a sympathia ou temor das suas qualidades. Elle não arrasta; conduz. E nada mais difficil do que não ficar convencido quando o Sr. Bernardino Machado quer convencer.

Antes da Republica, nos primeiros mezes da Republica, na sua embaixada ao Rio, de novo

no ministerio, esse homem illustre quiz continuadamente ser presidente da Republica. E' o presidente. Portugal elegeu-o. E ninguem porá em duvida que, ligadas as duas forças nacionaes — Affonso Costa e Bernardino Machado, — o novo periodo da Republica Portugueza seja o de definitiva consolidação pelo progresso material, pelo desabrocho de todas as energias da terra admiravel.

A ATTITUDE DA GRECIA

—

E' possivel que os viajantes romanticos tenham a tenacidade irreal de conservar os seus sentimentos lyricos pela Grecia contemporanea depois de saltar no porto do Pyréo. Eu confesso que não tinha esses sentimentos. A minha viagem á Grecia era o termino de uma peregrinação religiosa ás forças vivas e creadoras do Mediterraneo. Saltava no Pyréo, sem romantismo, sabendo o quanto esses slavos denominados neo-hellenos tinham a ver com a Grecia antiga. Ao de mais, os meus conhecimentos com os classicos, o manusear continuo de Homero, a segurança na força plasmadora dos ambientes e o conhecimento de muitos gregos em Constantinopla não me poderiam dar do cavalheirismo e da moral neo-hellenica uma impressão ingenua.

Os escriptores contemporaneos erram lamentavelmente quando acreditam inutil a leitura das

rimas classicas. Quem ler com attenção Homero, o inebriante, póde guiar-se na vida sem illusões psychologicas acerca dos valores sociaes. Quem folhear Aristophanes tem da abjecção da vida idéas integraes. E quem ler os dois na Grecia verá que, quanto a sentimentos, os selvagens que constroem em cimento armado caricaturas colossaes dos marmores do tempo do pobre Periclés são exactamente iguaes em moral aos personagens que ha alguns annos eram considerados de legenda e aos ultra verdadeiros typos das revistas aristophanescas.

A minha impressão de Athenas foi tristissima. Verdade é que eu vinha a ouvir mal da Grecia, desde Vienna, onde deixara Venizellos a enredar em favor da sua patria. Verdade é que eu atravessara a sujeira hysterica dos Balkans, de cujas nações a Grecia se aproveitara torpe e ingratamente. Verdade é que eu chegara a quasi comprehender o eterno *embroglio* balkanico, *embroglio* que vem do tempo de Byzancio e que se eternizará com certeza por muitos seculos ainda. Verdade é que eu estivera em Constantinopla. Atravessar os Balkans, procurando comprehender aquella gente e demorar algum tempo na capital da Turquia, é ficar com raiva da exploração christã e ter necessidade de gritar a nobreza, a fidalguia, a triste situação dos turcos. Da agitação balkanica e da agonia dos turcos só tinham culpa os gregos rapaces e insaciaveis. E os gregos continuavam, fanfar-

rões, atirando os alliados para a frente, vangloriando-se de victorias ganhas pelos outros, espoliando á ultima hora esses prestativos amigos, acirrando odios, fingindo valentias para a Turquia e representando para o mundo o papel de herdeira da civilização prestes ao sacrificio musulmano...

A Athenas contemporanea é uma cidade insignificante que recorda muito certas congeneres da America do Sul. As construcções, em geral, carecem de estylo, lembram os sobradinhos das cercanias das *gares*, nas nossas cidades, as ruas são estreitas, mal calçadas, quando o são. Em compensação ha uma praça, a da Constituição, e duas ou tres avenidas em que os edificios armam em reconstituição classica. Os palacios, ou são do governo, alguns feitos por subscripção, ou são propriedade de gregos enriquecidos em Constantinopla ou no Egypto e muito mal vistos pelos patricios que ainda não tiveram tempo de ir explorar para o Phanar ou para o Cairo.

Toda essa gente passa o dia nos cafés e nas ruas a discutir politica e a vida do proximo — alto, num tom de «meeting».

A primeira impressão é de que estamos num immenso parlamento. Para dizer a mais simples frase, o neo-helleno recua, como se estivesse no theatro, põe a mão no peito e alça a voz. Os homens são vulgares e feios, em geral; as mulheres dão no excesso gordo e usam modas

atrazadas. Uma evidente miseria parece espiar nos cantos das ruas e nos cantos dos cafés — miseria de idéas, miseria economica, miseria financeira. Mas todos são importantes, querem dar a segurança de que são importantissimos e que a vida do resto do mundo depende exclusivamente delles.

—E foi para inventar isto que Victor Hugo e Byron abalaram a terra! monologava eu.

Apenas o meu conhecimento superficial achara uma graça inoffensiva de actores de segunda ordem em creaturas absolutamente perigosas. Depois, estudei-os mais, aprendi um pouco daquelle grego assutador, e os vi sem escrupulos, expertos, amalandrados, opposicionistas. Venizellos andava a fazer o Ulysses da diplomacia. Pois aggrediam violentamente Venizellos. O rei era abertamente troçado. Um dos jornaes mais lidos de Athenas, era um jornalinho do typo destes que no Rio contam a vida privada das actrizes. E, como todos são importantissimos e se julgam capazes de tudo, segue-se a desordem igualitaria correspondente a um delirio organizado de competições, que só se harmoniza quando se trata de explorar os outros, os estrangeiros. O patriotismo grego tem essa feição unica.

Commigo, desde que me hospedei no «Hotel da Inglaterra» e a cada passo encontrava cavalheiros notaveis que me diziam em tom intimativo:

—Ti ritite? Proferate argá!

E mal eu enunciava uma palavra, já comprehendiam e exclamavam:

—Poli kalá, ennóo...

Senti que estava nas mãos de uma formidavel maçonaria exploradora em que todos, desde os cocheiros de carros aos mais graduados, não discrepavam e não se trahiam. A hospitalidade neo-hellenica arruina os mais prevenidos. Mas, se com o peregrino, diante do peregrino, para exploração do peregrino, essa população em perpetua briga intima, em perpetua competição na politica, na sociedade, na familia, era tão solidariamente unida — para ganhar o prestigio europeu, para acirrar luctas de que viesse a lucrar— é incontestavel que desenvolvia uma habilidade só correspondente á tolice universal.

A farça que a Grecia representou aproveitando dos interesses do chamado equilibrio europeu no Levante nestes ultimos decennios, explorando a cobiça de uns e o sentimentalismo de outros, faz lembrar aquelle comico de Tacito que levantou as hostes do norte no tempo de Tiberio, inventando em tom pathetico mentiras colossaes.

Durante esse largo periodo e principalmente na ultima guerra balkanica, os gregos recapitularam a saciedade e a crueldade cynica dos heróes de Homero e dos heróes da Allemanha contemporanea; ultrapassaram as velhacarias de Ulysses e a inquietante insegurança dos compromissos de agora, e fingiram como nenhum povo soube ainda fingir, enfiando patheticamente

o manto hellenico para dar a impressão ao mundo do sacrificio de uma velha terra, quando se trata apenas de um bando voraz que occupa a Grecia sem outro direito senão o de querer dilatal-a, exigindo mil coisas aos outros.

No extremo Levante a idéa de guerra é commum e permanente. A guerra é uma feição violenta de um sentimento constante: a necessidade do assalto. Ao atravessar aquella serie de ilhas, que no tempo de Thucidedes ainda tinham nomes harmoniosos, ninguem póde de surpreza dizer por quantos donos ellas passaram em certo numero de annos. Ellas são as prezas que passam da mão do vencedor de hontem para as do vencedor de hoje. O mappa do Levante varia os limites das nações de lustro em lustro. A guerra é o avança. A Turquia não comhendeu o interesse europeu nessa agitação. A Grecia comprehendeu, explorou-o a seu favor usando para o sentimentalismo da velha rhetorica do Parthenon, dos irmãos de sangue e de outras edificantes pilherias, e collocando-se para os praticos como um elemento de prestimo immediato. Mais. A Turquia, nas mãos dos allemães, em virtude da lenta obtusidade da Inglaterra e da França, jámais pensou na conflagração européa. A Grecia pensou sempre, imaginou sempre essa conflagração. E accentuou a attitude da victima prestativa para Paris e Londres, intrigando e fanfarrando entre os povinhos dos Balkans e tratando intimamente os seus homens

como os gregos de antanho trataram Aristides, Periclés ou Alcebiades.

Estalando os conflictos europeus nos Balkans — conflicto que obedece ao mysterio de leis transformadoras dos valores do mundo e é uma réplica heroica de outras guerras transformadoras — era evidente que a lucta se estenderia á atmosphera dynamitosa do Levante, levando de roldão esses povos freneticos e barbaros, cuja vida é uma eterna guerrilha sem estabilidade. A Turquia deixara-se empossar pela Allemanha. Foi na ventania desastradamente. A Grecia tinha fingido admiravelmente de personagem de tragedia sophocleana, sem se deixar dominar por ninguem e dando a impressão de que estava ali para servir aos amigos dedicados, capazes de apreciar o seu valor de descendente dos antigos e heroicos gregos. Quando esses amigos chegaram, a Grecia tinha um rei que obedecia á rainha, irmã do kaiser, e tinha Venizellos principalmente grego antes de ser pelos alliados, e tinha o espirito geral que medita:

—Amigos, amigos, negocios á parte. Quanto ganhamos nisso?

E emquanto a Turquia é literalmente aniquilada e Enver-bey faz o apatetado Mohamed V decretar a guerra santa para combater os inimigos da Austria, a Grecia fica neutra, a Grecia, cuja existencia é a resultante do sentimentalismo e da visão diplomatica das grandes potencias an-

glo-latinas, toma o ar afflicto de quem tem uma tremenda lucta de consciencia, e cede e recua, e quer ser neutra e promette — até conseguir uma situação unica: é neutra deixando passar as tropas dos alliados, ninguem sabe por que promessas, e fica — a dois carrinhos — podendo mostrar que não foi contra a Allemanha e podendo provar que a victoria dos alliados dependeu della, sem que para tal tivesse o menor prejuizo.

Nos multiplos episodios da grande conflagração, todas as scenas, mesmo as mais crueis, são repetições de aspectos da terrivel alma dos homens na furia da guerra. Os allemães ainda não fizeram mais do que mandava o rei dos reis, Agamenon, covarde e valente ao mesmo tempo, quando dizia estas palavras justas segundo Homero:

—Que ninguem escape, nem mesmo o filho no seio materno! Que morram todos sem sepultura e sem memoria!

A attitude quasi inverosimil da Grecia é ainda uma continuação das linhas geraes da vida. Os gregos fizeram-se para enganar, para representar, para mentir com resultado, Enganaram com o lucro da existencia a visão diplomatica de toda a Europa; e no ultimo instante foram o que sempre foram — oceanides, impegaveis, filhos de Ulysses, epicamente marotos.

A lição de nada servirá. Só os que são assim são felizes, desde Ulysses. Só os que são

assim têm sorte. Restam-nos o consolo de sentir a falta de novidade da vida e vendo o que faz a Grecia dos ingenuos romanticos, recordar Homero nas palavras de Glaucus a Diodomedés:

—Por que te informas da minha raça? A geração dos homens é como a das folhas. O vento espalha as folhas na terra e a floresta germina e produz outras. Assim as gerações humanas nascem e extinguem-se com as mesmas qualidades...

ENVER, SENHOR!

Ha duas semanas, acompanho nervoso os telegrammas de Constantinopla, Terá morrido mesmo Enver — ministro da guerra, pachá, heróe, com todas as qualidades formosas e innominaveis dos turcos? Enver é das minhas impressões de homens aureolados pelo Destino, talvez, a mais empolgante. Quando o vi pela primeira vez eu já vira de perto varios soberanos — o maravilhoso Affonso XIII, em Pau; Guilherme II, na sua familiaridade de Veneza; D. Manoel, sorrindo tristemente em Lisboa; George V, nas regatas; — eu já conversara com estadistas que impressionaram o mundo. Nenhum me deu essa impressão de Fatalidade formosa, de inquietude na gloria fulminante como esse rapaz — que mandava como Alexandre, era lindo como Alexandre e ambicioso como Alexandre.

Vi-o pela primeira vez no salão dos jornaes do Pera-Palace de Constantinopla. A nova missão allemã hospedara-se no grande e detestavel ho-

tel do bairro europeu. Officiaes vermelhos, batendo com as esporas, tesos, insolentes, alguns de monoculo, com a enfatuação do dominio insolente, cercavam von der-Goltz, instructor e pachá temporario.

Corriam boatos de desintelligencia entre o chefe da missão e o velho ministro da guerra. A cidade inteira abominava os allemães; o exinvencivel exercito turco tambem. Mas, o partido dominante, os jovens-turcos estavam nas mãos do kaiser e do seu estado maior, graças principalmente á influencia de Enver.

De repente, a porta abriu-se. Um joven airoso — botas altas, dolman justo, espada, o fez militar de astrakan, o bigode em leve espuma, o olhar macio e dardejante, as mãos longas e finas — atravessou o salão, parou em frente ao general prussiano, fez a saudação militar.

—Quem é esse rapaz?

—Enver-bey — o heróe de Andrinopla.

Olhei-o com redobrada attenção. Aquella sympathia irradiante era o homem que desencadeara mais paixões em Berlim, era o espirito dominador que se fizera allemão pelo amor de uma grande dama da côrte do imperador, o guerreiro de Tripoli, o indigitado assassino de um ministro da guerra, o mais forte elemento da camarilha que matava a Turquia em nome da dolorosa inconsciencia de Mahomed V! Vel-o seria dizer que elle conseguiria tudo até a morte — que a sua lucta era um duelo entre a sua ambiciosa

juventude e a morte. E eu olhava-o como se olha um sêr estranho e fascinador cujo fim deve estar ali ou um pouco mais adiante... E' preciso estar no Mediterraneo e no Bosphoro para comprehender esses estados d'alma diante de alguns homens.

Mas Enver vinha conferenciar. Os officiaes afastaram-se. Devia ser grave a conferencia. Vinte quatro horas depois os jornaes noticiavam que fôra nomeado ministro da guerra Enver-bey, agora pachá. A impressão nos centros de Pera e de Galata era que se produzia um auspicioso acontecimento.

Na rua Ionkrer-Kalderine, no Petits Champs, no Taxin, nos armazens de tabaco de Galata-Serai, na grande rua de Pera, em Dolma Bagtché, só se falava em Enver-pachá aos vinte e oito annos, heróe principe, Alexandre com o curso militar allemão. Um camarada meu metteu-me, á força quasi, numa tipoia, mandou tocar para o caminho das Aguas Doces, onde havia o palacio de Enver, dividido em tres partes — a morada do homem, a morada das mulheres e a casa dos criados.

—Precisas ver Enver-pachá!

Enver era, de facto, um homem popular em Constantinopla.

A' noite, porém, quando contava as minhas impressões a um modesto diplomata, esse diplomata sorriu e explicou-me o drama da popularidade na Turquia moderna. Poder-se-hia di-

zer que naquelle momento a attenção se voltava para quatro homens: Enver, Talat, o espirito diplomatico, o principe Said, grão-vizir Helim pachá, joven elegantissimo, e o principe herdeiro Ioussouf Zedine, effendi, creatura de alta bondade e forte intelligencia.

—Por que esses quatro homens gosavam de maior popularidade que os outros, como, por exemplo, Huagi Ahmed, ex-grão-vizir?

—E' preciso ter estado em Constantinopla, primeiro, para se amar esse povo digno e hospitaleiro; depois, para se comprehender como, sob a acção corruptora do estrangeiro, uma nação agoniza, uma raça forte dá a impressão de um hospicio de doidos em estado desesperador. A Turquia morre assim. As suas reformas começaram dos emprestimos estrangeiros. Um povo que não sabe emprestar a juro está nas mãos dos onzenarios. As grandes nações protegem os seus banqueiros para garantir os seus industriaes. O contacto obrigado com os europeus produziu o espirito de reformas e desenvolveu tambem a corrupção. Constantinopla é dos estrangeiros. As potencias principaes têm em Galata os seus estagiarios, os pequenos povos têm a furia da immigração capaz de absorver todo o trabalho. O povo turco, a pequena colonia turca nesta capital de um milhão de habitantes, quando se vê espoliada e com fome tem subitas crises de odio. De repente correm as ruas matando gregos e albanezes e armenios. A Europa inteira

treme de raiva, os embaixadores vão á velha e empoeirada Sublime Porta exigir avidamente coisas de lucro e humilhações, emquanto o mundo sabe que houve mais uma carnificina de christãos por motivos religiosos — quando o governo turco é tão tolerante para a religião dos outros que até dá soldados para guardarem a pessoa do patriarcha grego, excellente ancião, cuja vida é um regalo de bem estar!

Com os politicos, a Europa sabe que está onde floresceu Byzancio com as suas intrigas de palacio, as suas ambições, os seus odios a vontade de subir que manieta todos os sentimentos generosos. Os turcos não puderam escapar á influencia do ambiente, e é preciso accentuar que, mesmo na politica e ha muito tempo, se infiltraram elementos estrangeiros, descendentes de armenios, de albanezes. As potencias estrangeiras, jogando com as correntes dos povos balkanicos e de larga immigração mediterranea, assim como com ambição dos politicos, iniciaram as reformas para desorganizar e ganhar desde Abdul-Medjed e o Tamzimat, que digo? desde Mustapha I e Mahomud III. A cada uma das reformas, as potencias têm mais direitos, tomam mais um pouco de administração, e ha no aglomerado heteroclito do imperio tremendas crises de anarchia e independencias que excitam as esperanças do mesmo futuro a outras provincias. O imperio Ottomano — deu em um seculo — sendo uma nação militar, o

espectaculo do successivo desmembramento. Se a historia repete-se, a Turquia caminhou como Byzancio.

Os politicos não viram assim o futuro da patria. Durante cerca de trinta annos os jovens turcos travaram com Abdul Hamid a grande batalha da maior das reformas: a Constituição executada. Nesse periodo longo, a raça, sentindo-se sem governo senão para o explorar e deixar o saque estrangeiro, teve subitaneos accessos de furia. As nações fortes aproveitavam-se dessas furias sanguinarias e exigiam mais ao lado das Cretas, das Macedonias, dos Montenegros, dos slavos das montanhas, da Albania. De modo que, quando os jovens turcos da ultima fornada, os turcos do comité «União e Progresso», realisaram o golpe de sorte de desthronar o Sultão Vermelho, substituindo-o pelo principe Reichad, era um imperio a reconstituir totalmente, que lhes cahia nas mãos.

Os jovens turcos tiveram uma popularidade mundial. Quantos andaram a escrever ardentes tolices sobre a liberdade da Turquia? Ora, para libertar a Turquia, era preciso libertal-a da tutela financeira da Europa, da tutela administrativa, da tutela militar terrestre e maritima. Não só. Era preciso voltar á força antiga, fugindo ao dominio moral e intermittente de varias nações estrangeiras — que repercutiam, desastradamente, nos povos annexados com o appetite de independencia. Os jovens turcos de agora, ambiciosos

do poder immediato: — (o poder mesmo que lhe siga a morte — é este o fundo organico da raça —) são desastradamente semi-desraigados mentaes. Rapazes, ou ricos, ou pobres, ou foragidos, viajaram a Europa, estudaram em Paris, em Berlim ou em Vienna, e cada um delles, ao tomar o poder, levou o appetite fantastico de empregar, traduzido ou não, os figurinos mentaes da Europa, e todos os *trucs*, mais ou menos canalhas, da politica occidental.

O principe Reischad, Mahomed V, é um pobre homem que, preso muitos annos, ficou semi-idiota. Não governa, não sabe nada. Chora de vez em quando. E nos seus olhos azues ha sempre a humildade assustada de tres decedinios de captiveiro na angustia da morte. O comité União e Progresso ficou só a mandar, exilando, corrompendo, philosophando, agindo desencontradamente, sem nada fazer, de facto, para o bem da Turquia. Antes de pensar na reorganização do paiz, pensaram, por exemplo, no pan-islamismo, querendo fazer por conta do governo a immigração dos musulmanos de diversos paizes para abarrotar a Macedonia e Creta. Antes de pensar em organizar o exercito, convenceram-se de que tinham o poder militar no extremo-levante. E, como ninguem se entende, a União e Progresso fundava tambem a Liga da Paz, e organizava um serviço de reclamo em telegrammas e jornaes escriptos em francez, verdadeiramente desnorteante.

Quando cheguei a Constantinopla, não deixei de constatar o extraordinario poder das modas européas. Todos esses rapazes vestem bem, têm as photographias nas montras das lojas, riem-se do harem, pois são casados com uma só mulher, não deixando de ter amantes, mas cada uma na sua casa e na sua rua; discutem philosophia, falam admiravelmente varias linguas, assistem ás recepções das embaixadas, são de uma nobre hospitalidade, frequentam o music-hall e a Réjane. Um delles, o Prefeito, calçou Pera, limpou os jardins, instituiu a electricidade nos bonds e na illuminação, mandou matar todos os cachorros que infestavam as ruas.

Mas, essencialmente, com os jovens turcos, a situação turca não mudou. Antes, peiorou: a influencia persistiu nas embaixadas, intrigando e jogando uns sobre os outros — para o descalabro do imperio, em nome da Civilização. Nem a lição da guerra com a Italia, nem o tremendo desastre balkanico mudaram a parada desequilibrante. Ao acordar, em Constantinopla, é preciso perguntar:

—Qual o embaixador que está em graça?

Porque os outros juntam-se para deslocal-o, dias depois.

Neste momento, por exemplo, o embaixador Americano mantinha um altivo dominio pela influencia dos Estados Unidos a favor da Turquia em varias questões internacionaes. Mas, o que manda, apesar de tudo, é o da Allemanha. Gui-

lherme II, amigo de Abdul-Hamid, ficou amigo tambem do comité União e Progresso.

A missão allemã, os armamentos allemães continuam, apesar de um certo movimento a favor da França. E o curioso é que ninguem em Constantinopla duvida de uma guerra proxima que terá começo na região balkanica, eternamente conflagrada. Os jornaes turcos, pamislamitas contam com os allemães pangermanicos para vencer todos os imperialismos imaginaveis.

Interrompi o diplomata:

—Mas, por que quatro homens só têm uma incontestavel popularidade, quer nas colonias estrangeiras, quer no povo turco, nem todo, aliás, menos de metade, a favor dos jovens turcos?

—Pela coragem, respondeu o ministro.

—A coragem?

—Sim, a coragem de aproveitar a vida, certos de que têm de morrer violentamente. E' a Turquia. E' Byzancio, meu caro! O diabo é que elles se cumprimentam e ninguem sabe se um delles será o mandante ou o autor da morte do outro — dessas mortes que aqui são chamadas *suicidios*.

Halim Pachá, é grão-vizir, isto é, o segundo sultão. Na historia dos gãos-vizires, são poucos os que escapam com vida, depois de mandar matar muita gente. Halim-Pachá é, pois, heróe. Talat-bey, ministro do interior, com a mania da politica pessoal, tem de se haver com esses homens das provincias, quasi sempre fanaticos. Es-

tá para morrer todos os dias. E' heróe. Enver conseguiu tudo aos 28 annos. Já matou mesmo, segundo dizem. E' o mais ambicioso. Não ria se eu lhe disser que elle deseja mesmo o sultanato, mesmo o kalifado.

—Caramba!

—E Izedinne effendi, o principe herdeiro, intelligente e probo, será o primeiro a morrer. Resiste á União e Progresso. Constantinopla inteira sabe que o principe, cercado de servidores dessa gente, não deixa ninguem entrar nos seus aposentos, com o justo receio de ser *suicidado* sem querer. Mas, com coragem, ainda em 1910 elle interrompeu Namzy-bey, que pretendia dar-lhe conselhos, pondo-o pela porta afóra. A morte de Izedinne allivia a União e Progresso, mas deve fazer muito bem a Enver e aos seus planos...

Guardei a conversa, mas nunca mais esqueci Enver, seductor, como devia ter sido Cesar Borgia. Os ultimos acontecimentos realizaram as prophecias do diplomata. Enver chegara ao apogeu na Turquia convulsionada e devia almejar ao sultanato. Izedinne contra a Allemanha desappareceu. Foi o primeiro assassinado e a noticia correu que Enver fôra o mandante. A violencia tráz a violencia. Uma revolta nos dois bairros de Constantinopla mostrou a popularidade do principe herdeiro. E emquanto os allemães varriam á metralha a cidade, Enver tombava ferido pela mão vingadora de um fanatico.

Estará morto? Na Turquia costumam ainda occultar a morte das creaturas de alma imperial, com medo da multidão, de que elles são um freio. As noticias, porém, são tão ambiguas, que não póde haver duvidas. Enver, o orgulhoso, não morreu, vive diante de mim essa figura de conto arabe — o adolescente-raio desejando tudo, tendo tudo até o momento em que, quasi senhor dos homens e sombra de Deus, tenha de cair sob um punhal, junto ao throno do sultanato!

DO PRESIDENTE

Palestra espirita com o autor da "Mandragora"

Dado o desenvolvimento das idéas espiritas entre nós, não era de admirar aquella reunião de homens brilhantes em um salão fechado, apesar do calor, diante do medium extraordinario. As experiencias tinham corrido de modo impressionante. Apparecera o fantasma de um suicida com o rosto tapado. Tiveramos as opiniões do marechal Deodoro escriptas por um lapis dentro de uma cesta. Os membros da sociedade occultista mostravam-se radiantes com a segurança dos phenomenos.

Que era preciso mais para convencer a ignorancia incredula? Foi quando, indo o medium cair de novo em transe, o velho deputado, espirita praticante, perguntou aos amigos se poderia evocar o espirito de um grande homem, cuja vida fôra de amargura, de patriotismo e de alta intelligencia. Os horizontes politicos são de tal fórma turvos, a agitação de ambições

sem idéas é tão formidavel, que elle, politico de profissão, pela primeira vez recorria ao espiritismo com interesse directo: para tentar ouvir os conselhos de Machiavel.

Na sala, fechada, apesar do calor, houve um silencio. Aquella sociedade educada conhecia muito bem Machiavel, as suas missões politicas, os seus escriptos, o seu tremendo labor, a miseria em que morreu e principalmente os dois volumes do fundador da politica como sciencia: os «Discursos sobre a primeira decada de Tito Livio» e «O principe». Homem pessoalmente de uma seriedade severa, o conhecimento da historia e o convivio com os politicos da sua época fizeram de Machiavel a reflexão aproveitavel da vida para o dominio dos eleitos. E, como o mundo divide-se em duas partes más, os conselhos de Machiavel são para que o dominante seja peior que as duas partes reunidas.

—Consultar o admirador de Cesar Borgia! exclamou um senador.

—Mas não vejo mal algum, respondeu o velho deputado. Ha cinco annos consultamos toda gente, a ver se salvamos a Republica. Cada vez a confusão é maior. Ora, não resta duvida que Machiavel era um genio politico, pondo acima de tudo a Republica florentina, e com profundo conhecimento dos homens que, infelizmente, não mudaram para melhor na America. Ao demais, ha certas idéas de Machiavel de absoluta actualidade.

—A reforma da Constituição?

—Não, apesar delle ter escripto a respeito da de Florença, e ser um homem que desejava a obediencia á lei. Mas, o serviço obrigatorio...

—Hein?

—Foi Machiavel que desejou para Florença um exercito nacional, em vez dos mercenarios...

O velho deputado insistia tanto que as suas reflexões ameaçavam parecer paradoxaes. Para o commum dos homens as idéas sérias são desastrosas quando chegam a essa fórma de perfeição divinatoria. Os socios da sociedade occultista acharam melhor tratar da experiencia, antes que a palestra perdesse a grave compostura. Diminuiram a luz. O medium caiu em transe e o velho deputado fez a evocação. Appareceria Nicoló Machiavel, o homem admiravel cujas obras o papado prohibiu em 1559, depois de Julio II e Leão X terem-no tanta vez consultado? Responderia para o Brasil o autor da «Arte da Guerra», de vida tão trabalhosa e de nome tão atacado? Estavamos todos suspensos, a boca secca, o peito a arfar...

Mas o medium que chorava, de repente bocejou e, comquanto não soubesse de italiano senão o necessario para repetir em horas de fastio alguns trechos de Puccini e outros musicos inverosivelmente populares, disse no mais puro e doce florentino:

—Cá estou. Fala!

A impressão foi tão forte que o velho deputado emudeceu e todos os outros occultistas tremiam. Machiavel, porém, como sempre incansavel, não gozou do pasmo. O medium, um instante calado, continuou naquelle mesmo estylo cortante que á lingua do Dante e de Boccacio emprestara o escriptor dos «Cantos do carnaval».

—Demonstras a tua fraqueza moral de brasileiro assustando-te com um phenomeno em que parecias ter certeza. Essa cobardia da alma é a capacidade ingenita de todos os politicos. E' preciso prever tudo e não tremer nem do imprevisto na trabalhosa acção de guiar os homens. Retoma a calma. Chamaste-me. Que queres?

Então o velho deputado fez um esforço e falou:

—Chamei-te para uma consulta. O Brasil quer salvar-se. Os politicos e os jornalistas, que são sub-politicos, agitam o nosso desastre. Cada qual tem uma idéa. Tu conheces os homens.

—São todos máos...

—Estudaste varios povos.

—São peiores que os homens isolados.

—Foste um patriota.

—E, apesar de todas as ingratidões, continuei patriota. Lembra-te de quando num dos capitulos do «Principe» eu previ a unidade italiana, exhortando Lourenço de Medices a expulsar os barbaros do sólo sagrado. O meu amor pela patria foi tanto que só conseguiu ser lirico quando della falava.

—Pois, firmado no teu principio de que os homens não mudam, chamei-te com a vontade de saber o que é preciso fazer para governar o Brasil bem...

Houve um silencio prolongado. O proprio Machiavel teria medo de nossa gente? Mas, não! Nicoló continuou instantes depois pelos labios do medium. A sua voz tinha entretanto um exquisito timbre de ironia. E essa voz dizia o seguinte:

—As organizações politicas que nunca tiveram um circo de acção correspondente ao seu genio, mesmo depois de abandonar a materia, continuam como que a contra gosto a se interessar pela politica. Eu conheço intimamente a politica de todos os paizes, mesmo daquelles que começaram a existir depois de Colombo e de Cabral. Do teu paiz conheço tanto como da Italia ha quatro seculos. Muita vez estou no gabinete do Nilo Peçanha. Doutras, tenho visto arder em cinzeiros de cristal os phosphoros meditativos de Lauro Müller, como dantes vira arder os cigarros e as velas do Rio Branco. Por desfastio, para me inteirar da continua mediocridade, assisto ás sessões das Camaras e aos discursos dos senadores que o Dantas Barreto quer acabar...

—Mas é admiravel! Conhece tudo...

—E devo dizer que não ha idéa de coisa peior.

—Tudo tem remedio.

—Talvez...

—Que pensas tu? Neste paiz devemos chamar o principe de molde monarchico, ou o tyranno republicano? D. Luiz ou um general forte? E' necessario reformar a Constituição?

—Deputado, os povos têm o que merecem como governo. Eu não poderia ditar-te do mundo invisivel alguns discursos do ensinamento sobre as duas decadas e meia da Republica.

—Mas poderias dar conselhos como no «Principe» ao futuro presidente.

O medium falou amargo:

—Para que? Ha neste momento uma obra que se faz aos poucos, equivalente ao «Principe» e cujo titulo poderia ser: «Do presidente no Brasil em periodos graves». A essa obra ficariam bem como epigraphe alguns principios meus. Assim, teriamos o capitulo para conquistar o poder.

—Que é?

—Fazer de morto no alto de uma montanha longinqua. Immediatamente todas as rãs gritarão a necessidade do morto. E' infallivel. Morto burguez, grave, com enterro de primeira classe, missa no altar-mór, eleição. Fica o homem na situação de ser desejado unanimemente.

—Ah!

—Eleito, ha o segundo capitulo: A esphinge. Nada mais bonacheirão que a esphinge. Todas ellas riem com bondade no Egypto. Edipo estava doido quando ouviu a exigencia de uma

decifração. Não ha esphinge com segredo, porque nunca tiveram secretas idéas aquelles que dão apparencia de as ter... As rãs podem todas julgar-se decifradoras de um enigma inexistente.

—Sempre é preciso falar...

—E' o terceiro capitulo: a inundação de palavras. Fala-se ao ouvido, fala-se na intimidade, fala-se para o povo. E' difficil ter quatro idéas e executal-as. E' facilimo falar de tudo sem possibilidade de execução. Agrada-se a cada um e conserva-se a esperança de todos. Mesmo porque o quarto capitulo é o da acção politica.

—Qual é ella?

—Jogar o pocker com fichas de feijão preto.

—Machiavel Nicoló brinca!

—Não. Jogar assim é prova de honestidade e quando se joga á noite, — meditação. A meditação é conservar o seu logar, pedir a Deus que nos ajude com bons e numerosos anjos da guarda armados, ter a noção do cargo acima dos combates, de modo que todos os actos forçados pareçam desejo de equilibrio das correntes dos outros. As rãs que queriam o morto dividem-se em dois partidos desejosos de mandar. A cada uma a ambição de estar na vez. E nos momentos de agitação furiosa — perspectivas enormes, o lançamento de problemas em que os animos se entretenham.

—Esses problemas são para resolver?

—Não. São para encher tempo. O principio basico é não fazer nada nem consentir que façam. O principio da inercia experta. O presidente consulta todos, baralha tudo e fica a espiar.

—Mas o povo acaba irritado.

—O presidente deve ter um pouco de manha da raposa.

—Não é uma virtude.

—A virtude é mascara. Basta dizer que não se admitte senão a virtude para que o regimen seja absolutamente virtuoso e que as rãs coaxem honestidade. Assim, o presidente atravessa com a autoridade do cargo, cercado do respeito geral. E, em pouco, como elle nada faz consultando toda gente, as opiniões tornam-se hystericas e a maioria fica realmente com medo do que possa acontecer. Roma e Byzancio devem estar na memoria dos futuros presidentes de povos que merecem pouco. Assim, o presidente aproveita a imcomprehensão e o panico, representando de Themis. Incapaz de agir, por exemplo, no caso de dois presidentes de Estado que discutem terras, quando um está com a razão — manda chamar aos dois para ouvil-os, conversa dois mezes e manda-os estafados, com esperanças. Quando houver uma voz mais forte recua, isentando-se dos direitos da responsabilidade, e quando deseja manter a vontade, sem quebrar a cordialidade — será

outra voz grave pelos jornaes. A inquietação e a desconfiança alheias são um repouso.

—E a causa publica?

—O presidente amará a causa publica a tal ponto, que se julgará a propria causa. E, como nada mais sério do que a sua conservação, o presidente fica immovel como a Loie Fuller, sacudindo largos pannos presos a dois páos, emquanto nesses pannos agitados projectam fitas delirantes os cinematographos administrativos.

—E' espantoso.

—O presidente perfeito tambem cuidará da sua successão. Não é da lei. Mas, respeitando a lei, faz-se um movimento para que os outros virem a dita lei de pernas para o ar, no intuito de salvar a patria, reformando-a. Habilmente, de fóra, isto é, do alto, assiste-se ao incendio ateado pelos outros. E, quando chega o fim, é possivel assegurar a successão e a posse do paiz para sempre á mesma familia que tenha muitos representantes da Camara.

Quando o medium acabou de dizer taes coisas, um dos occultistas exclamou, sem medo:

—Mas Machiavel virou Wencesláo!

Ouviu-se uma gargalhada atrós. Na sala escura todos se ergueram, correndo ao medium. O medium estava a dormir. Era o senador Bernardo Monteiro.

A HORRIVEL TRAGEDIA

—«A sciencia é muito fraca contra a necessidade.

—Quem governa a necessidade?

—As tres moiras e as erinnyas, que nada esquecem.

—Deus obedece-lhes?

—Nada póde escapar ao que é fatal.»

Era na sala deserta, com a tristeza de uma illuminação intensa. A treva envolve; a luz afasta. Póde-se ter medo na sombra; tem-se a sensação do isolamento no excesso da luz. Ha nada mais triste, mais angustioso, do que a luz, sem a animação das almas, o rumor mortuario do silencio illuminado? A miragem nasceu no deserto, como o supremo medo da luz que isola. E eu estava numa sala com cinco lampadas electricas, e lia tristemente a tragedia eschyliana, e pensava no horror que encheu a semana inteira. Um poço enorme de vinte e

tantos metros de profundez, aberto na terra, num breve buraco, como o do inferno dos gregos. Em torno, homens de saber e turmas de homens destinados a agir em nome desse saber. A agitação, o movimento afflicto. De vez em quando emergia uma figura com sangue nos ouvidos, com sangue no nariz, livida, vomitando. E dentro do poço, no fundo, meio enterrada entre tijolos e lodo, uma pobre creatura querendo viver, bracejando com a morte, resistindo, enchendo caçambas de lama, sob o receio do desmoronamento dos tijolos...

A minha memoria lembrava os supplicios dos chinezes, os terriveis tormentos da Inquisição, os castigos do Dante, a tremenda pagina do *Germinal*, no desmoronamento da mina, a fantasia amarga de Poe, os discursos profundos de Prometheu. E nada me parecia igual a esse fim de um pobre pedreiro da roça, esquecido do céo durante a existencia inteira; nada me parecia mais pavoroso que a resolução horrida dessa banalidade até então despercebida.

O Dante classificava certos homens «vindos ao mundo só para fazer estrume». A maioria é assim. Não os vemos nem nas guerras, nem nos campos, nem nas officinas. Elles morrem, muito anonymamente, com uma resignação inconsciente, tendo de nós, durante a vida, talvez a impressão por nós sentida diante das montras de um museu. São os carroceiros, são os lavradores, são os operarios. O perigo não existe

para elles como para nós; é outra coisa, quem sabe se apenas nós, com o nosso egoismo ambicioso de feras civilisadas...

O perigo para elles é a desconfiança da superespecie, para a qual mourejam. Nenhum de nós deixaria de se julgar um heróe, trepado num andaime de onde elles despencam, ao realizar um lindo palacio, ou cegando numa fabrica onde elles morrem para o nosso luxo, ou em qualquer outro posto arriscado e anonymo. Elles, naturalmente, vieram á terra para fazer estrume. A morte não os aborrece. E' a companheira. A nossa esquisita fraternidade protectoramente exploradora é que os attemorisa. E passam, e vivem, e deixam-se sugar e morrem, sem que nós apercebamos ao menos de que os explorámos.

Candido Isaias era o Candinho, pedreiro da roça, uma pobre creatura, uma coisa, pó, nada. Nenhuma das pessoas distinctas que viam Candinho poderia julgar que essa coisa tivesse sentimentos, tivesse parentes, tivesse a energia physica que é o esteio do nosso parasitismo, impertinente e vão. Havia um poço de vinte e sete metros de profundidade, aberto como uma garganta na terra dura e alargando para o fundo com as infiltrações da agua tão fortes, que, para manter a cisterna, fôra preciso fazer um revestimento de tijolos e concertar esse revestimento de vez em quando. Mais uma vez era preciso concertar a cisterna. Chamado um enge-

nheiro, elle faria calculos, levantaria uma planta, exigiria grandes dispendios. Chamado Candido Isaias ou qualquer «fellah», elle desceria com a sua pá, a sua caçamba, e endureceria as paredes por qualquer dez tostões diarios. Quantos Candidos Isaias têm saido vivos e ignorados de dentro do perigo, ou têm mesmo morrido sem que ninguem se importe? A vida é sempre a mesma. Os homens leram os caracteres que contam as caçadas de uns determinados reis do Egypto, as mumias desses felizes personagens reappareceram nos tumulos de pedra, e ninguem pensou com piedade nos milhares de homens que morreram esmagados ao peso daquellas pedras. A vida é sempre a mesma. Candido Isaias, pobre desgraçado, desceu ao poço, como quem vai com a certeza de almoçar. Não lhe dava nauseas o ambiente deleterio, não lhe causava hemorrhagias a rarefacção do oxigenio, não o assustava a fermentação animal sub-terrestre, não pensava que descia ao inferno. E, de repente, uma parede inteira de tijolos desabou. Nella virou Candido com a caçamba, sob o desmoronamento. Estava enterrado no lodo, e murado pelos tijolos até ao pescoço. Se tivesse morrido logo, enterrando a cabeça em vez dos pés, quem saberia da existencia desse homem? Ninguem! Era um trabalhador que caira num poço. Nada mais natural.

Mas elle viveu. Viveu para repetir só, para ser o centro de um quadro atróz centenas de

vezes repetido, não na fantasia dos escriptores, mas na tormenta da vida, nas explosões das minas, nos desmoronamentos, nos grandes desastres. Elle gritou, no fundo de um poço, enterrado no lodo. E a pobre humanidade ouviu-o.

—Ha uma creatura enterrada viva no poço!

De toda a parte corriam homens e mulheres. Sobre o sorvedouro debruçavam-se centenas de pessoas. Com a nova sensacional, a capital de S. Paulo mandou bombeiros com o mais moderno material de salvação; uma companhia dispoz sessenta homens sob a direcção de um engenheiro. Os trens chegavam cheios. A planicie de Rocinha enchia-se como as planicies gregas, diante dos monstros devoradores das lendas sempre certas. Mas nessa turba attonita degladiavam-se as verdades de Prometheu: o principio da esperança e o principio de que a sciencia é muito fraca contra a necessidade.

—E' preciso salval-o! Temos de salval-o!

Os homens desciam e voltavam com a cara em sangue. Baldes baixavam vasios e subiam cheios de lodo. O pavor esgaçava as physionomias. Só o poço era igual, o mesmo, tranquillo, a bocca secca, o ventre infiltrado, cheio de morte. E dentro desse ventre, desvencilhando-se ás vezes até os joelhos dos tijolos que cahiam, da lama que se argamassava, desejando a Vida, debatia-se Candido Isaias entre as moiras e as invisiveis erinnyas. Na escuridão, sentindo as larvas e a viscosidade do horror, o

homem era, emfim, diante da morte, o heróe. A multidão ouvia os que subiam de vel-o.

Elle dissera:— Consola meu pai, dize-lhe que tenho esperança!

Elle tinha um velho pai a quem amava, o pobre e anonymo pedreiro!

Elle dissera:— Pede á mulher e aos filhos que tenham calma.

Elle casara, elle morria para sustentar uma familia!

Elle pedia:— Não me deixes só. Eu não te deixaria, se estivesses no meu caso...

Elle tinha um coração feito de energia e de amor!

Diante do facto por consumar-se, a turba sinceramente revoltava-se contra a «necessidade», que o poço alluindo representava. Quem uma vez descia, porém, não tornava certo de que encontraria a morte. E só, na vessia pestillenta do monstro, não perdia a esperança o desgraçado pedreiro, elle mesmo enchendo os alcatruzes do lameiro que o afogava, elle mesmo auxiliando a salvação, que o poço obstava tranquilamente. Uma vez o irmão desceu e das cento e tantas horas do tormento partilhou com elle hora e meia. Que se teriam dito esses dois entes ignorantes no fundo do poço? O irmão voltou golphando sangue, louco, querendo outra vez descer. E o povo da planicie dramatica e o povo das cidades logo depois aprenderam que os irmãos entre os desgraçados tambem se amam! Tor-

tura sem fim em que, face a face, a desgraça do infeliz e o resto dos homens se avaliavam e se reconheciam!

Por duas vezes, o saber e a boa vontade iam a arrancar Candido Isaias. De uma dellas a «necessidade» do poço aluiu um dos revestimentos de tijolos, quebrando o cabo. De outra prendeu-lhe as pernas a propria caçamba de cimento do trabalho, entravada nas suas pernas. Então, entre a calma das moiras e a furia das erinnyas, lucido de esperança ou furioso de horror, no fundo do poço, sentindo a impotencia humana lá no alto, ao ar, Candido Isaias resumiu toda a dôr, todo o desprezo, toda a verdade á face da espectaculosidade sem effeito.

—Estou muito bem! Mandam-me gemadas e vinho!

Sim! A sociedade dava-lhe o que nunca lhe dera: o interesse com gemadas e vinho! Ninguem comprehenderia não estar cumprindo o seu dever. Elle só, depois de renovar todas as mortes horrorosas, insistia — para, se vivesse, vir a continuar a ser o pobre homem que ninguem vê... Depois, a primeira das parcas resolveu matal-o aos poucos. Elle perguntou machinalmente a um bombeiro:

—Onde estarão as minhas pernas?

As pernas já estavam mortas. Depois foi o ventre.

—Sumam-se! Sumam-se! Levaram a minha barriga com o lodo...

E, quando, afinal davam-lhe mais um cordeal, ao cabo de seis dias e seis noites, que eram um seculo de negror e de emparedamento, onde as lampadas apagavam e os homens não podiam ficar muito tempo, — os seus dentes estavam cerrados. Morrera.

—Tiremos o cadaver! Vejamos se é apenas um desmaio!

Futilidade humana! O poço estremeceu, e das paredes do seu ventre, a vinte e sete metros do solo, despencaram, sepultando o corpo, todos os tijolos, como um surdo final de epopeia...

No abandono luminoso da sala, com a tragedia de Eschylo na mão, eu via cheio de horror a escuridão desse sorvedouro, que uma semana inteira mostrara tanta coisa á nossa miseria pretenciosa. Todo o meu ser tremia de revolta contra a força que assim victimara um desgraçado sem culpa outra que não fosse a de ter sido sempre desgraçado. E na luz que tornava tão grande o meu isolamento, uma voz pareceu-me vibrar:

—Não penses em Prometheu. Não penses nas figuras de sonho e de legenda. Respeita o decreto da Fatalidade. Essa tragedia solitaria é a repetição de repetidas provas do Destino. Mas, tomando em plena convulsão da pretensão, de odio inutil e de furor da tua terra — um pobre homem daquelles que ninguem vê, o Destino quiz marcar o terrivel exemplo da sua unica força para a meditação dos que ainda podem me-

ditar. Quiz mostrar o nenhum valor da vã sciencia e da intelligencia diante da Fatalidade. Quiz provar a força, a coragem, a resistencia e o coração dos desgraçados que servem ao parasitismo odiento dos que a sorte destaca. Quiz fazer comprehender aos máos, aos invejosos, aos cobardes que pretendem aniquillar aos outros com a idéa de vencer, de que ninguem foge ao seu destino e á ordem inilludivel da força temerosa. Quiz mostrar como ás vezes os sem culpa são as victimas mais castigadas. Quiz, neste convulsionarismo de politicos amalandrados, de jornalismo sevandija, de circo romano em furia, recordar aos homens com a morte de um desgraçado tudo quanto elles, urrando, gesticulando, accusando e não pensando — parecem já ignorar. A vida é sempre a mesma. Repete-se. E na agonia horrida do pobre Isaias, está como o symbolo do Brasil, patria no fundo do poço recebendo cordeaes dos que a tinham esquecido e não a sabem salvar...

PORTUGAL NA GUERRA

——

O cataclysmo da guerra chega a Portugal. Tomou para nós, assim, um novo aspecto, de mais viva preoccupação a grande tragedia. Cada dia que se passa é, nesse momento de angustia suprema, feito de mais dor e mais heroismo. As guerras são fatalidades periodicas, são a transmutação dos valores da vida. Os pacifistas de ha dois annos, os pacifistas sinceros e os logicos deductivos da impossibilidade dos conflictos tremendos, tiveram a maior das decepções e o maior dos desmentidos nesse inaudito choque dos dois elementos que desde Roma se disputam o imperio do mundo. Nunca taes elementos estiveram tão definidos na sua divisão hostil. A terra vai ser outra, como o foi depois de Alexandre, depois de Annibal, depois de Cesar, depois de Napoleão. Os heroes são transformadores e expoente. Guilherme II é o expoente da sua raça,

dos desejos secretos do seu povo, heroe sob medida feita na Allemanha com todas as qualidades da sua terra, industrial, negociante, orgulhoso, dominador, nomeando Deus seu ajudante de ordens e julgando-se o supremo. Em tres instantes da sua vida agitada e frenetica, passada a preparar a guerra, elle disse ao que vinha. Em 1900 a sua phrase é esta:

—Só se podem decidir as coisas no mundo pela espada!

Em 1905 aconselhava:

—Polvora secca e espada afiada!

E, tendo resolvido erigir um monumento ao imperador Trajano, mandou-lhe esta dedicatoria:

«A Trajano, imperador dos Romanos, Guilherme II, imperador dos germanos.»

Os germanos! A lucta é exactamente a eterna lucta dos germanos querendo dominar o mundo por todos os meios, dos germanos tão guerreiros e tão unidos na campanha industrial e commercial, como nas avançadas lamentaveis sobre territorios neutros, germanos nos tempos de Tacito, germanos da decadencia de Byzancio, germanos de Atilla, iguaes sempre atravez da vida, querendo fazer o mundo á sua vontade, mesmo contra a manifesta vontade do mundo. Não têm opiniões, têm a opinião de que são os melhores «os deuses das duas pernas», como dizia Heine, «os dominadores das linguas e dos povos — *Sprachen-und-Wolker boendiger.*

Sem canhões e sem mortes na sua ultima phase, de Bismarck para cá, elles realizavam cerradamente esse dominio, conquistando. O falar as linguas dos outros, symptoma de fraqueza, é para elles provas terrestres de força e de dominio. O mercadejar que não é impor, elles fizeram poder. E todos iguaes, na China, no Levante ou na America ou na Africa, philosophos, commerciantes, soldados ou corretores, unidos e allemães, formam a força disciplinar e mecanica que póde obedecer ao *zucht* «a unidade de poder».

Guilherme II quiz a guerra. Os documentos secretos, os telegrammas por occasião do assassinato do Serajevo provam irrefutavelmente que elle fez tudo para romper a guerra, já preparada, com o papel sympathico de Salvador universal, combatendo o mundo inteiro. E, como se elle quizesse, todos os allemães seriam contra a guerra, todos os allemães marcharam para a guerra como diante do proprio Deus da Guerra, porque elle a quer.

Antes assim. Em vez de virar lentamente uma balança, Guilherme II virou-a de subito, com um golpe de espada. Os homens que pensam e escrevem do lado de Guilherme e do outro lado do mundo, não tendo ido para as trincheiras, estabeleceram outro combate, ridiculo, talvez, o combate-reclamo, o combate-propaganda, falsificando e mentindo, culpando e ladeando os factos, discutindo a serio a Kultur e a Civilização.

Os germanos já estavam habituados tambem a esse molde de batalha. Um dos seus sabios, antes da guerra, escreveu um livro para provar que Jesus Christo era germano. E' difficil ultrapassar convicções de tal ordem. Os outros povos na hora angustiosa, pretendem comparar tendencias sob rotulos diversos, discutindo o crime e as influencias.

Essa segunda lucta dá-me a impressão de dois alumnos de lyceu que, em vez de discutir o thema: Qual é maior, Cesar ou Napoleão? fazem como num leilão o reclamo de dois armazens do genio humano.

A intelligencia é uma força divina. Cada uma della se serve como está marcado pelos deuses que vivem em nós e são os instinctos. Dada a guerra, a necessidade é definirmo-nos e luctar. Os fracos são os que se não definem. A Allemanha, isto é, o sonho pan-germanico, teve a sua definição furiosa em Guilherme II. O pretexto foi horrivel, os meios moraes são descabellados. Mas a outra parte do mundo sabe absolutamente com quem tem de haver-se.

As nações conscientes e os governos menos fracos ligaram-se. A lucta é indecisa ainda neste momento. Dá-se sobre a terra o cháos de fogo e sangue. Ninguem póde dizer o que será o dia de amanhã. Para os neutros o Destino é o mesmo. Vença o poder unido, o «zucht», ou vença a união pessoal do livre arbitrio — esses neutros terão de ter o papel dos gregos depois de Ale-

xandre. Curvarão a cerviz, ancillarmente. Depois da guerra o mundo será inteiramente outro, com um unico principio de pé, o principio de todos os tempos — o da supremacia da força, que ninguem sabe onde ficará.

A declaração da guerra da Allemanha a Portugal, declaração fatal e provocada pela requisição dos navios mercantes no porto de Lisboa, causando aqui a sensação profunda, trouxe commentarios. Ha um:

—Que vai fazer Portugal? Que póde elle?

Eu acho que póde muito. Mesmo que os germanos vençam na Europa inteira e invadam Portugal, ha uma verdade sobrehumana que é a realidade moral da acção. A Belgica era, militarmente, insignificante. A Belgica definiu-se. Não existe momentaneamente. Mas, nunca foi ella tanto uma grande patria, uma nação, um povo. A Servia, aguerrido joguete das combinações do equilibrio europeu nos Balkans, diante da brutalidade humilhadora e covarde das imposições austriacas, tremeu um segundo. Deixou de ser nesse rapido colapso o povo servio—para ser—varrida, dominada, engolida, de novo a grande Servia. As nações quasi inexistentes, como poder militar, nascidas do desmembramento da Turquia, na peninsula guerreira, cumprem o seu dever, vivem. A Grecia, nesse turbilhão, tentando lucros accommodaticios, é de um sinistro ridiculo.

Portugal, desde o começo da guerra, prestou o seu auxilio d'armas áquelles de quem era allia-

do antes da guerra. Não teve hesitações. Não estava em causa directamente. Deu canhões á Inglaterra e correu á Africa a recollocar no seu logar os germanos invasores. Povo e governo mostravam as mesmas qualidades generosas que na historia do mundo dão a essa terra um privilegio singular de saude moral. As influencias, as suggestões, o trabalho germanico das conveniencias, esse trabalho subterraneo em que os enviados de Guilherme II são inexcediveis, puderam retardar o impeto definitivo. Mas Portugal agiu, e esse acto provocador, tenha as consequencias que tiver, é um grande e formoso gesto! Nunca Portugal foi tão moço e tão seguramente demonstrou as qualidades essenciaes da raça. No turbilhão de fogo e sangue que transforma o mundo, elle entra com a clara simplicidade dos seus antigos heróes, com esse espirito de liberdade e independencia que salvou sempre a patria, mesmo quando os reis fugiam.

Os commentarios, porém, continuam:

—A loucura desse gesto no momento do paniberismo hespanhol, quando a Hespanha aprestada tem tantas sympathias germanicas!

—Mas, mesmo que assim seja, uma attitude neutra modificaria o que tem de ser depois da guerra?

A essa pergunta ninguem responderá senão pela negativa.

Para os que percorrem os paizes, entrevendo na vida commum a sua vida moral, Portugal

é, neste momento de guerra, o velho carvalho em que brotam as folhas de uma nova primavera. E, como nessa terra de conquistadores-poetas, de soldados-poetas, em que até o povo fala em verso sem sentir, o poema epico marca os instantes maiores, eu penso involuntariamente nos cyclos que as epopéas cristalisaram e vejo os cimos que são symbolos.

O momento do esplendor, Camões dilatou-o. Camões é o livro dos livros, a biblia da força, do triumpho, do dominio e da esperança da raça, a origem esplendorosa da conquista, dessa fascinação lusitana que continúa individual em cada portuguez pelo mundo afóra. Depois de Camões, Junqueiro. Nos poemas desse genio, a maior dor soluça o pavor do fim da collectividade, sob a indifferença das dynastias. Compararam Junqueiro a Juvenal. Juvenal é um burguez zangado. Junqueiro é um propheta, que põe de pé o povo a chorar e a rir de desespero e de raiva. Os vates são os unicos duces sem derrotas. Esses poemas eram lagrimas de fogo que se fizeram estrellas guiadoras. Todo Portugal de agora sentiu a indignação redemptora de Junqueiro, mesmo quando não o tenha lido. Elle negou para erguer. E ergueu. Na juventude que inicia a obra de gloria, logo como prova de renovo surgiu o novo symbolo. Não é o Gama que abre as portas da terra e cria mundos protegidos dos deuses. Não é o Doido infinitamente tragico clamando a sua incommensura-

vel dor incomprehendida. E' Anteu, o que se bateu com Hercules, o edificador de cidades, o portador da fé no ignoto. E, quando, nesse poema de João de Barros, todos nós choramos a lapidação do novo symbolo de Portugal pela turba inconsciente, á instigação do tribuno, o eterno inimigo do sonho, que é a grande verdade humana, vemos que marinha pelas pernas do negador miseravel alguem. E' o filho de Anteu, é a indestructivel força pura da raça, que continúa e quer. E o proprio tribuno o tem de erguer humilhado da vontade, para que elle, a esperança, o novo, o dia de hoje, o Portugal de agora, veja com o seu desejo immenso os navios que voltam carregados de gloria!

Não foi jámais a prudencia o celleiro da gloria. Com prudencia, que é o medo a frio, o susto permanente, os homens não são homens e as nações não existem. Prudente, o homem não teria deixado a caverna para edificar este jardim de penas, de luctas feito e refeito que se chama a terra. Com prudencia a vida humana seria a da topeira. A historia não é senão uma chronologia de audacias. Os audazes vencem sempre, firmando-se a memoria dos povos. Os symbolos das patrias são os audazes, E os povos audazes são os admiraveis.

Neste momento crispa-se a terra de audacia e heroismo. Essas qualidades são furia em Guilherme, o desencadeador do cyclone. Mas por todos os lados estalam raios

e cada homem, e cada povo cumpre o seu dever de projecção. Os germanos que amontoam milhares de mortos em torno de Verdun, podem praguejar ameaças terriveis. E' possivel que haja ainda mais povos em lucta em proximo futuro! Portugal mantém as suas qualidades de audacia. Está vivo. Está Portugal. Integra-se na corrente. E por maiores desastres que venham, o seu nome viverá com desassombro na memoria da horrivel tragedia transformadora.

O passado só póde ser comprehendido como a força do presente na fé do futuro. Na avalanche de milhões e milhões de homens, a morrer e a guerrear, esse desapego orgulhoso de um pequeno povo é uma certeza. Vejo nelle o Portugal sempre moço e airoso, sadio de alma e corpo — com essa saude espantosa a que não ousam atacar nem mesmo os climas selvagens e os venenos crueis das terras inhospitas, com essa vontade pura a que todas as forças da natureza se submetteram como mulheres tremulas de goso, com essa coragem que o atirou sempre contra o invasor... Masculo, airoso, adolescente, o Portugal que inventou o Atlantico para passar por onde ninguem passara, e ainda outro dia fez na America a minha terra, atravessando oceanos de florestas, como atravessara a rispida floresta dos vagalhões irosos.

Não pensemos no futuro. Ninguem póde saber o proprio futuro neste momento. Nem nós na America — o nosso. Não tenhamos odios.

Não se trata mais de homens. Elles morrem aos milhares, de minuto a minuto. Trata-se da victoria ou da derrota de duas correntes humanas, de dois principios de dominio. Entre fogueiras e sangueiras ha um idéal pelo qual as raças combatem afinal sem mascara, sem hypocrisia. E nessa lucta, o gesto de Portugal é de tal desapego e de tão ardente fé, que ninguem com alma e com fé poderá deixar de louval-o cheio de enthusiasmo!

CONSELHOS

Como Jorge acabasse o seu curso de direito, em que consequentemente devia ter aprendido os principios de justiça que são a moral, lembrou-se de seu padrinho, o conselheiro Guedes, homem rico, e d'ahi com o direito de ser exquisito e mal humorado sob o sorriso benevolo de irreductiveis amisades. Jorge é um bello rapaz, dansa o tango, vai casar com uma menina que em vez de saber coser, sabe compor alexandrinos, redondilhas e até mesmo uma espepecie de «canna-verde» metrica posta em moda pelos poetas suburbanos e intitulada «canto real». Apesar disso, porém, Jorge não tem dinheiro e o seu desejo, indo em visita ao padrinho, era convidal-o a montar o escriptorio, entrando com alguns contos de réis para as despezas de instalação da vida de um joven advogado. Assim, quando passou á sala onde o velho conse-

lheiro tomava uma taça de camomilla, Jorge estava doce, amavel e paciente.

—Com que então bacharel? fez Guedes.

—Emfim! Venho, antes do mais, pedir a sua benção.

—E pretendes trabalhar?

—Honestamente.

—Quer dizer que continuas palerma?

—Padrinho!

—Não te escandalizes. Tenho por ti uma certa estima.

—Obrigado.

—Esperava, pois, a tua visita para te dar alguns conselhos, filhos da experiencia e da reflexão.

—Ah! articulou Jorge, preparando-se para fingir que o escutava.

—Senta-te ahi...

O conselheiro enguliu a sua camomilla, limpou a bigodeira, foi sentar-se numa cadeira de balanço, pigarreou, e, olhando fixamente o afilhado, falou:

—O primeiro erro da tua vida foi aprender para agir. Desde que no Brasil se deu a transmutação dos valores, o homem que vem para a vida, com a pécha de saber alguma coisa, é o cidadão que organiza esquadrões de inimigos, sem estar armado. Lês os jornaes? Supponhamos que sabes de facto alguma coisa. A maioria dos cavalheiros que arranja a vida, toma conta das posições, faz negociatas, é composta de es-

pertos ratos que sabem ler, sendo analphabetos. Primeira desigualdade. O saber é como a religião: dá escrupulos. Tu, se não fores um canalha, terás escrupulos, pensarás na opinião que os outros possam ter a teu respeito. Os ignorantes avidos pouco se importam, tendo o que tu não terás: topete. Ora, topete é o unico substantivo de uma sociedade que se cristalisa em torno de um verbo do máo calão.

—Que verbo?

—O verbo *achacar*.

—Padrinho!

—*Achacar* comprehende desde o assalto até o *chantage*. Mantendo a hypothese de que tu saibas alguma coisa, é certo de que não tenhas o topete de discutir assumptos que não estudaste, sendo capaz de mudar de opinião da noite para o dia. Os outros não têm opinião, têm garganta para gritar e engulir e tornar a gritar. Não é possivel ver-te como os homens aos quaes no tempo de Pedro II ninguem apertava a mão, descompondo o que elogiaste na vespera, nem tampouco pedindo ou ameaçando de escandalo, para que te abram os cordões da bolsa. Ficas em posição inferior na concurrencia.

Esse é, entretanto, o inconveniente primordial. Ha outros. Um é a attenção de todos esses patos fingindo de ganços, a attenção desconfiada dos patos por ti, ou antes, contra ti. Esperam a cada momento estraçalhar o sujeito que sabe mais e que, no seu obtuso conceito, levará mais

vantagens. Se não deres motivo, atacar-te-hão sem motivo, pelas tuas camisas, pelo teu bigode, pela tua amante. Serás infalivelmente, por exemplo, plagiario. Imagina um batalhão de ratos diante de uma aguia. Ou roubam-lhe as penas como acontece em raros casos, ou guincham que a aguia nem gralha é. No ambiente da desconfiança, se tu dizes mal de alguem, elles vão a esse alguem, pedem dinheiro e berram que tu queres o que elles já arranjaram. Se elogias — já miseravelmente enguliste de um trago o que elles não podem engulir num anno.

Pensará alguem nas posições com discernimento para ver o erro? Engano! O costume força-os a nivelar as situações, e não pedindo serás sempre com escandalo o maior explorador. Mas é incalculavel o prejuizo da leitura, o pé direito moral que ao edificio da alma dá o saber. Mesmo sem vergonha, tu farás inconscientemente elegancia, estarás pedindo com gentileza. E sairás perdendo, porque diante de um banqueiro um moço de talento e o notavel precursor Pula Ventana, o banqueiro póde convidar para jantar o rapaz, mandando a noticia aos jornaes com o fim de prendel-o pela publicidade, mas cede logo e mysteriosamente ao Pula Ventana, e quem ganha é sempre o Pula Ventana...

Não ha maior erro do que saber nesta terra!

O joven Jorge sorriu.

—Não se afflija o padrinho. Eu apenas formei-me. Mamãe fazia gosto e depois, bacharel sem-

pre é um titulo que auxilia. A gente póde ser delegado de policia e secretario de legação sem concurso. Não tive tempo de estudar, mesmo porque o regular parecia — formar-me para depois estudar, caso fosse preciso.

—Não é.

—Ainda bem. Adivinhei!

—Com a divina intuição do momento. Tens assim um campo aberto para a unica conquista da vida.

—Qual?

—O dinheiro! Pódes conquistal-o anonymamente ou nas posições de mais destaque. Sem saber nada, sem escrupulo, com topete, conseguirás o teu fim, a acção permanente do verbo *achacar*, ou pelo methodo sombra ou pelo methodo holophote, mas sempre gritando, ameaçando e descompondo.

—Só?

—Apenas, se soubesses alguma coisa, eu falaria do frenesi que sacudiu o throno de Luiz XVI e pensaria na grande revolução. Mas seria idiota, porque, não sendo o Brasil ainda um paiz, as revoluções acabam como a opposição ao Hermes, para dar a comida a patos, cuja guela gritava moralidade, querendo apenas encher o papo. Como não sabes nada, como te fizeste bacharel sem pensar um momento na tua patria, como és inteiramente igual aos outros, é mais simples falar. Basta dizer-te: segue o

o exemplo alheio, o exemplo evidente, sê parodia de ganso, grasna!

—Padrinho!

—Não sejas amigo de ninguem, certo de que ninguem é teu amigo senão por interesse. Queres um emprego? Descompõe, chama de ladrão, de bandido. Depois farás as pazes, se te convier. Exercita o regimen moral da «faca aos peitos». Ha muito tempo que não ha mais oradores no Brasil. Mas, em compensação, temos a febre do falatorio numa lingua que assegura a João Ribeiro a excellencia da supressão de Camões nas escolas. Fala! Não precisas provar coisa algoma, nem estudar. Fala! Descompõe na Camara, descompõe nos *meetings*, descompõe nos jornaes, descompõe pelas esquinas. Desde que te colloques, como os outros, na convicção de que todos são uns refinados malandros e tu só o homem de bem, desde que berres diariamente essa opinião pessoal, o publico dar-te-ha credito e poderás *achacar* á vontade, sempre em nome da moralidade.

A moralidade é, foi, será a maior arma do mundo. Não ha canhão allemão, não ha gaz asphyxiante, não ha torpedo, não ha principalmente gazua mais formidavel que a palavra moralidade. E, se soubesses alguma coisa, eu lembraria que ella foi sempre usada pelos ignorantes, para o bem ou para o mal, conforme os ignorantes, mas sempre como um *abre-te, sesamo* miraculoso. O christianismo, para vencer, cha-

mou a moralidade. Todos os definitivos savandijas tambem gritam pela moralidade, ou antes, contra a immoralidade. Como agora aqui, o batalhão regenerador...

Não sei o que pretendes ser. Mas, bacharel, sem ter estudado, pódes ser tudo, tens o direito de ser tudo, até presidente da Republica, comtanto que grites com ar decidido: Precisamos moralisar essa corja!

—Mas, padrinho, póde haver uma reacção.

—De que genero? Pancada? Tiro? Isso é raro. Arma-te de um capanga e fica tranquilo. Defesa dos atacados? Nada adianta. Ataque contra ti? Melhor. Sobes de valor. A questão é ser bem réles, bem terra a terra nas descomponendas e incessante. O principal é tratar de tudo o que ignoras, chamando de ladrões os mais puros e os mais intelligentes, como os mais teus collegas.... A sociedade tem positivamente agora a impressão de um pesadello. Não acredites que os transeuntes estão reflectindo e agindo sadiamente. A miseria do grasnar insaciavel creou uma atmosphera de obsessão involuntaria, de que o eu de cada um é incapaz de se libertar, como nos pesadellos em que os corpos ficam immoveis e o sub-consiente acompanha o delirio, em que muito sujeito visceralmente honesto pensa estar executando com prazer ou acompanhando as torpezas dos outros. Ha mais de dez annos, grita-se em cada canto: ladrão! Ha mais de dois lustros só se ouve falar de canalhas e de patifes.

Recorre a qualquer livro de medicina legal e verás de como a opinião das multidões se faz de repouso das opiniões de uns sobre os outros. A convicção geral é que todos são uns bandidos. Como esses bandidos são sempre felizes e os que os accusam ficam tambem provadamente indecentes negocistas, a multidão acha que o roubo é uma necessidade agradavel. E como é assim, todos, na medida dos proprios recursos, estabelecem o dolo como habito. Dest'arte, graças á raça dos tribunos, estabeleceu-se a crise aguda da corrupção. Nunca houve no Brasil tantos desvios de dinheiro, tantas ladroeiras de gente no fundo honesta, tanto crime de roubo, dos estabelecimentos particulares aos servidores do Estado. A um indifferente eu diria:

«Precisamos abrir uma janella para arejar essa miseria; precisamos formar uma liga de estranguladores dos patos que fingem de gansos; precisamos impor a vergonha a essa gente, que corrompe o paiz inteiro, *achacando* aos berros de que está moralizando».

Mas eu sou teu padrinho, teu amigo. Segundo a igreja, teu segundo pai. Desejo a tua felicidade. Devo dar-te conselhos praticos. Entra na vida sem escrupulo. Descompõe, insulta, berra. Sempre! Serás tudo o que quizeres!

Jorge ouvia sorrindo o insupportavel Guedes. Guedes ergueu-se, Jorge tambem. E, ultra-contemporaneo, depois dos conselhos do velho conselheiro:

—Seguirei á risca o que me diz. Mas, antes, precisaria que, como um verdadeiro padrinho, além de conselhos, me désse cinco contos para montar o escriptorio.

Então o veneravel conselheiro Guedes alisou a bigodeira e concluiu:

—Combinado, assignando tu uma promissoria, para te ter na mão quando tu fores perigoso.

E, modernamente, padrinho e afilhado apertaram-se as mãos...

MENDIGOS

Com a sua displicencia de infinito bom tom o joven deputado Gustavo Barroso descalçou a luva e redigiu indicação a proposito de um caso que precisa ser regulado: o dos immigrantes inuteis, invalidos. Immediatamente souberam os povos de uma coisa fatal — é que tambem já tratara do caso ha muitos annos o edil Leite Ribeiro, o homem dos dez mil projectos. Ficou assim a burguezia da municipalidade de accordo com a elegancia da representação federativa. O Conselho disse a urgencia de pôr em ordem a miseria que vem do exterior. A Camara propõe que se veja isso, quando houver tempo, o opulento, rapido e avaro tempo...

A minha palavra não tem valor algum. Mas, por um acaso, faz-se forte por acompanhar a do já veneravel Leite e a do representante, senão do voto authentico do Ceará, pelo menos

de uma brilhante mocidade, cultora do dilectantismo espiritual em todas as manifestações da vida. Concordo com Barroso. Concordo com Ribeiro. E, como ha mais maneiras de concordar do que de projectos tem o esforçado Ribeiro, concordo por idéas que nem Barroso nem Ribeiro têm — pela situação assustadora do mendigo interno.

E' preciso ser idiota para encarar o mendigo sob outro aspecto que não seja o social, e eu reconheço no mendigo qualidades de ensinamento só comprehensiveis na philosophia psychologica — sciencia do frio raciocinio, que anniquila o sentimentalismo. Antes de saber do projecto andava furioso com um mendigo que amofinava o meu charuto e a minha digestão, á saida de um restaurante. Neguei-lhe sempre o nickel, que podia subtrair a abundancia dos nickeis dados ao *garçon*, proprietario de duas casas na minha rua. No dia em que li a noticia do encontro de idéas dos dois representantes da vontade eleitoral. ao saltar de um bonde, vi o irritante pedinte prestes a conseguir a moeda da bolsa de um transeunte. Ia defender o transeunte. Mas a moeda caiu antes do tempo, o transeunte seguiu e eu vi o mendigo, que vinha na minha direcção, beijando em extase o tostão. Entrou numa padaria, louco. Nem me viu. Essa desconsideração chocou-me. Tanto mais quanto estava resolvido a consideral-o um symbolo da humanidade, diante do Dinheiro, o unico Deus

da terra, beijando o tostão como quem beija a imagem de Jezus. Assim, limitei-me á certeza apenas de que era um homem com fome.

Surpresa amarga! Dos homens com fome não ha nada a fazer de bom. E' incrivel o que elles têm de opiniões diversas dos outros. A barriga cheia é um excellente regulador da civilização. O estomago vasio é o desastre. Chega a não dar outras idéas senão a de comer, e permitte muito bem o odio e a desconfiança.

O drama do tal individuo com fome — verdadeiro paradoxo num paiz de explorações como este, em que ha vinte annos ao menos accusado dos dirigentes não deixam de attribuir o crime de ter ficado com uma mobilia, a fatal mobilia de sala — é aliás uma das muitas historias de mendigos extravagantes da minha vida. Não dou esmolas aos mendigos para não me enfraquecer moralmente, cultor que sou de principios nietzcsheanos. Mas, por leituras, desde Socrates, o Elegante da Vontade na Miseria, observo curiosamente.

O mendigo é feito de contrastes. Tem a felicidade de não ter que ter honestidade. Não póde haver honestidade no zero, sem esperança de uma unidade á frente. A honra é uma qualidade de que se faz questão nos outros, que não sejam mendigos, isto é, sugeitos sem ambições, incapazes de causar inveja. Ter honestidade é quasi sempre ter medo de perder varias coisas conquistadas contra os outros e que os outros

esperam retomar de cumplicidade com os códigos.

O mendigo é zero. Não tem honestidade, não a póde ter. Entretanto, tenho encontrado mendigos com esse preconceito necessario á boa mesa, á bôa cama e á bôa e honesta canalhice intelligente. Uma vez, em Paris, saindo do meu hotel para uma noite de desperdicio, uma velha aborrecida pediu-me uma esmola. Não possuia senão ouro. Recusei. Mas, como eu fizera o gesto de mostrar a moeda e apparecera a respeitavel figura de um *sergent de ville*, a mulher suspirou:

—Salve-me, senhor, ou eu vou para a prisão!

Achei de mais a prisão, e estendi o luiz:

—Vá buscar-me uma caixa de Khedivas.

A mulher correu com os meus vinte francos e eu segui aborrecidissimo. Tanto mais quanto a autoridade olhava para a minha caridade com um pouco caso consternante. Nessa noite paguei uma ceia carissima. distribui dinheiro a todo o pessoal mais ou menos ladrão do estabelecimento. Quando voltava, ás quatro da manhã, á beira do hotel, sob a neve, lá estava a mulher.

—Merci, monsieur, merci infiniment! Voilá vôtre paquet de cigarretes...

E estendia-me os cigarros com o troco. Esperara seis horas, a morrer de fome, para restituir uma somma que lhe daria quatro dias admiraveis. Fiquei tão espantado que guardei os cigarros, guardei o troco, depois de dar uma lar-

ga gorgeta ao *chauffeur*. Um dinheiro imprevisto, o premio da loteria da honra na miseria! Francamente, desorganizava... O absurdo da honestidade em alguns mendigos é acompanhado do medo. Quem não tem o que perder tem sempre o que ganhar. Pois, para nossa salvação, os mendigos têm tambem medo. Todos! Com a mão na consciencia, que tambem é uma bella moeda com livre circulação — a maioria dos cidadãos que andam ahi gastando dinheiro é que devia ter medo. Não se enriquece senão com o negocio, o trabalho da esperteza — o *bluff* ou a ladroeira. Entretanto os mendigos que esperam á porta dos hoteis não se lembram de entrar por ali...

Haveria varios meios de entrar, á maneira dos que comem com fartura. A intriga, a calumnia, a subserviencia, a força, o insulto, o assassinato. Os mendigos tremem de medo. — Ponha-se fóra! é ordem difinitiva. Elles recuam, logo. E, á idéa da policia, desapparecem. Mas por que?

Reflecti que a maioria dos mendigos tem esse aspecto pusilanime por uma evidente falta de contaminação literaria — porque alguns falsos mendigos, quasi todos leitores do jornalismo independente, são, como ninguem ignora, impertinentissimos, tocam as campainhas das casas, entram pelos restaurantes, desprezam a policia, gritam. Mas depois attentei que esses são os exploradores, têm o estomago cheio, escapam

á psychologia de mendigo authentico. Naquelles ha o malandro, neste o estomago vasio. A caimbra do estomago é o plasmador do ultimo, desenvolvendo qualidades perniciosas.

De que serve a honestidade, sem motivo algum para ser honesto, desde que a situação de mendigo é um estado final mais desprezado do que o de gatuno? De que serve o medo, quando tudo quanto possa acontecer tem de ser para melhor, inclusive a cadeia? Será, secreta e mysteriosamente, o amor da liberdade, o medo de perder o unico bem de andar livremente?

Os mendigos, feitos pelo estomago vasio, são, na sua negatividade atravancante, possuidores de uma qualidade superior: desconhecem a amisade e desconfiam dos homens, mesmo na exhibição da caridade. Parecem-se com os superhomens e com os animaes. Os animaes têm apenas o sentimento da especie durante um certo tempo. Ha mendigos que pedem para os filhos. Mas não têm amisades, desta amisade contemporanea de todos os seculos — cooperativa de auxilios mutuos, em que se encontram innumeraveis ladrões. Um animal é capaz de ser amigo do homem. O mendigo é capaz de ser amigo de um animal. Mas, assim como num campo de bois, os bois não demonstram amisades, assim como num bando de lobos, os lobos andam juntos sem intimidades, assim acontece com os mendigos. Mais. Com os animaes a difficuldade está em saber até onde elles com-

prehendem e até onde elles deixam de comprehender.

Com os mendigos tem-se a certeza de que elles nos comprehendem apenas até a desconfiança...

Por isso as historias de mendigos são como as fabulas do alegre Esopo e do incorrigivel Lafontaine. Mettemos nellas tudo quanto os mendigos não dizem, nem diriam. Mettemos as lamentaveis opiniões deste vasto edificio da Bolsa, que é o mundo e de que elles são as despreziveis sujeiras.

Entretanto, do seu impenetravel segredo, que talvez não exista, quem sabe? irradia como uma photosphera a expressão da fatalidade. Elles resignam-se, elles sujeitam-se, elles não esperam. O principe Çakia Monin, em cuja mão immovel fizeram ninho os passaros, esperava a dissolução no nada. Os santos nas Thebaidas comiam gafanhotos, á espera de Deus, que, nesse tempo, organizava um partido politico e era forçado a apparecer aos crentes. Os normaes de hoje em dia podem correr as ruas com fome mas correm com a esperança no Dinheiro, com odio aos que têm dinheiro. Cada homem arrasta uma dóse de infamia capaz de empestar o orbe e não empestam porque morrem em vez de rebentar e uns contra os outros protege-os a vaccina da mesma carga.

O mendigo vive sem esperança. A sua vida é o mesmo dia morno, opaco, igual.

O mendigo fica como os animaes. Um pouco peior: caça restos e migalhas, estendendo as mãos. Tem medo dos homens, desconfia delles, não os ama, não espera e existe sem vergonha alguma, sem vergonha dos andrajos, sem vergonha da fome, sem vergonha de não ter onde dormir, com a coragem de um semvergonhismo épico.

A principio, quando era uma opinião indiscutivel a impossibilidade da miseria na cidade e considerando cada mendigo um transformista explorador, fui ver algumas hospedarias de bairros suspeitos, á hora morta. E', como ninguem ignora, desagradabilissimo. Vendo dormir em torno de sentinas suffocantes velhas lamentaveis, tinha-se a certeza da miseria. Mas, depois, nem mais foi preciso aborrecer os delegados e os commissarios e os donos dos albergues, que paulatinamente enriquecem dando o tecto a essa gente. Ha tantos que dormem ao relento! Outro dia morreu um velho nas escadarias de marmore do Mourisco, como num conto oriental. Em outras escadarias de outros monumentos magotes silenciosos enrodilham-se alta noite. Pelos gramados verdejantes das avenidas, cuja luz é um desperdicio de nababo, as manadas dos ex-homens resfolegam.

Talvez a crise, a falta de trabalho, augmentem os mendigos de um *superavit* transitorio, o unico *superavit* no Brasil. A minha attenção vai, porém, para as velhas que andam perdidas,

e para os velhos respeitaveis que se sentam nos bancos com dignidade.

Fortes sêres esfomeados, sós, absolutamente sós, sem um carinho, sem um coração, sem uma enxerga, sem uma vontade, sem uma queixa, sem uma revolta! E passa tanta gente de automovel, pensando em fazer mal pelo prazer de fazer mal! Que infintas coisas não dizem essas figuras graves? Pensarão? Tiveram passado? Terão saudades? Odio? Indifferença? Sem mais nada elles são, entretanto, inviolaveis. Ninguem saberá jámais o que está por trás dos instinctos famintos que supplicam a migalha como os rafeiros, fogem espavoridos da ameaça humana, e guardam tão desconfiadamente, tão desprezadoramente o segredo talvez inexistente da alma...

Por isso elles são desinteressantes. Estão perto de nós e estão a milhões de leguas. Não têm mais nada de commum com os nossos sentimentos, as nossas idéas. Um deserto separa-nos, transformando-os: a fome. E deserto maior aqui, neste *farwest* de bambochata civilizadora — porque todas as obras de governos e de particulares, tendentes em outros paizes a diminuir o insistente espectaculo, continuam a ser inteiramente desconhecidas. Nem o governo, nem a Municipalidade, nem os particulares pensam na miseria. Só a natureza, sem culpa alguma, aliás, e para desprazer dos elegantes, protege-os um pouco, mantendo eternamente o calor, o calor que no

dizer de um homem illustre é o tempo que não dóe...

O diabo é não haver albergue para alojal-os! Nem albergues, nem outras coisas, nem mesmo — oh! céos! — verbas, dinheiro! As leis, as medidas de repressão contra a horrivel lepra social (como se diz em estylo indignado) são allegorias que servem apenas para os miseraveis policiaes escorraçarem do banco esses impertinentes, aos quaes a sorte não quiz fazer ministros como a outros mais perigosos farrupilhas, mas da intelligencia, e que transitoriamente respeitamos.

Por que manter a mesma criminosa indifferença, deixando entrar tambem os miseraveis estrangeiros, quando já temos de mais nacionaes para assustar a gente, e morrer pelas ruas?

Assim, a indicação de Barroso, já pensada por Leite, vale como a unica prova de que pensamos nos mendigos — prohibimos a concurrencia extrangeira. Nada mais moralmente elegante num paiz proteccionista.

SUBSTITUTIVO

Um deputado, o Sr. Costa Rego, cujo nome apparece diariamente a fazer discursos, defender projectos e pedir informações ao governo, entrou outro dia pela Camara com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto, sentou-se, pegou da penna e redigiu algumas linhas. Em seguida, com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto, foi até á mesa onde o Sr. Astolpho Dutra parece dizer: — «isto aqui é de vocês». Depois, sem remorsos, com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto, de novo se sentou. O sol continuou a brilhar. Os ventiladores continuaram a funccionar. A especie humana, representada naquelle pavilhão de exposições, não tremeu, não se agitou, não morreu. E, quando, á tarde, os jornaes noticiaram o calamitoso crime do laborioso joven, os transeuntes continuaram a transitar, integralmente descuidosos.

O Sr. Costa Rego, com o seu melhor sorriso, o seu melhor charuto e uma alma de torcionario chinez, fizera apenas isto: redigira um pro-

jecto de tal natureza que os deputados, ou terão de perder o insignificante subsidio, ou serão obrigados a assignar o ponto e, por consequencia, a estarem todos ou quasi todos diariamente no palacio Monróe.

Pela primeira vez na minha vida tive pena dos deputados. Não por elles. Mas por mim, pelas diversas classes empregadas em divulgar-lhes as idéas, pelo paiz, pela patria incauta. Pela primeira vez pensei no cataclysma irremediavel.

A Camara já foi, em tempo, logar aprazivel. Era assim como um centro de conferencias politicas estipendiado pelo Estado. Duas duzias de deputados, que eram antes homens de espirito, e que por um prodigio providencial continuavam a ter espirito, faziam discursos, dialogos, pequenos ensaios, com linha e applausos. Os outros, como acontece em todas as agremiações, ou iam lá e nada faziam, ou, o que era melhor — não appareciam absolutamente. Os reporters menos febris, depois de ouvirem muita vez certos nomes na chamada do secretario, indagavam:

—Quem é o deputado Pantaleão?

—Ah! E' um grande orador, Diz que não está para perder tempo vindo cá.

—E o deputado Guedes?

—Em Paris, ha dez annos, curando o rheumatismo.

Para arranjar numero nas votações, o deputado

Neiva corria ao telegrapho. E, não contente com esse aviso, entre nós, talvez, vagaroso, tomava pela madrugada um carro de cocheira, puchado por duas mulas marchadeiras, e ia de porta em porta de deputado.

—Oh! o Neiva! Que saudades!

—Você hoje não póde faltar. E' um sacrificio, bem sei. Mas, temos batalha. Trata-se de factos sérios. Precisamos votar alguma coisa antes da prorogação, que é dentro de quatro dias. O presidente falou-me...

—A você nada se póde negar. Vou, meu querido amigo...

As coisas corriam bem; o paiz progredia. Era delicioso ler nos jornaes:

«A sessão de hontem, na Camara, careceu de importancia. A's 2 horas da tarde não havia mais nenhum Sr. deputado no recinto».

Mas, a vida é um continuo imprevisto. Primeiro, estalaram na Camara as legiões de novos. Todos os jovens deputados seguem o principio de Nietzche, de que «o silencio é a maior injuria». E, como se julgam delicados — falam logo muito. Quasi todos os jovens recem-nomeados parlamentares meditaram, mesmo sem a ter lido, a phrase do Vince: «O peior erro dos homens está nas suas opiniões.» E, consequentemente, a Camara foi, aos poucos, tornando-se inquietante para os espiritos tranquillos. Podemos dizer que os symptomas se manifestaram como para um estomago fragil uma indigestão de

sarapatel.. Só quando o novo presidente, Cincinato ribeirinho, largando o caniço meditativo pela rédia federativa, annunciou coisas severas sobre o mando do governo e a verdade eleitoral, o espirito nacional, engulido o sarapatel e recebido o laxante do fim do triennio, julgou possivel respirar.

—Vamos respirar!

Engano ledo e cégo! O reconhecimento, exactamente porque não respeitara a possibilidade de eleições, deu como resultado uma erupção vulcanica de parlamentarismo em pleno regimen; e o forte Wencesláo, olhando do Guanabara (onde medita á meia noite, como os sacerdotes chaldaicos), aquella imprevista brigada estrategica de disparadores de palavras, em vez de calar-se, estendeu os braços e clamou, assaz inadvertidamente:

—Preciso do vosso auxilio para salvar a patria! Dizei as vossas idéas! O paiz agoniza na bancarota!

Deuses inclementes que inspirastes a palavra de Wencesláo! Foi o desastre, o peior mal do brasileiro, que não sabe o que ha de fazer: — a actividade.

Basta folhear a collecção do repositorio da obra parlamentar; basta folhear uma quinzena, uma semana, para termos a visão da assustadora actividade da Camara. Ha, naturalmente, prorogações. Nunca, porém, por falta de numero de homens com o ardoroso desejo de salvar a patria

e de trabalhar. Estão todos lá, nervosos, de penna em punho e lingua em riste.

Entra em scena, perdão, entra em discussão um projecto solemne. Os deputados curvam-se nas carteiras e tome emenda. Não consultam uns aos outros, talvez não se leiam mutuamente, como os literatos no tempo em que ainda havia literatos. Trata-se de uma questão de desenvolvimento moral do paiz, a instrucção, por exemplo? Todos são educados, todos entendem de pedagogia, todos têm lá a sua idéa. E lá vai emenda. O projecto é recolhido em estado comatoso e mais irreconhecivel que certo S. Sebastião dos primitivos allemães. Trata-se dos interesses de uma classe: o córte no funccionalismo? Cada deputado acéra a sua emendazinha, como defensor mixto do funccionalismo e do Thesouro, apesar de saltar aos olhos a necessidade de medidas que reprezem a corrente burocratica para o futuro, mantendo os actuaes, cujo peso no *deficit* é irrisorio. E cada grande projecto é arrastado da arena, sem que se saiba bem como ficará elle. Os gladiadores trabalharam e defenderam livremente a patria! Mostram actividade!

Mas, ha outros aspectos da actividade — o projecto e o pedido de informação. O deputado sente-se humilhado se não fizer um projecto. Alguns são simples como o Sr. Vergueiro. O *onorevole* paulista pede, por exemplo, quinhentos contos para um monumento a José Bo-

nifacio, arranjados pela loteria e decreta de utilidade publica a Sociedade de Escoteiros, considerando a vantagem do serviço militar obrigatorio no Brasil. Outros são mais engenhosos. O Sr. Joaquim Osorio quer, por exemplo, um fôro especial nos delictos militares dos soldados de policia; o Sr. Elias Martins reorganiza o serviço de registro civil como fonte de documentos do Direito Civil Brasileiro; o Sr. Fausto Ferraz está disposto a manter o Codigo Florestal com as multas contra os cavalheiros que não estiverem resolvidos a matar formigas, senhoras immensamente desprestigiadas nesta fabulosa época de cigarras. Cada deputado tem um projecto. Que digo? A obrigação é fazer, pelo menos, dois por semana. Ha os que fazem tres e quatro, conforme o estado d'alma e o tempo. O tempo, principalmente, porque o Sr. Wenceslão Braz faz questão de explicar os actos do seu governo, e de resolver o problema economico com os incansaveis deputados, todos cheios de Zelo e Actividade.

D'ahi os pedidos de informações, uns solemnes e graves, outros imprevistos, outros alegres, outros colericos. Tudo fica como dantes no quartel de Abrantes. Os pedidos têm effeito no momento. Os ministros mandam informações interessantes quando querem. Neste caso, a Constituição é facultativa como o ponto nos dias santos, desde que o Sr. Wenceslão veiu expressamente de Itajubá revogar as decisões

do Papa, em attenção a certas senhoras e padres da igreja. Mas é interessante indagar do governo coisas. E ainda havemos de ver pedidos de informações no molde das perguntas de jogos de salão da roça:

—Por que o Sr. Wencesláo toma automoveis da garage Antunes, quando tem automoveis em palacio — o que é desperdicio?

E essa perguntas encerrariam, afinal, projectos de economias tão dignos de attenção como muitos que lá têm brotado e estão brotando. Porque, no desespero agradavel de economias, os pais da patria forgicam projectos economicos de toda a sorte, desde os grandes aos pequenos. Ha os substitutivos, ha as emendas, duzentas, trezentas, dez mil emendas; ha cavalheiros lembrando planos de grandes lucros, como a *régie* do Sr. Irineu e o leilão do Sr. Baptista; ha os modestos que cortam vinte tostões ali e chegam até quinhentos mil réis acolá, supprimindo coisas necessarias, como machinistas, que, por economia, quizeram pôr a trabalhar em machinas sem o piston ou sem a caldeira. Cem projectos, cento e vinte salvações — Actividade!

Um cidadão de bom senso, diante da confusão, do *fjord* de agitações, das *pororocas* de trabalhos, do vasio das idéas, da agonia da oratoria, dos golpes na grammatica, a augmentarem de mez para mez, de semana para semana, poderia interrogar:

—Qual a utilidade de tudo isso?

Realmente. Não se vê nada de positivo, de util. E' a epilepsia parlamentar. E, como o Brasil é um paiz que neste momento oscilla entre a «liberdade fastidiosa», de que fala Plutarcho, e a «actividade improficua», tão bem definida pelo Sr. Tobias Monteiro, o resultado da liberdade enfastiante na Camara é o delirio de actividades improficuas. Assim como um bando de doentes, que tendo tempo e dinheiro, desenfastia atirando bolas de papel na corrente de um rio, que não lhes fez mal algum.

Apenas não são todos. O numero de discursos, projectos, salvações e pedidos de informações é furiosamente colossal. Mas, mesmo assim, não estão todos os deputados. Ha ainda uma porção de homens agradaveis que não vão á Camara, que passeiam, tratam da sua vida, repousam no subsidio. Imaginem, depois do «ponto», todos os deputados, duzentos e doze cavalheiros obrigados a ir ao Monroe, obrigados áquella atmosphera que incita ás mais vãs fantasias e referenda com o sello e o cobre da patria todas as maluqueiras. Teremos o dobro dos discursos e projectos — porque esses senhores, lá estando, hão de fazer alguma coisa, e o mais facil é imitar os outros. Nunca mais acabarão as prorogações; as sessões serão permanentes, de dia e á noite; o presidente, perplexo, sustará todas as decisões que porven-

tura venha a ter até a terminação dos debates, que jámais terminarão. Sob um montão de papeis sem significação, agitado pelo vento arquejante de levar tantas palavras — o Brasil cairá em catalepsia. Será o desastre. Será o cataclysma. Será, emfim — o fim!

Pois foi isso o que pensou e pretende pôr em execução o Sr. Costa Rego, com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto. Saberá esse deputado o crime terrivel que commetteu? Na sua consciencia não haverá o Remorso depois que de lá saiu — o Ponto Parlamentar?

Diante desse projecto só ha duas soluções. A primeira é regeital-o a Camara. E, neste periodo de sacrificio dos outros, ella tem esquecido tanto sacrificar-se, que ficaria muito feio recusar a prova da sua actividade freneticamente improficua. A segunda, porém, contentará a consciencia do Sr. Costa Rego, contentará a Camara. Talvez contente o governo. E contente, de verdade, a patria. E' um substitutivo que eu modestamente apresento ao tremendo projecto: — «Art. 1º. Ficam todos os deputados obrigados ao ponto até duas horas da tarde, sob pena de não serem contadas as suas faltas pelo pagador.

Artº 2º. O expediente da repartição acaba, impreterivelmente, ás tres horas, suspendendo-se todas as sessões e reuniões em signal de alegria por estarem vivos todos os Srs. deputados.»

DIALOGO

Quarto escuro.

MAGY SALOMÃO — *(deitando-se de barriga para cima):* Meu anjo da guarda, valei-me contra as tentações do peccado, as perdas no pocker, os pedidos dos mineiros, o meu orgulho! Meu anjo da guarda, fazei que o governo de Wenceslão não fique atrapalhado e que se resolva tudo de modo a irmos descansar em Itajubá, quando Delfim Moreira vier continuar a missão de Minas! Meu anjo da guarda, fazei com que se resolvam esses graves problemas que nenhum de nós comprehende...

O ANJO DA GUARDA — *(apparecendo de casaca e claque):* Boa noite, meu velho!

MAGY SALOMÃO — *(dá um pulo, senta-se á beira do leito):* Quem é o senhor? Ainda algum pretendente a esse insuportavel ministerio do exterior?

O ANJO DA GUARDA — *(galhardo):* Tranquiliza-te. Sou apenas o teu Anjo da Guarda.

MAGY SALOMÃO — Não é possivel; nada de brincadeiras.

O ANJO DA GUARDA:— Não negues, Magy, o que não comprehendes. Certo pensavas que os anjos têm azas e são meninos com um sorriso de nimbo? Em erro laboravas. No céo ha coisas que não existem no Brasil: hierarchia, respeito das funcções, cargos conforme os meritos de cada um. Assim temos lá em cima um verdadeiro funccionalismo sem addidos, divididos em classes sem receio de córtes injustos. Na primeira classe ficam os thronos, os cherubins e os serafins; na segunda as dominações, os principados e as virtudes, que são forças; na terceira as potencias, os archanjos e os anjos.

MAGY SALOMÃO: — Que me diz?

O ANJO DA GUARDA: — A verdade. Dos anjos é que saem os anjos da guarda, encarregados do serviço externo individual, assim especies de Lauro Müller de cada homem.

MAGY SALOMÃO: — Bem me pareceu que o senhor era do Ministerio do Exterior.

O ANJO DA GUARDA: — Os anjos da guarda têm o poder de serem invisiveis e de se transformarem conforme o meio. Em Itajubá eu andava a vontade. Quando viemos para o Rio, reflecti profundamente. Era preciso conhecer a sociedade, fazer relações, comprehender para te defender o governo.

MAGY SALOMÃO: — Por que tambem o governo?

O Anjo da Guarda: — Por uma razão muito simples. O anjo da guarda do Wenceslão viu-o com tanta sorte que pediu uma licença, deixando-te como o verdadeiro anjo guardião de sua excellencia.

Magy Salomão — *(assombrado):* Eu, anjo?

O Anjo da Guarda: — Como não tens relações senão em Minas, o meu trabalho foi redobrado. Accumulei sem vencimentos. E o meu esforço desde o primeiro momento tem sido o balanço do Brasil, sem o methodo confuso da contabilidade do Thesouro, methodo que realiza o idéal brasileiro: não sabermos nunca a quantas andamos...

Magy Salomão: — Não é piada ao Calogeras?

O Anjo da Guarda: — O Calogera não tem culpa de coisa alguma. Nem mesmo de ser ministro...

Magy Salomão: — Então, não deixa de me agradar a lembrança de ser eu o anjo...

O Anjo da Guarda: — E eu ajudo-te e tranquilizo-te. Ainda agora vinha da nonagesima festa que o Ayarragaray tem recebido nestes ultimos quinze dias, quando ouvi a tua supplica. «Vou tranquilizar de vez o bicho», pensei...

Magy Salomão: — Que bicho?

O Anjo da Guarda: — Tu. E' um modo de falar. Eis porque me tornei visivel, e aqui estou á beira da tua cama, para dizer-te sinceramente: dorme, o mundo é nosso!

MAGY SALOMÃO: — Que me diz?

O ANJO DA GUARDA: — A verdade. De facto, a situação não póde ser peior. Mas, para encaral-a, basta estudar um pouco a alma do Brasil, retorcida e aniquilada quasi pela farandulagem egoistica da politicagem. O Brasil é fatalista, sem finalidade como idéal. A questão principal no Brasil foi sempre não levar a cabo qualquer empreza, seja de que ordem for, de fazer propositalmente errado, de entregar-se nas mãos dos outros com preguiça de trabalhar, imaginando malandragens e sendo explorado nessas malandragens. De um modo superior: a indecisão, que tudo consente.

MAGY SALOMÃO: — O senhor não será severo?

O ANJO DA GUARDA: — Basta, meu velho Salomão, olhar o que o Brasil não tem feito. Notarás que todos os problemas prementes no governo do Wencesláo são coisas discutidas ha uma porção de annos. Desde Pedro I fala-se na necessidade do ensino e no pão do saber. Após milhões de discursos e de reformas, damos dois passos e encontramos tres analphabetos. Fala-se da necessidade da defesa nacional e, apesar de haver uma lei, o serviço militar obrigatorio continúa não existindo. No tempo da monarchia os jornaes clamavam a favor da *abandonada*, que era a agricultura; ha quasi um seculo discute-se a exploração das riquezas mineraes. Está tudo na mesma. Ha muito barulho,

de tempo em tempo, e continúa tudo como d'antes. Conheces Shakespeare?

MAGY SALOMÃO — *(aborrecido):* Não!

O ANJO DA GUARDA: — Pois, com alguns titulos de peças de Shakespeare, podia-se fazer a psychologia do Brasil, oscillando entre o *Sonho de uma noite de verão* e o *Muito barulho para coisa nenhuma.* Não deves ignorar que o paraiso foi o Brasil e o calor do Rio é ainda a prova da espada de fogo do meu collega archanjo Gabriel. Considerando o Brasil como um sujeito qualquer através os annos, temos a impressão de um maluco com repentinos accessos de enthusiasmo, seguidos de prostrações. De repente o maluco encontra os coqueiros, que sempre existiram. «E' do coqueiro que me virá a riqueza!» brada. Um mez depois não fala mais nisso e os coqueiros ficam em paz. Tem sido assim com a exploração de todos os productos naturaes. Ainda agora voltou o ataque do algodão, furia renascida nuns livros que o bom Wencesláo leu em Itajubá. Dentro de seis mezes não se falará mais em algodão. Como talvez não se fale mais da turfa e das minas de carvão. Esses problemas já estiveram em moda, voltarão á moda — mas nunca serão resolvidos.

MAGY SALOMÃO — *(mais aborrecido):* Por culpa de quem?

O ANJO DA GUARDA: — De todos e de ninguem; por culpa da raça.

MAGY SALOMÃO: — Ah!

O ANJO DA GUARDA — *(implacavel)*: Desde que não temos o espirito de continuidade e deixamos de explorar as riquezas naturaes, para fazer desta grande extensão de terra o paiz formidavel que já devia ser, o Brasil tem uma amostra reduzida do que é em cada um dos funccionarios publicos; pobre homem sanguesugado pelos prestamistas. Um dia neurasthenico dos banqueiros dá-lhe caimbras, a commoção européa leva-o á ruina absoluta. Como os tupinambás, sem comprehender as formidaveis riquezas da terra, vemos os raios ao longe. Uns dizem que, com orações a Tupan, o raio não chega. Outros pensam no escorchamento dos impostos para afastar momentaneamente a colera divina. E os estadistas, cheios de vã rhetorica, são como pagés delirantes e os jornalistas como cartomantes de terceira ordem

MAGY SALOMÃO: — Que discurso!

O ANJO DA GUARDA: — E' da raça. Ninguem tem decisão. Nada se resolve. Os politicos pensam apenas na gangorra da politicagem; o interesse pessoal é o movel de cada um, o povo não existe. Diante de Wenceslão ha o Brasil, mas ha tambem Francisco Salles. E Francisco Salles vê-se mais, por ser mais de temer.

MAGY SALOMÃO: — Neste assumpto não dou opinião...

O Anjo da Guarda: — Antes de me enderessares a tua supplica, eu vinha pensando num simples caso, que poderia servir de exemplo do quanto te venho dizendo: o caso do pão.

O Brasil devia ser o celeiro do mundo. Em immensas regiões, infindaveis trigaes poderiam abastecer o mundo. De 1835 a 1845, Santa Catharina teve a fantasia do trigo. Vieram os argentinos, levaram o trigo para a Argentina, que delle fez uma das suas bases de riqueza. Santa Catharina não plantou mais trigo. Nem o Brasil. Prendeu-se a necessidade de importal-o, estabelecendo o sacrificio do seu café na competição das farinhas dos Estados Unidos e da Argentina. O que esta Republica fez com o trigo, faz agora com o matte. O que esta Republica faz com o matte, fizeram os inglezas com a borracha, os americanos com as laranjas, os cultivadores do Egypto com o algodão. Assim por diante. Nós olhamos e pedimos dinheiro emprestado para comprar o que pode-

Magy Salomão — *(desinteressado):* Com o assucar?

O Anjo da Guarda: — Sim! Com o assucar, sendo ministro o José Bezerra, com o assucar, que ainda este anno comprámos a Cuba! Mas, para que falar do assucar, quando temos o problema do pão? O pão é o elemento essencial da vida. Desde a noite dos tempos o pão é a base. Em hebraico pão significa alimento. Todos os povos acertaram no aproveitamento de

diversas farinhas para o fabrico do pão. Todos os povos têm regulada a venda do pão. No Brasil, cujo solo produziria campos innumeraveis de milho, de centeio, de trigo, e cujas raizes podem dar excellentes pães, até hoje ninguem pensou em semear ou aproveitar as ditas raizes. Dá-se a guerra, sob o preço dos fretes, augmenta o valor da lenha nesta terra de mattas virgens. Vemos que o preço do pão tambem não está regulado, na proporção obrigatoria em todas as cidades do mundo. A medida urgente seria abolir as tarifas. Mas o governo, que, para pagar as dividas, taxa a carne secca, o governo estuda o problema e o prefeito aconselha a experiencia da mandioca — todos afflictos e sem decisão. Imagina tu, Salomão, um paiz colossal, com trinta milhões de habitantes, todos os climas e todas as riquezas naturaes, numa fertilidade de milagre, e que, depois de um seculo de vida autonoma, com milhões de bachareis, varias academias, deputados, imprensa amarela, imprensa verde-garrafa, oceanos de estadistas e economistas, está reduzido a, em plena paz, affligir-se por causa do pão, pensar no pão de guerra, sem tomar uma resolução decisiva! Ha coisa mais humilhante? Ha situação comparavel? Nem povo, nem governo, nem ninguem a sentir o doloroso dessa miseria infinita!

Magy Salomão: — ...

O Anjo da Guarda: — Por isso, eu venho tranquilizar-te, ó meu collega interino, substituto carnal de um anjo com licença, junto ao Wencesláo. Pódes repousar. No Brasil não acontece mais nada. E' tudo como foi, e como será, e como o Wencesláo é o exemplo admiravel. O pão de guerra, que nem pedido é por um povo sem vontade, na plena orgia das riquezas naturaes, basta para provar o que somos. Nada mudará. Ouviste?

Magy Salomão: — ...

O Anjo da Guarda: — Ouviste?

Magy Salomão: — ...

O Anjo da Guarda: — Dorme! Magy, dorme! *(Despindo a casaca):* Realmente. Essas coisas sérias fazem somno. E não adiantam nada... Magy! O' Magy! Deixal-o dormir... Dorme, Salomão, verdadeiro anjo da guarda do Brasil, dorme, faze como o Brasil, dorme...

E no quarto escuro não se ouviu mais outro ruido senão o de um resonar profundo — o resonar que é a expressão musical do perfeito accordo entre o corpo e a consciencia.

CARTA

Meu joven e arrebatado amigo — Um jornal! Recebi ha pouco a sua carta, não ha meio minuto que deixei a sua folha, o novo jornal, a tremenda alavanca com que você pretende erguer o Brasil. E estou pasmo e estou aturdido. Não pelo jornal. Não pela carta. Mas pela sua assustadora falta de reflexão. Talvez esse meu estado de confuso espanto venha de eu ter passado o dia a reler Platão, soffrendo assim mais o choque do seu impeto social. Mas, se reflectirmos, eu, que tão bem o conheço, e você, que me sabe desinteressado, acabamos por concordar que o seu temperamento é o contrario do jornalismo e que nada mais vão do que fazer um jornal.

Você tem vinte e cinco annos e grandes idéas de independencia, de arte e de sã politica, além da preoccupação de escrever com senso e com um certo estylo. Tudo isso é impossivel no jornalismo, se você desejar que o seu jornal se-

ja lido. Tudo isso desapparece desde que você é o proprietario ou o director ou o redactor ou o continuo de um jornal. Acontece com o jornal o que aconteceu com Deus depois de ter feito a asneira de organizar Adão. Apesar das mais severas medidas da parte de Deus, quem governa Deus é Adão. Você ferozmente organiza um jornal com a pretensão de governal-o. No segundo dia, tal qual Adão, o jornal sabe mais que você. E um mez depois, ou você deixou o jornal e está inteiramente desmoralizado — tolice em que não caiu Jehovah, — ou é o escravo e o parasita, o apaixonado e o pobre diabo, com a individualidade absorvida pelo jornal e só de facto pensando nelle.

Lembro-me que muita vez o vi rir desses meninos ingenuos, que se apresentam com pompa representantes do jornal. Os verdadeiros representantes, os creadores, não se apresentam de modo tão pueril, mas a sua preoccupação é muito mais forte. São como os sacerdotes dos templos oraculares — certos da omnipotencia do deus que anima o templo, mesmo quando calha se servirem das prophecias. E a independencia, isto é, a capacidade de ser apenas e cada vez mais o cultor do seu eu, desapparece, annullada pela propria vontade do jornalista cheio de paixão.

Dirá você: — «Mas o jornal e eu formamos uma expressão unica». Não! Infelizmente não é assim. Jornal, desde que sae á rua, começa

a ser um pouco de toda a gente. Um philosopho dizia: «Sciencia consiste em saber os pontos em que os homens estão de accordo». Nada mais difficil! Homero creou Ulysses, que de certo seria presidente da Republica, como o foi Nilo Peçanha e como ainda o não foi Lauro Müller. E por que Homero denomina Ulysses o orador certo do exito? Porque fala sempre com «as idéas admissiveis». Ulysses jornalista defenderá todos os absurdos, — porque não ha na vida normal nada mais admissivel que o absurdo. Você jornalista é pura e simplesmente, mesmo que o não queira, o homem porta-voz de milhares de vontades desencontradas, e, consequentemente, para ter leitores, tem de ser absurdo.

Vejo você assegurar com o seu sorriso: — «Saberei defender-me!». E' uma affirmação tão vã como a de alguns mancebos, quando juram nunca mais amar. O jornalista tem de ser absurdo, porque é este ainda o unico meio de provar ser alguma coisa: — acarreta com as aggressões. No jornal você não poderá fugir a todas as classes e principalmente á politica. Independente, você, aggredindo uns, faz, sem querer, a defesa de outros, que no dia seguinte se julgam com o direito de usar da sua penna como se ella não fosse independente. Você muda. E' transfuga.

E a sociedade inteira, que lhe pede favores em segredo, commenta: «pobre jornal! com um sujeito daquelles!» Esquecida a sociedade que o

jornal é seu, que o jornal é você, e que você é independente, um cidadão sem ligações, livre, podendo achar hoje o Papa um genio e amanhã Pascal uma cavalgadura.

Claro que você, vaidoso, modesto ou pratico, deixa a abstracção da independencia, escreve como quem grita ou esmurra e aproveita a corrente servida pelos seus impetos. Póde ser deputado, póde ser amigo dos ministros, e póde ser tambem o que os inimigos chamam negocista, isto é, um cavalheiro que, por ser de jornal, está inhibido de fazer qualquer transação que o honrado visinho da direita executa sob applausos, sem ser chamado, principalmente pelos confrades de refinado ladrão. Mas, deputado, amigo, ou negocista, você o é por causa do jornal. A sua individualidade sóme-se secundaria. O jornal inventado por você é que é o caso sério — a figura influente, o seu protector.

O protector! A palavra diz tudo. Você crea um protector, que o cohibe de fazer o seu desejo, mesmo na hypothese de ser você inteiramente maluco. E' terrivel. Muita vez você arremette e destróe um homem. Foi obra sua? Foi a intriga subtil dos inimigos desse homem. Muita vez você pensa azul e o seu jornal sae vermelho. Foi obra sua? Foram os seus amigos, foi o seu reporter, foi de repente a necessidade do jornal. E ahi está você fazendo de espantalho, humilhado, estragado, envenenado.

Certo ha dois consolos. O primeiro é que todos os seus auxiliares, depois de você, soffrem dos mesmos males, tendo ainda que malabarizar as injunções alheias com o medo da sua neurasthenia — que é a porta da rua, a falta de jornal — a reproducção dramatica da sombra que perdeu o seu homem. Nenhum dos seus collaboradores, humildes ou famosos, deixa de estar ergastulado, e o mais futil chronista mundano, como o mais ponderado articulista; o redactor mais cotado, como o mais apagado continuo, é outra coisa senão o escravo do protheu anonymo, acorrentado ao jornal para servir aos outros.

—Que doente! monologará você, que, antes da minha carta, abriu centenas de missivas e de telegrammas capazes de lhe dar a illusão de que, após o seu jornal, você é quasi o Dalai-lama.

Espere, joven arrebatado. Ha o seguinte consolo, o consolo de que você e os seus companheiros participam indistinctamente o consolo que é a certeza suave da abjecção humana. Jornal, na sua funcção de bazar socialista, é hospicio de alienados, é feira de vaidades, é creche, é tribunal, é empreza do theatro da vida, é agencia de celebridades, é monte-soccorro de indigentes mentaes, é casino, é fabrica. Todos vêm ao jornal, todos pedem ao jornal, todos dependem do jornal. Como nos grandes armazens, sujeitos ha que, com o auxilio

do dono do jornal, ou dos redactores, ou dos continuos, saem com mobilias inteiras, cadeiras, roupas, titulos, brinquedos para as crianças, espingardas e soldados para matar os adversarios, bonbons para as esposas. Ha uma infinita serie de secções, para o bem dos outros e algumas secções de toxicos e de instrumentos de guerra com um serviço de antidotos e de assistencia só concebivel no absurdo. Os caixeiros servem a credito, com o sorriso nos labios. Acredita você na gratidão de qualquer dos clientes? Quando elles pedem as chaves da Fortuna e o escravo suspira pela importancia do carreto, elles bradam que pagaram. Dos outros bazares ouve-se o grito colerico: canalhas! A maioria servida gratis grita tambem. E os que não gritam e foram servidos ás vezes com sacrificio, — commerciantes, politicos, industriaes, mundanos, literatelhos, — falam mal, insultam pelas costas ou pela frente mesmo, ás vezes, recusam-se ao menor pedido, acham que estão fazendo favor, quando minutos antes supplicavam a chimica da retorta, que, se ainda não fez o homem physico de Lavoisier, fez, pelo menos no nosso paiz, todas as reputações. E' a ingratidão de face, a ingratidão impudente. Em todas as outras profissões a ingratidão vela-se. Na imprensa apparece nua como a Verdade. E ha maior consolo no orbe do que ver, palpar, sentir o monstro da Ingratidão nivelando a corja humana, igual, igualzinha no presidente de Estado que

acabamos de fazer, como no sujeito amalandrado que realisámos ministro, como no patife que livrámos da cadeia, como no delegado, como no vagabundo a que empregámos, como no escrevinhador ao qual chamámos intelligente?

—«Para vingarmo-nos dessa gente basta escrever o contrario!» dirá você. E' uma vingança. Nunca um meio de diminuir a fonte da miseria humana. E, depois, não ha nada no mundo que se compare ao ineffavel prazer de sentir a extensão incommensuravel da baixeza alheia.

Só por isso eu poderia comprehender a idéa de fundar um jornal. Mas você não é paradoxal, porque, sem a experiencia da idade, o paradoxo é brincadeira. E, ao demais, para sentir a ingratidão, não é preciso fundar um bazar, tanta é a quantidade de clientes que apparece a solicitar em cada extenuante secção. Basta estar á porta...

Por que então crear um jornal? O momento politico não pode exigir talentos especiaes. Os talentos especiaes foram, aliás, considerados inuteis. Em pleno dominio da ignorancia, do medo ás responsabilidades, dos accordos, dos conchavos e do *puzzle* politico — o jornal é um reflexo. Se você vier de outra fórma, ou o esmagam, ou ninguem o lê, como ninguem lê Job e o *Apocalypse*. O momento social é o cinematographo, com os *films* e as legendas escriptas naquelle espantoso vernaculo dos cinemas. Para ter o publico é preciso ser como

o cinematographo, inclusive as legendas. O momento literario tornou-se a literatura substituida por alguns gorillas, que realizam a dupla covardia de escrever com um páo molhado na mioleira apodrecida. Quanto ás idéas, não ha idéa de coisa alguma. Ha mesmo, ao contrario, uma dansa selvagem em torno dos raros que se atrevem a pensar.

Assim, para fazer um jornal e antes de o fazer, um homem de espirito como você póde pensar em sujeitar a alma e reler o *Segundo Hypias*, de Platão, para ficar sabendo que, sendo tudo mentira, um homem póde provar exactamente o contrario daquillo que pensa. «O homem é veridico e mentiroso em todas as coisas», dizia Socrates. Mas o desporto fatiga, como o *foot-ball* e o *rowing*. «No espirito, como na gymnastica, é preciso não exagerar». E fundar um jornal hoje em dia é o mesmo que preparar um campo de *foot-ball*, deixal-o invadir por uma turba de bisonhos jogadores e ficar jogando eternamente, sem descanso e sem redes, uma infindavel partida em que as bolas são a independencia propria, a imaginação, a arte, a idéa, a grammatica, os sentimentos; e em que os jogadores todos formam *association* contra a destreza de um só.

Em meio a partida, — o dono do campo morre ou, reunido aos outros, faz voar as bolas por cima do muro, para ser talvez lapidado, se ainda nisso mostrar capacidade.

Você com um jornal! Decididamente ha uma sentença: «conhecermo-nos é conhecer o que ha em nós de geral».

Mas do geral nada tem você, com o arrebatamento dos seus vinte e cinco annos: Lembre-se de que todas as virtudes são sciencias e que ha uma sciencia denominada conveniencia. A sua seria conservar as qualidades que lhe deram os deuses. Deixe o jornal para os outros, os que tiveram illusões como você e os que nunca tiveram nada e, por consequencia, nada perdem. O seu jornal não será lido, ou você deixará de ser você. Como eu. Como tantos outros. E como é preciso responder á sua carta com uma frase, ouça um conselho:

—Deixe o jornal. Aos vinte e cinco annos a fantasia allucina. Tome um banho. Volte á razão. Nada de fantasia no ar frio dos acontecimentos! Danse o tango. Vá ao cinema. Mas nunca mais pense em dirigir uma opinião que não existe. E creia em quem, como o genió do Port Royal — *ment en conscience par opinions probables...*

ADÃO

——

Como estivesse entretido a brincar com botões — unicos personagens inoffensivos da terra quando as crianças o não engolem — a minha alma estava cheia de innocencia. Infelizmente este estado suave não durou muito. A porta abriu-se e entrou um sujeito gordo, de casaco sacco e face bem disposta.

—Queira desculpar se o interrompo nas suas graves occupações.

—De modo algum.

—Sei quanto é atribulada a vida do jornalismo. Resolvia algum problema com esses botões?

—Talvez, mas confidencialmente. Falar com os seus botões sempre foi pensar em segredo.

—Por quem é! Não serei indiscreto...

O homem sentou-se, sorriu.

—Meu caro senhor. Venho lavrar um vehemente protesto e dar um conselho urgente a meia duzia de loucos desejosos de perder irre-

vogavelmente o Brasil. Descanse. Não é projecto financeiro. E' coisa mais séria.

—Não vejo a razão de V. Ex. resolver fazer-me o conductor desse conselho urgente.

—E', aliás, simples. De todos os brasileiros, o unico que se tem mettido com a minha vida e renovado o reclamo do meu nome é precisamente o senhor, meu caro jornalista. Ora, devo dizer que, ha um mez a viajar incognito pelo Brasil, a sua gentileza não deixou de ser-me sympathica. Não o incommodaria, porém, se não fosse um tremendo attentado que vi premeditado nos jornaes...

—V. Ex. é?

—O veneravel pai da especie-humana: Adão.

Os escriptores notaveis, influenciados por um genero literario que escapou a Shakespeare: a revista de anno, não deixariam de descrever um espanto cheio de pavor. Eu, se descrevesse esse espanto, mentiria. Nada me espanta no Brasil. Fiz apenas um ar interessado, murmurando:

—Realmente?

—Conhece a minha historia. Está no *Talmud*, na *Pequena Genese*, no *Livro dos Jubileus*, no *Livro de Adão*, dos mandaistas, no *Korão*, em historias arabes, gregas, latinas. *J'en passe...* como se diz em portuguez nos salões de Botafogo. Deve saber, pois, a minha formidavel sabedoria. Os kabalistas deram a conhecer a minha vida celeste com o nome de Adão Kadmão. Os primeiros gnosticos tambem. A Bi-

blia assegura que eu fui criado com o pó da terra e os rabinos accrescentam: de toda a face da terra. Os musulmanos vão além, dizendo que o pó foi procurado nos quatro pontos cardeaes por quatro anjos maiores. O pó não bastava, porém, e com o tempo ficou sabido que além do pó eu tive para a minha formação: sol, nuvens, vento, espirito santo e claridade do mundo. Tenho algumas qualidades...

—Não ha duvida.

—Quando Deus se lembrou de me fabricar, o meu caro amigo não ignora que teve uma opposição muito mais séria que as opposições nas republicas sul-americanas. Basta ler os rabinos. Anjos e genios perderam a cabeça. Os anjos da Paz, da Justiça, da Misericordia e da Verdade, esses então estavam furiosos. O ultimo permittiu-se mesmo gritar: Pai da Verdade, vais criar na terra o pai da Mentira.

—Que anjo Pedro Moacyr!

—Devo dizer que nessas alturas Deus resistiu e criou mesmo. Deus é um sonhador. O seu desejo era ligar o céo e a terra pelo homem, que, feito de terra vil, tem o sopro divino. Quando me viu realizado, Deus ficou pasmo. Eu tinha saido melhor que a encommenda. Sabia uma infinidade de coisas. Quando Rasiel, o anjo, me trouxe o livro em que estavam escriptos os segredos do céo, eu já dera nome a todos os bichos sem errar, sabia todas as linguas, era alchimista, agricultor. Os anjos tinham medo de

mim. E Deus em pessoa, passeando commigo pelas aléas do Paraiso, ouvia-me embevecido, exclamando de tempo em tempo: Este Adão é de primeirissima...

—Mas S. João Chrysostomo e alguns Talmudistas asseguram que V. Ex. não esteve no Paraiso mais de sete horas.

—Rapaz conhecedor! Com effeito. A's 11 horas da manhã de uma sexta-feira estava eu feito. Ao meio dia sabia eu tudo e aborrecia-me. Deitei-me e appareceu Eva. A's 2 da tarde estava aborrecidissimo. A's 3, Deus veiu para o passeio, e conferenciámos mais talvez com o Bernardo Monteiro. Foi nessa conversa que Deus, mostrando-me varias arvores, mostrou-me a arvore chamada da sciencia e que eu chamarei da experiencia. «Prohibo-te que toques nessa arvore». «Por que?» «Porque não quero». A's 5 horas, eu e Eva faziamos um *five-ó-clock* frugivoro (como os que estão agora em moda no Rio) comendo bananas, essa musa alimenticia do Paraiso que o Cincinato considera a salvação do funccionalismo publico. Estavamos diante da arvore. E eu, sabendo que seria punido, não resisti para saber o que não podia saber. A's 6 da tarde era expulso. O *complot* dos anjos irritara o presidente celeste e havia meninos de espada de fogo no portão do jardim pretendendo metter-me medo! Veja você a pretensão desses rapazes...

—V. Ex. arrependeu-se?

—Não, porque adquiri varias duvidas certas. A vida mais não é que uma continua experiencia. Eis por que aqui estou a recorrer ao seu auxilio.

—V. Ex. vem aprender alguma coisa commigo?

—Não. Eu sei tudo. E por saber tudo é que estou indignado com a calamidade irremediavel que alguns cidadãos preparam para a sua linda terra.

—Que ha? indaguei curioso.

Adão levantou-se da cadeira.

—Ha que vão fundar uma liga contra o analphabetismo. Um jornal chamou a isso outro dia «cruzada santa»! Ha que espiritos impatrioticos querem fazer um grande, um enorme, um colossal sacrificio de pobres creaturas! Ha que essa gente quer perder o Brasil! E' horrivel. E' atrós. E' impossivel. No mundo quanto menos se sabe — melhor. Esse principio no Brasil é o unico integralmente salvador. Eu posso falar. Sabia tudo e não sou nada. Mas veja, caro escrevinhador, veja o que acontece na sua formosa terra. Os homens que sabem alguma coisa são considerados como eu no Paraiso. As cavalgaduras, com sua licença...

—Toda...

—Obtêm tudo, são tudo, conseguem tudo. Ha mais: ha o tremendo exemplo dos que estragaram a felicidade pretendendo saber para logo soffrer. Veja você o Wenceslão Braz, presidente

da Republica. Teve a ingenuidade de pensar que era preciso saber para exercer a funcção, esquecido de que tinha chegado até lá sem ter esse desgosto. Começou a estudar, assaltaram-n'o as duvidas, consultou, estudou e fez sempre aquillo que achava impossivel. Veja você o Pinheiro. Mandava. Era dono. Um dia deu-lhe na cabeça estudar economia e foi obrigado a fazer votar um projecto contra a propria opinião! Veja você o Lauro Müller. Sabe tudo. Têm-lhe medo, como tinha medo da febre amarela, e o homem não accende um phosphoro sem que toda gente desconfie. Veja você o grego Calogeras, chamado ironicamente de *menino prodigio*, quando está a realizar as bodas de ouro com a vida. Quiz mostrar que sabia, e só faz aquillo que proclama estar errado. Soube para fazer do rifle caneta e opposição com a trincheira da propria assignatura — por trás da qual...

—Fica?

—...cheio da mais profunda agonia! Veja você o Carlos Peixoto a escrever pareceres do tamanho de volumes. Não lhe aceitam uma idéa e, quanto mais longe o Peixoto estiver, tanto melhor. Lembre o Calmon, lembre o Homero Baptista. Desafio que me aponte um só homem que nesta aprazivel terra tenha vencido por saber. E desafio mais que encontre um só feliz depois de ter tocado na arvore do conhecimento, mesmo sem ter tempo de o conhecer. Você admira o Ruy Barbosa?

—Como toda gente.

—Pois o Ruy não é presidente só porque sabe. E na Bahia, a vontade do J. J. Seabra é quem decide, mesmo na successão... Volte os seus olhos, porém, para o outro lado. Como elles são felizes, como prosperam, como estão convencidos da propria força, como desprezam os pastranas que estudaram e sabem alguma coisa! O mundo corre-lhes ameno, as posições se lhes offerecem ancillarmente; ha um ganir de goso diante da Divina Ignorancia. E o Brasil vai indo. Só tremem, só desconfiam do proprio valor os que pensam saber como o Antonio Carlos e os que sabem. Na politica, na arte, em tudo. E, de repente, quando este paiz tem um limitado numero de desgraçados, vem um grupinho de torcionarios e quer crear a liga contra o analphabetismo! E ha um jornal maluco que chama esse massacre em perspectiva da esperança nacional — «cruzada santa»! Mas é diabolico. E' pretender estrangular a sorte de todos os rapazes que poderão vir a occupar os cargos dos respectivos papás e que se aprendem mesmo a ler terão a vida fracassada!... Escreva você. Proteste. E póde citar o meu nome. Sou eu, com a minha experiencia do Paraiso e a minha observação do Brasil, quem diz: essa liga é uma cruzada criminosa, porque cada um que souber mais é um homem de menos neste paiz.

—Tenho o maior prazer em satisfazer V. Ex. Mas com uma condição, Dr. Adão...

—Vai prevenir os irreflectidos organizadores da liga?

—Não. Tenho antes de saber a opinião do Dr. José Bezerra, que decretou a inutilidade dos chimicos na cultura da canna, e a opinião do Dr. Carlos Maximiliano, o abalisado ministro da Justiça, da instrucção, do interior e do Rio Grande.

Adão olhou-me com piedade, atirou o cigarro fóra e saiu. Eu fiquei só na minha humilhação. Porque, se eu atacar o sonho da liga, como deseja o Dr. Adão, terei offendido muito mais o Brasil dominante. O ignorante é como o cavador rico! Despreza a intelligencia, mas tem quadros e dorme no Lyrico. Proteger uma liga contra o analphabetismo não prejudica e colloca bem. Os unicos prejudicados serão os analphabetos de hoje — amanhã obrigados a comer miserias pelo crime de terem aprendido alguma coisa—para não terem jámais a cadeira do senador Gervasio, nem o direito de darem opinião sobre os futuros projectos de emissão...

A POLITICA BRASILEIRA

O Sr. Lauro Müller terminou a serie de discursos na qual, desde a sua chegada a aguas brasileiras, vem explicando os moveis moraes da attitude do Brasil na politica externa. A verdade é sempre apenas a possibilidade. A obra do Sr. Lauro Müller, mesmo para os espiritos estreitos, é de facil comprehensão. Mas o momento que Carlyle chamaria com justiça de «paralysia espiritual», entregues as multidões á demagogia dos tribunos e feitos os homens de Estado de ausencia de idéas geraes, tão calamitoso se tornou que, como o eminente Rodrigues Alves, como Carlos Peixoto, rara luz pensante na Camara; como Miguel Calmon, na reaffirmação propagandista de principios que deviam ser conhecidos — o Sr. Lauro Müller foi forçado a traçar com clareza geometrica o systema politico em que assentou o Brasil.

Hontem, o Sr. Müller devia ter concluido a successão de capitulos, dos quaes poderiamos extrair os aphorismos guias de um paiz, além de declarações incisivas e patrioticas.

Seria absolutamente impossivel a alguem dividir a acção conductora de um povo, acção denominada politica, em partes distinctas, uma para uso externo, outra para uso interno. A noção biologica dos povos exige dos mais simples a comprehensão de conjunto. Politica é uma só. Quando nas democracias é chamado a ser o supremo chefe um homem do excepcional valor de Rodrigues Alves, a selecção das capacidades faz a explendida força accorde que foi o governo do eminente paulista. Quando se accentuam os desequilibrios entre as capacidades e os cargos, as nações ficam independentes muita vez da força de vontade de um só homem. No Brasil internamente tudo se desorganizou no dia em que independencia significou a possibilidade victoriosa da ignorancia, e liberdade é a mascara do assalto dos zeros mentaes. O instante é de desrespeito, de desconfiança, de chocarrice, de logar commum, de vaidade, de inercia. Basta acompanhar os lamentaveis debates da Camara, basta seguir os actos de alguns ministros. Chegámos a um tal estado que o povo e os homens de idéal tiveram de ouvir o rebate da officialidade do exercito nos quarteis — essa officialidade dedicada e heroica que lançou a necessidade de fazer o Brasil, de

tornar cada homem um soldado do Brasil. No desastre só não rolaram a fé do exercito, a chamma da juventude, e, por um prodigio milagroso, porque resistiu ao assalto — a direcção da politica externa. E a direcção dessa politica em que se apoia o Brasil, neste periodo de desaccordo entre capacidades e cargos, pertence ao Sr. Lauro Müller.

Certo devemos o receio, o temor dos destruidores e dos assaltantes e a propria figura do Sr. Müller na pasta do exterior ao fulgor tutelar de Rio Branco. Esse homem, dilatador de territorio que Rodrigues Alves chamou a fixar a personalidade do Brasil no concerto universal, trouxe de tal modo o prestigio da sua fé, o orgulho da sua nacionalidade, a vontade de realisação da grande politica brasileira, que a miseravel politicagem jamais pensou em substituil-o em tres governos successivos, e, quando morreu, o seu nome fez-se estrella e só um homem teve a coragem de sentar-se em sua cadeira, sem que o ridiculo espoucasse em risos. Continuaria assim a manter-se intangivel a unica expressão séria da nossa politica, ainda não destroçada.

Em torno do Sr. Müller ha sempre o ferver de opiniões desencontradas. As ambições, os «self-interests», a tristissima pernostiquice dos paspalhões fazem-se scenario dos botes magistraes dos que não pódem admirar senão diante de

um espelho. Todas as idéas e todas as intenções lhe foram attribuidas. O Sr. Lauro Müller é simplesmente uma alta intelligencia de córte mediterraneo e de cultura mediterraneo-americana. E' mesmo muito mais mediterraneo do que qualquer outro estadista nosso, é essencialmente um espirito grego, não no que elle possa lembrar de apolineo, mas no que tem de agudez habil, de alegria intelligente, de percepção oceanica — qualidades que estão em certas figuras de Plutarcho e em homens actualissimos como Lloyd George, como Venizellos.

No fundo da alma, acompanhando o remigio do espirito, como Rio Branco continuou jornalista patriota, o Sr. Müller continúa, é o mesmo tenente patriota que se tornou rebelde á monarchia em 1889, pensando na grandeza do Brasil e no seu proprio futuro. Capacidade myrionima, com um poder de adaptação quasi absorvente, o Sr. Muller vê, adapta-se, agrada-se, liga as correntes mais oppostas, é o primeiro em tudo quanto entra sem dar por isso — continuando mathematicamente patriota.

A plebe politica tem-lhe medo. O Sr. Müller é intelligente de mais, excessivamente mediterraneo para tal gente.

Em compensação, no desporto a que se entrega de enxadrista das sympathias e de absorvente plasmico, possue um formidavel individualismo patriotico. Quer fazer o seu paiz. Sempre quiz.

E', assim, o homem que mais batalhas tem vencido contra a inercia e a rotina, sendo de apparencia um conservador. O seu nome, para o historiador da intenção politica, será um dos rarissimos grandes nomes destes vinte e cinco annos de Republica. Elle fez tudo quanto ha de effectivo progresso material no Brasil; elle realizou a parte interna da grande obra que Rodrigues Alves presidiu. E todo o segredo de sua intenção esteve sempre na fórmula «realizar o Brasil». Realisar o Brasil pela cohesão, pela harmonia, pelo trabalho, pela consciencia solidaria, pela confiança do estrangeiro, pela paz continental, pelos progressos materiaes, pelo auxilio ás classes productoras, pela fusão de todas as classes e a fusão do respeito dos velhos e de força juvenil na vontade de realizar o Brasil.

E' o programma politico que menos tem mudado. A sua acção na pasta do exterior, dentro do traçado gigantesco de Rio Branco, é a dilatação magnifica desse programma, que é convicção, é impeto d'alma na ponderação e é idéal. Desde a sua entrada para a pasta do exterior o Sr. Müller demonstrou o desejo de revigorar e dilatar as conquistas moraes de Rio Branco, prendendo o continente americano na comprehensão das necessidades praticas que obrigam os paizes a deixar sympathias platonicas ou antipathias precoces mesmo na America, pela teia unificadora do espirito americano. O Sr. Müller exprime a formula em que se fundem

o principio de Monróe e o forte patriotismo liberal de Rio Branco, creou o «espirito americano», que se póde entender por unidade moral dos paizes da America, cohesão de sentimentos de ascenção americanos, harmonia para o valor conjunto do novo continente no mutuo respeito dos valores de cada um e no igual cumprimento dos deveres para com os outros povos. Os sãos elementos sul americanos comprehenderam-no. Os Estados Unidos mostraram saber as suas intenções grandes e fortes de fraternidade do novo mundo. A sua obra na guerra yankee-mexicana é maior para a nossa civilização que qualquer das grandes obras materiaes que com a sua rubrica intensivaram o nosso surto economico.

A calamidade da conflagração européa fel-o patrioticamente continuar essa obra de aproximações necessarias, deu-lhe occasião de marcar de modo nitido a attitude do Brasil nos conflictos externos. E o que o Sr. Müller vem repetindo ácerca da neutralidade e da politica externa brasileira, alta politica que está no aphorismo de Nietzche — «os nossos deveres são os direitos dos outros» e que o ministro ainda hontem condensava na fórmula — «ser neutro é reservar as suas energias para ser fórte quando nos atacarem» — a Inglaterra comprehendeu e louvou no Canadá pela recepção do duque de Connaught.

O Sr. Müller retomou o trabalho da sua pasta. Póde-se dizer que nelle não houve interrupção. Em terras distantes esse homem de Estado continuava o trabalho da politica brasileira. Aqui affirmava e defendia a sua obra o Sr. Luiz Martins de Souza Dantas, que, sem descontinuar na sua carreira diplomatica, fazia a sympathia pela sua Patria, como Argentina fôra a pedra angular dos nossos melhores sentimentos. O Sr. Lauro Müller levou a obra magnifica certo de que deixava no diplomata joven a ponderação sem tibiez que soube manter a nossa elevada politica externa sob a egide de Rio Branco.

Desde o Pará, o ministro do exterior vem, entretanto, ao contrario dos seus habitos, que são mais de agir do que de falar, abrindo todas as janellas de suas intenções, mostrando ao paiz e ao estrangeiro, em affirmações categoricas, a directriz sem curvas da nossa politica. Hontem o Dr. Frontin chamou-o apostolo. Apostolo de um Deus que todos nós devemos ter: a Patria. Foi o remate da evangelização. Bastaria compendiar o que o Dr. Müller disse para que se tivesse a mais clara divulgação do que é civismo.

Elle precisou, entretanto, falar — depois de agir. E' grave? Sim. Ainda, porém, nos salva da desesperança — porque o ouvirão.

Eu guardo nessa esphera elevada, mais do que o reconhecimento da obra realizada, o pre-

ceito que todos os brasileiros devem guardar: — politica é uma só, e quer interna, quer externamente, cada homem de estado deve ter uma só politica: a politica brasileira.

Nunca tão nobremente se disse á consciencia nacional palavras tão graves e ardentes. Nunca se proclamou ao universo tão honesta e orgulhosamente o direito de se ter amigos e de se ser respeitado.

PAIZ DE JORNALISTAS

—

Ha alguns mezes, um velho politico extremadamente cortez segredou-me:

—Meu caro amigo, estamos vencedores!

—Como?

—O presidente tem medo da imprensa e mandou reconhecer todos os jornalistas. A Camara está cheia de jornalistas!

—Não exagerará V. Ex.?

—Exagero? V. é ingenuo! Ha duzentas e doze cadeiras e duzentos e treze deputados jornalistas!

—Mas, que me conste, excellencia, profissionaes nem uma duzia...

—E quem fala de profissionaes num paiz de amadores como o Brasil? V. decididamente esquece as qualidades fundamentaes do seu povo. E, esquecendo-as, é com estreiteza de espirito que encara a questão do jornalismo parlamentar. No Brasil, cada vez mais todos são capazes de tudo, sem saber nada. E' o paiz da sufficien-

cia. Ha, porém, quatro vocações que o brasileiro tem sempre: a politica, as finanças, a poesia e o jornalismo. Os meninos mal começaram a ler, fazem versos, redigem jornaes manuscriptos, atacam o governo e discutem economia politica. O Brasil é assim um composto de Wenceslão Braz, Leopoldo de Bulhões e Catullo da Paixão Cearense, dando como solução o desiquilibrio poetico, o frenesi jornalistico...

Um Genio!

—V. Ex. abusa do paradoxo...

—O paradoxo é o satanaz da ponderação burgueza. Leva-a a dizer e a sentir o que não diria nem sentiria se estivesse a sós com o respeito dos logares communs. Reflicta um instante sem preconceito e verá o quanto de verdade existe na minha observação.

Deixei o velho politico, extremadamente cortez, desejoso de estudar o assumpto. Não ha como os assumptos inuteis para interessar-me. Tenho estudado a salvação da patria, a literatura nacional, as opiniões do Dr. Calogeras, o vôo em trapesios, os despachos do Sr. José Bezerra, uma porção de futilidades com verdadeiro amor. Estudei tambem o paradoxo do velho politico. E, de facto, ha no seu paradoxo uma verdade geral. Nós todos somos mais ou menos financistas, politicos opportunistas e poetas. Desse *cock-tail* organico resulta o que os senhores estão vendo: — uma colossal embrulhada em que a politica e a finança têm da poesia. Quanto ao jornalismo, póde-se estabelecer o seguinte

principio absurdo: á proporção que se multiplica o numero de jornalistas e o jornalismo augmenta de valor, desapparecem os jornalistas profissionaes.

E a razão é simples. Para exercer qualquer profissão é preciso pratica, é preciso saber. Tocar trombone ou pratos parece facil, mas basta chegar aos instrumentos para ver que, antes de tocar pratos ou trombone, é preciso aprender. Vender jogo de bicho é, segundo muita gente, facilimo. Mas, desde que se entra num respeitavel banco de bicho, é logo evidente a necessidade da pratica e da vocação. D'ahi haver muito mais compradores de bicho que banqueiros, e um numero colossalmente maior, em proporção aos tocadores, de ouvintes de trombones e de pratos. E se com essas profissões ou artes mais ou menos faceis, as difficuldades são flagrantes, com as outras então, com todas as outras, ainda maiores se tornam. Por mais academias que haja com cartas a preços modicos, não ha homem que se improvise advogado, engenheiro ou medico, sem a ameaça perenne da cadeia ou de uma sova.

Com a politica, a poesia, as finanças e o jornalismo — não acontece absolutamente nada disso. A politica, em ultima analyse, é uma fórma de egotismo irradiante. Não ha ninguem que não se julgue com valor para fazer o sacrificio patriotico de occupar um cargo politico. Qualquer cavalheiro, seja engenheiro ou bicheiro,

medico ou sem profissão, com talento ou sem talento, erudito ou analphabeto, póde querer ser intendente, deputado, senador, ministro, presidente de Estado. Nesses postos temos tido de tudo e havemos de ter. A reflexão impõe-se:

—Por que não serei eu, em vez de outro qualquer?

A poesia é ainda mais facil que a politica. Fazer versos é uma questão de estado de alma. E' um devaneio, uma especie de sobremesa de qualidades que, num povo de apparencias como o nosso, se torna desde logo o prato de apresentação. Já tenho reparado que o brasileiro admitte tudo, isto é, póde admittir tudo, menos que não lhe apreciem os trabalhos poeticos. A prosa póde ser censurada; os versos, nunca. Quem se arrisca a censuras, arrisca-se a crear inimigos mortaes e muitas vezes a morrer. Dessa intolerancia resulta que, cada vez, a poesia é mais idiota e que o numero de poetas augmenta impunemente. Mesmo porque, para ser poeta assim, basta ter a coragem de dizer uma porção de tolices com o auxilio de um diccionario de rimas. BRAVÍSS!

A economia politica é a pedra de toque do nosso idéalismo. Encaramos a formação da riqueza com uma fantasia que tem do Mediterraneo e tem do tropico. Cada um de nós póde passar a vida inteira sem um vintem de seu, mas cada um de nós tem na cabeça planos irrespondiveis para fazer cair sobre o Brasil um dilu-

vio de ouro. Ainda ha tempo, quando o Dr. Wenceslão acabou de se capacitar de que o Thesouro não tinha nickel, foram tantos os projectos publicamente apresentados e enviados particularmente, que, para não augmentar mais as enxaquecas, o digno homem resolveu mais papel. E, num paiz de sonhadores avidos, de nigromantes, de descobridores da pedra philosophal, de transmutadores auriferos, o papel que representa dinheiro não é apenas um recibo de lastro sonante, é um attestado de idéal, de sonho, de volupia fantasista. Os poetas dizem:

—Isto é ouro...

E os que vierem depois que se arranjem...

O jornalismo foi com certeza uma ardua profissão. Para exercer essa profissão eram precisos pratica, talento, vocação. O jornalismo se fazia assim uma arma que algumas vezes se tornava apostolado. Mas continuadamente os jornalistas eram os irmãos da Cruz Vermelha das ambições e das vaidades. O jornalista não passava de jornalista, obrigado a vida inteira a servir os outros, porque nesta arte, quando se é apenas o profissional, mesmo atacando, tem a gente de servir os inimigos dos atacados, e, quando se elogia, faz-se a gloria alheia com a certeza da ingratidão. Apenas os appetites augmentaram, as vaidades cresceram á proporção que a incompetencia subia. Tanta gente exigia a trombeta dos jornaes, que os jornalistas tiveram a neurasthenia do excesso de trabalho, o

esgotamento do sopro. E a população inteira: politicos poetas, financeiros — resolveu escrever por conta propria, trombetear-se a si mesma. Os jornalistas eram intermediarios de egoismos. Os jornaes marcavam essa attitude calma. Desde que os interessados viravam jornalistas, o jornal foi mais violento em tudo, e os jornalistas ficaram na situação de exercer uma profissão que todos exercem no Brasil, quando pretendem alguma coisa.

Para dar razão, porém, ao velho politico extremadamente cortez, contava eu, os jornalistas que, segundo elle, tinham entrado na Camara pelo receio do Dr. Wenceslão Braz. Mas com certa magua, verificava só a entrada de menos de uma duzia e, por motivos inteiramente independentes da vontade do Dr. Wenceslão, quando o deputado Costa Rego, um dos raros jornalistas profissionaes, subiu á tribuna com a lista de chamada na mão e memoravelmente demonstrou que todos aquelles senhores socios do «Monroe Club» são tambem seus collegas, são tambem jornalistas. Do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará, além da duzia conhecida, a representação nacional é composta de jornalistas.

Jornalistas como? De maneira simples. Cada um desses senhores, com a justa aspiração de entrar para a politica e com o lindo idéal de salvar a Patria, ou deu um certo numero de artigos atacando os dominantes para se fazer notado,

ou comprou um jornal para defender as suas aspirações. O jornal é o piano mecanico do louvor ou a espingarda do ataque. Deixou de ser uma arte para ser uma funcção ajudativa, o rapido auxiliar da entrega de postos a domicilio.

Emquanto o Sr. Costa Rego falava para os collegas do recinto, eu lembrei então o numero de governadores de Estado jornalistas, desde as terriveis perversidades de Enéas Martins no Pará, até os doutrinarios artigos de Borges de Medeiros na *Federação*, com passagem pelos trabalhos incognitos de J. J. Seabra e o diabolismo sem rival do jornalista Nilo Peçanha; eu lembrei que todos os nossos presidentes da Republica, salvo os dois ultimos e os dois primeiros, tinham escripto em jornaes, e que em todos os ramos administrativos em cada canto do paiz só havia jornalistas.

Estava assim nesta meditação, quando o velho politico appareceu.

—Em que pensa?

—Nos jornalistas.

—Somos todos nós. Você pensa na patria...

—Mas eu penso que V. Ex. quiz rir e o Costa Rego faz *blagues*.

—Pensa espessamente, carissimo amigo, pensa com o preconceito do profissional, pensa com exclusivismo.

—Os collegas politicos são amadores.

—São os unicos que se servem com utilidade da arte. O jornalismo é uma espingarda. O

profissional faz nella uma exhibição de tiro ao alvo. Os outros servem-se della para uma coisa sempre séria: os progressos da propria pessoa. Eu já lhe disse as quatro vocações do brasileiro. Com ellas, o brasileiro vai indo muito bem, apesar dos pesares... Um homem que é só jornalista numa terra em que todos são jornalistas, com os resultados que podem advir do manejo, mesmo bisonho e, por consequencia, mais perigoso dessa arma — não passa de um especialista maniaco, de um *virtuose* de funcções communs, de um amador, sim, de um amador extravagante. O Brasil é a terra dos jornalistas. Por isso, cada vez se escreve peior e nós caminhamos para a creação de um volapuck recheado de solecismos. Mas, todos são jornalistas, e os unicos amadores são os raros profissionaes que ainda existem — porque amador é o homem que não tira proveito da arte com que se enebria...

O velho politico despediu-se, rindo. Eu olhei com indifferença a bancada da imprensa, e sahi humilde, cumprimentando os mestres, os outros jornalistas, os do Monroe, os da Avenida, os das outras ruas, todos os transeuntes jornalistas, deste paiz de jornalistas.

O NOVO SOLDADO

Ao sair do Senado, outro dia, lembro-me das palavras de um camarada:

—Precisas ver a obra de integralização do novo soldado no organismo nacional.

—Onde?

—Visita os quarteis.

—Todos?

—Alguns. Para sentir o novo exercicto. basta alguns. Começa, por exemplo, pelo 52º, em que se iniciou sem barulho essa transformação dos quarteis em collegios de patriotismo.

O quartel do 52º fica a dois passos da casa do Senado, na desolada e triste rua do Areal. Caminhei com a desconfiança de quem não conhece, até a beira desse quartel — um quartel que, pelo acaso, vive na minha memoria de criança, porque era o quartel do carneiro ha mais de vinte annos, no tempo em que os soldados eram de temer como os mercenarios das guerras barbaras.

Passa um capitão, de luvas. Tomo coragem. Explico a minha curiosidade sem o conhecer. Elle é gentilissimo e simples.

—Vou prevenir o major-fiscal.

Sobe. Eu fico. Que irei dizer ao fiscal major, como explicar-lhe o meu estado de abatimento e de exaltação, de duvida e de desejo, de desencontro de alma, formador de uma curiosidade talvez impertinente?

O major-fiscal apparece. Olhos claros, que olham direito para o interlocutor, voz igual sem hesitações — um trato de absoluta distincção. Dou o meu nome. Elle diz o seu: Octavio Coutinho.

E, como eu tento explicar-me, revela-se aquelle capaz de comprehender o meu sentir, porque a sua vida, o seu idéal é aquelle.

—Comprehendo e agradeço a sua visita. De facto, todos nós trabalhamos para que o exercito, independente de politica, seja o musculo da Nação, para que o soldado tenha o sentimento da Patria, afim do povo ver na farda a expressão armada da sua individualidade moral. Queira entrar.

Atravessámos um corredor. Vejo os soldados que por elle passam. São todos novos, rapazes desempenados, sadios, com o garbo convencido da continencia, o olhar vivo. E' a primeira impressão de surpreza para quem pensa sempre no antigo soldado desengonçado, velho.

—Ha uma idade para assentar praça que é aqui respeitada?

—Sim, só podem assentar praça os rapazes de dezessete aos vinte e cinco annos, Aqui, prefiro sempre os que não chegaram aos vinte e cinco ainda.

—Bella mocidade!

—Exigimos tambem atestados de saude, de conducta. E, sendo o regulamento cumprido severamente, não ha no batalhão um castigo por falta grave, embriaguez, má conducta. Precisamos fazer comprehender a cada soldado o que elles são como a parte de um todo, como a prova da saude da Patria. E, assim, com os moços, as lições de civismo têm sempre resultado. Por exemplo, no 52 são raros os analphabetos. Já exigimos tambem que ao assentar praça elles saibam ler. Os outros têm de aprender. E ha dezenove dos nossos soldados no Lyceu, frequentando os cursos nocturnos.

—E' tão imprevisto...

—Porque o momento é unico. Não sei se a guerra européa, se a crise financeira, ou ambas as cousas, ligadas ás sympathias dos intellectuaes pela formação do soldado, deram ao ambiente e ás gerações novas o enthusiasmo patriotico. Recebemos aqui, por dia, cinco a seis pedidos para assentar praça. Podemos escolher. Escolhemos os melhores.

—Para mais facilmente educal-os?

—Para incutir-lhes a consciencia da funcção que exercem. Esse trabalho é o praparo physico e militar propriamente, com os exercicios diarios, pela manhã, no quartel e no campo da Acclamação; é o preparo do espirito e o preparo moral, com o exemplo, com a insistencia educativa. Póde-se fazer de cada um soldado um patriota fervoroso, sem oratoria, sem explosões rhetoricas: o soldado alheio á politica, o soldado orgulhoso de ser disciplina, de ser o musculo da Patria.

A propaganda de Bilac surtiu nos quarteis o desejado effeito. Poderia mostrar-lhe as canções que os soldados cantam em marcha para o exercicio.

Fez um gesto, um soldado que passava desappareceu, e cinco minutos depois estavamos num outro salão de ensaio da banda, atopetado de rapazes de aspecto recto e ardente chamma no olhar.

—Como chegou sem ser esperado, aproveito a 2ª companhia do capitão Alvaro Maureau, que está no quartel.

O mestre da banda tem um gesto de um homem de sociedade.

Lembro-me de alguns soldados italianos, os primeiros que me mostraram a necessidade do serviço obrigatorio como a coordenação das forças vivas da Patria. E' o sargento Francisco Fontes Filho, apenas irmão de Hermes Fontes, um dos nossos mais louvados poetas. O joven

que dirige o coro tem o nome de Rocha Lima, familia illustre. O cabo que obedece ás ordens do major-fiscal conserva o garbo de um joven official francez. Chama-se Nerval Gomes. E em toda aquella mocidade nada do antigo mercenarismo bronco e apavorante, mas o impeto satisfeito, a alegria adolescente de ser soldado — a fundamental alegria da mocidade nos povos que marcaram e marcam na vida do globo.

A primeira canção que ouço, das varias *canções de marcha* do 52º, é uma lição de patriotismo, letra do capitão Joaquim de Castro, musica do sargento Januario Silva.

Somos do sul e do norte
Do centro e do litoral
A' Patria gloriosa e forte
Temos amor sem igual.

As vozes desses adolescentes enchem o salão virilmente. Elles não cantam como meninos inconscientes. Os versos simples com a sua immensa aspiração clangoram esperanças. Com o coração apertado, eu imagino exactamente o grande Brasil, que precisava fazer o que affirmam os versos: misturar, ligar, plasmar moralmente a unidade patriotica do sul, do norte, do centro e do litoral. E a canção continua:

Do Oyapoc ao Chuy
Tremula, bella, altaneira
Pallio estellar que sorri
A nossa linda bandeira.

Rapazes de vinte annos, que tendes vinte annos no grande momento da transformação do mundo; rapazes de vinte annos, que sois dealbar no instante em que se reintegram de subito os sentimentos de raça e de Patria, no orbe; rapazes de vinte annos, que tendes de idade auroral em que se participa do sonho do céo e do impeto da terra no momento dramatico em que o sangue de milhões de homens apaga das almas a fraqueza do scepticismo e a corrupção amolecedora — rapazes! como as simples palavras encaminham o aperfeiçoamento!

O major-fiscal Octavio Coutinho continuava com a mesma voz tranquila a dar-me informações. Nesse homem eu encontrava o patriota como elle deve ser, com uma convicção sem esmorecimentos, applicando a intelligencia á obra maior de educação. De vez em quando parava. Era um novo hymno. Assim os soldados cantaram o hymno da proclamação, o hymno da bandeira, o hymno nacional. Esse hymno nacional é o maior educador civico que conheço. Os inglezes, tornando obrigatorio o seu hymno á terminação de festas e espectaculos, realizavam com intenção a obrigação de recordar, mesmo aos que se divertem, o respeito á Patria. Aqui a nossa geração já protestou contra o hymno nos espectaculos, como se a lembrança varonil da Nação pudesse ser diminuida, seja qual fôr o executante, seja qual fôr o lugar onde se o execute!

Os brasileiros ouvem pouco o hymno nacional. Os novos soldados ouvem-no e cantam-no diariamente. E' um largo começo. O major-fiscal Octavio Coutinho diz-me:

—Isto que fazemos aqui, sob o commando do tenente-coronel Jansen Junior, é exactamente feito em outros quarteis.

Emquanto o major fala, eu penso em mil coisas. Penso de mal no egoismo dos governantes, incapazes de guiarem o Brasil, nos dinheiros perdidos e no trabalho mal-baratado das linhas de tiro, na covardia da politicagem sem saber formar o serviço obrigatorio, quando a mocidade o aceitaria como um exercicio de preparação sem esforço.

—Está claro, continúa o major com muito bom senso, que o trabalho dos officiaes, irmanados pelo desejo de fazer exercito e povo um todo uno — é um lento trabalho de formiga, feito em silencio, sem gritaria. Precisamos preparar antes as cidades, fazer o soldado consciente e o povo querendo-o, amando-o. Depois o interior, o campo, a raça, onde é preciso que desappareça o terror da missão militar e se encrave a verdade de que o exercito, longe de ser um parasitismo ocioso, é a guarda da ara da Patria, guarda a que têm obrigação todos os brasileiros unidos, para saber defendel-a quando a atacarem.

Assim deixámos o salão da banda para percorrer o quartel. E entre os soldados, uns que faziam exercicios physicos, outros que liam, ou-

tros applicados activamente em diversos misteres, eu pensava na continuidade da educação verdadeira. Disciplina? E' a vida das nações que não perdem o proprio respeito na furia do insulto e da desconfiança que gera a canalhice, a decadencia, a ruina de povos feitos e de povos por fazer como o nosso. Necessidade de crear em cada canto collegios de patriotismo? Desde a Lacedemonia foi assim, com outros nomes através os seculos e as nações. Canção como o excitante da fé admiravel? Já Tyrteu, na noite dos tempos, coxo e velho, levava-as embaterias á victoria ao som das canções. Continuidade da vida — por que não a reatamos nós que ainda não somos povo?

Mas em pleno palco, de repente, ouvimos um invencivel clamor de alegria:

Do Oyapoc ao Chuy
Tremula, bella, altaneira
Pallio estellar que sorri
A nossa linda bandeira.

—E' a 2ª companhia que vem por ahi em marcha, cantando.

E da porta em concha do quartel golfou radioso o passo de marcha daquella mocidade, producto do verdadeiro amor patriotico da intelligencia militar, romperam na luz azul do dia, os novos soldados, direitos, firmes, convencidos, *outros* brasileiros, os brasileiros como deviam ser. No ar vibravam os versos.

E foi como se de repente todos nós tivessemos a imagem do Brasil fabuloso ao desfraldar de centenas de bandeiras, thesouro de força e de esperança a aconchegar o mais formoso pedaço do vasto céo azul.

Era no quartel do 52º de caçadores a obra do novo soldado.

A FORMAÇÃO DO SOLDADO

No grupo de obuzeiros, ás 10 horas da manhã. Em frente do edificio que, além dos obuzeiros, abriga um commando de brigada e uma companhia de metralhadoras, a praça termina nos muros da Quinta. Procuro uma frase, a primeira frase que explique ao commandante e aos officiaes o meu desejo de visitar o quartel. No grupo de obuzeiros deve-se ter um dos aspectos do novo exercito, o aspecto do preparo technico do soldado. E' preciso vel-o. Mas far-se-ha necessaria a phrase de explicação? A actual officialidade de nosso exercito tem uma tal irradiação de intelligencia patriotica, de ardente dedicação á causa da nacionalidade, que o meu desejo é como um pallido reflexo da sua obra extraordinaria. Quando me annuncio, o 1º tenente Democrito Barbosa, com sympathia nos seus gestos militares, diz-me:

—O Sr. commandante terá de certo prazer em attendel-o.

O commandante é o major Leite de Castro, forte, elegante, varonil. Fala como um mathematico e como um patriota fervoroso.

—Commandante, eu desejaria não o aborrecer.

—Mas todos nós temos prazer em que passe comnosco algumas horas.

E eu que contava absolutamente com uma impressão forte, eu que sabia o espirito desses homens sem os conhecer pessoalmente, eu fui de surpreza em surpreza na visita ao grupo de obuzeiros.

A primeira é a da nobreza total, da dedicação com que esses jovens officiaes cream o Novo Exercito. Elles dedicaram a vida á formação definitiva que só será uma Patria consciente quando cada homem for um soldado, quando cada soldado comprehender a sua missão, quando cada um respeitar no soldado a defeza da integridade nacional — não com rhetorica mas pelo facto. Quasi todos esses officiaes estiveram na Europa. Mas voltaram com a idéa fixa da dedicação pela Patria. Um dos sentimentos que encontro nos obuzeiros é a negação ás aspirações politicas, é o desejo de limitar a vida á acção militar. D'ahi um orgulho — o orgulho da disciplina, o maior dos orgulhos, que só têm os verdadeiros crentes. D'ahi a obra feita na sombra, a obra da formação enthusiastica do civismo. D'ahi o trabalho insano, o trabalho quasi incrivel de preparo e de educação.

O commandante Leite de Castro mostra a principio todas as dependencias do quartel — um quartel mantido como nos grandes centros militares da Europa. O commandante Leite de Castro tem a preoccupação de provar como os pais podem entregar os filhos ao serviço militar, certos de que elles serão bem tratados, bem alimentados, bem dormidos — como no melhor collegio. E eu vejo isso nos dormitorios, no refeitorio, onde os officiaes levam o seu enthusiasmo a ensinar a comer aos inferiores. Mas eu vejo mais, vejo o cuidado, a solicitude quasi paternal na enfermaria de urgencia, na creação de aulas, como a de veterinaria, feita com os proprios recursos do batalhão. E' o trabalho. E' o amor á Patria.

Ao entrarmos na parte em que se acha instalada a 1ª bateria sob o commando do brilhante capitão Castro e Silva, deparo com um programma de instrucção de bateria pelos dias da semana. Segunda-feira, por exemplo, elles começam ás 6 horas da manhã. O programma é apenas isto:

«Composição e formação da bateria atrelada. Accionamentto. Fraccionamento da bateria para o combate. Reconhecimento do objectivo e da posição de tiro. Avaliação ou medição de distancias. Determinação da situação das peças, de accordo com o espaço morto tolerado, instalação de observatorios e das ligações. Marcha de accesso. Serviços de segurança, de exploração

e observação. Croquis. Occupação de posições. Serviço de bateria em combate. Preparação e execução do tiro (simulado). Remuniciamento. Abandono e mudança de posições.

Parada para revistas e inspecções.

Serviço em campanha. Marchas. Bivaques. Passagem de cursos d'agua. Construcção de uma pequena ponte improvisada. Embarque e desembarque em caminho de ferro. Preparação de posição fortificada de campanha. Defesa contra aeroplanos».

—Mas é esfalfante!

—Cada dia da semana tem um programma. Entramos sempre, todos os dias, ás seis da manhã e só podemos deixar o quartel depois das seis, quando escurece. No verão chegamos mais cedo. A's vezes, ás quatro da madrugada. Mas o treno é de tal ordem, as coisas estão de tal fórma dispostas, que o 3º grupo de obuzeiros póde partir, ao receber ordem de marcha, um quarto de hora depois do recebimento dessa ordem.

Vejo realmente nas arrecadações as disposições numeradas e em ordem dos pertences de cada bateria. As baterias armam-se em segundos.

O commandante vai depois mostrar-me a cavalhada. Cada cavallo tem um nome de victoria brasileira arrancado ao nosso limitado passado guerreiro. E os soldados sabem as razões desses nomes. De resto, por todos os cantos, no pateo das duas baterias, a sob o commando do

capitão Castro e Silva, a sob o commando do distinctissimo capitão Olyntho de Mesquita Vasconcellos, encontrámos collados ás columnas pensamentos formadores de civismo, escriptos á machina e alguns de uma concisão lapidar.

Exemplo este sobre a solidariedade:

—«O espirito de solidariedade é um sentimento que impelle os soldados e os chefes a se auxiliarem mutuamente, no campo de batalha, para um fim commum — a victoria.

O espirito de solidariedade deve-se manifestar, em tempo de paz, estimando-se uns aos outros, e não fazendo a outrem o que não se quer que se faça a si proprio».

E este admiravel sobre patriotismo:

—«Todo brasileiro, todo soldado deve amar a sua Patria, — o Brasil, — não só por causa do seu bello passado, como tambem pelo futuro que lhe está reservado entre as nações do mundo. E, para assegurar esse futuro, é que devemos ter um exercito forte, para encarar sem temer a èventualidade de uma guerra.»

O commandante Leite de Castro atravessa o pateo para o estreito campo de manobras. Nesse momento já o acompanha toda a officialidade.

—Desejará ver um exercicio, ter a prova do que leu e do que lhe dissemos?

Faz um gesto. Vamos ter a certeza da segurança do ensinamento dos soldados. Uma bateria de obuzeiros é naturalmente composta de soldados que representam cada um um numero

de um problema algebrico correspondente a cada parte do apparelho e cuja resolução é o tiro ordenado pelo official — ordem muita vez dada telephonicamente. Mas, cada soldado correspondente a cada objecto da peça, e deve saber a peça inteira. Formada a bateria, encarrega-se de mostrar a instrucção dos soldados o 1º tenente Sebastião do Rego Barros, figura juvenil de rara sympathia, tempera de franco enthusiasmo vigoroso.

As peças são carregadas e descarregadas em segundos. Depois seguem as perguntas, feitas em tom de commando, respondidas sem hesitação, desde os arreios dos animaes até o angulo de mira. O tenente Rego Barros não pergunta só o nome dos objectos, quer a razão, a explicação, o por que. Assim na desmontagem de um schrapnell, a proposito das cargas, das pressões. Por mais frio e mais sceptico que seja o individuo diante desses soldados, ainda hontem ignorantes e que a officialidade nova liga e plasma á grande intelligencia vigilante da Patria, é impossivel deixar de sentir o enthusiasmo de um outro ambiente.

Mas, após a prova do conhecimento de cada soldado, o commandante encarrega o 2º tenente Maurillo Meirelles Alves das evoluções das baterias montadas, tocando para o ataque, parando para entrar em fogo, partindo. Vemos esses soldados que sabem a peça inteira, do freio do cavallo sota ao eixo da roda, da alavanca da pe-

ça ao percutor do explosivo, occuparem instantaneamente os seus logares e as peças partirem á toda. O exercito é empolgante, porque cheio de perigos. Um soldado que caia está morto. Ainda outro dia a officialidade do 3º grupo de obuzeiros levou ao tumulo um soldado, digno morto por accidente no cumprimento do seu dever, como á beira da sepultura o disse o major Leite de Castro, em oração que é sobrio modelo de civismo. Apenas, o tenente Maurillo, montado, a commandar, tem um enthusiasmo tão ardente, o fragor das peças rolando é tal e a presteza com que a bateria obedece aos seus gestos é tanta, que o pensamento é o da fatalidade heroica. Numa avançada assim é impossivel pensar na propria vida senão para acabar com a do inimigo.

O commandante tira o relogio. Ha o signal de parar, o signal de preparar a peça. Os soldados fazem isso em trinta e cinco segundos. Quer dizer, meio minuto depois de chegar ao logar ordenado, a bateria póde dar o seu primeiro tiro. E, para encaixotar, atrelar e partir, os soldados levam quarenta segundos. No meio dos soldados o tenente Maurillo cresce, é o conductor. O exercicio dura meia hora. E a um simples signal do commandante Leite de Castro, tudo de repente pára, o tenente Maurillo desmonta, fazendo a continencia; e quando, ignorante da disciplina, eu vou com ambas as mãos saudal-o, o tenente Maurillo, perfilado, correcto, sem uma

leve sombra de cansaço, parece ter chegado naquelle instante ao quartel.

São duas horas da tarde. Vamos á sala de repouso da officialidade. Estão todos em torno do commandante: o 1º ajudante Democrito Barbosa, o 2º tenente Francisco Pereira da Silva Fonseca, o capitão veterinario Augusto Tito da Fonseca, o tenente medico Dr. Augusto Tavares de Souza Vaz, o 1º tenente intendente Alfredo de Sá Miranda, os commandantes das baterias, capitão Castro e Silva e Mesquita Vasconcellos, os 1os tenentes João Baptista Mascarenhas de Moraes e Sebastião do Rego Barros, os 2os tenentes Raul Mendes de Vasconcellos, Maurilio Alves e Dario de Castro Pinheiro Bittencourt, o aspirante Geobert de Queiroz. São todos perfeitos cavalheiros, e são todos presos ao mesmo idéal, com o coração a vibrar pelo diapasão patriotismo. Cada um delles faz o que o outro faz, cada um delles está contente com a sua obra incessante e nobre, cada um delles sabe rir e sabe estender a mão porque tem fé. Elles sacrificam-se na obra do novo soldado — o Brasil coheso de amanhã. O tenente Rego Barros a conversar repete o desejo de Leite de Castro de ver os jovens espontaneamente fazendo o seu serviço militar:

—Aqui todos trabalham. E nós, não só ensinamos, como ajudamos o trabalho quando é preciso.

—E quando é preciso?

—Todo o dia...

Juventude que é preciso louvar, seguindo-lhe o exemplo! Uma larga esperança alegra o meu coração. Naquella sala, emquanto lá fóra, politicos desmiolados, factores de opinião sem opinião senão a do ventre, irresponsaveis, sem intelligencia e responsaveis intelligentes, dão a impressão da balburdia e do desastre, nos quarteis, que se tornam sagrados, accendem os brasileiros officiaes as fogueiras do enthusiasmo a chamar a juventude para a consciencia disciplinada da defesa da Patria. Eu sinto a emoção de ser brasileiro. Do bater daquelles corações irradia o Brasil. A sala está cheia do Brasil porque está cheia de fé — a fé que faz cada um cumprir o seu dever com alegria. E é com pesar que me despeço do major Leite de Castro, filho de soldado, alma de soldado; é com tristeza que deixo essa forte forja do grande broquel da nacionalidade. Uma hora depois estarei na bibliotheca sceptica... Então o commandante mostra-me a bandeira. Os officiaes aproximam-se. E 'a imagem do Deus do Templo. Ha um subito silencio. E eu saio, lembrando um dos dizeres de ensinamento civico que encontrara no pateo:

—«A bandeira é o symbolo da Patria. E' tambem o emblema da gloria do «Grupo», porque terá inscripto nas suas dobras os nomes das batalhas em que as nossas baterias tiveram a ventura de tomar parte».

O JOGO DO CAMBODGE

—

—Mil perdões. O Sr. Khol?

—Exactamente.

—Do Cambodge?

—Do paiz de Kmer.

—Perto do Cambodge?

—Do proprio Cambodge, o paiz cujo primeiro rei pediu á India a bainha da espada para ter o imperio absoluto.

—Peço desculpas da minha ignorancia. Os brasileiros são temiveis quanto ao conhecimento geographico dos outros. Eu sou brasileiro...

—Mas não ha do que pedir desculpas. Cambodge chamaram os siamezes a nossa terra. Os chinezes chamam-na Tehin-la. Foram os portuguezes que adoptaram o appellido siamez. Até um poeta lusitano, Luiz de Camões, não sei se conhece?

—Vagamente.

—Até esse poeta tem dois versos citaveis:

Vês, passa por Cambojo, Mecon rio
Que capitão das aguas se interpreta

—E esse cavalheiro?

—Qual?

—O Mecon.

—E' o rio Mé-Kong, em nossa lingua «mãi das aguas». Eu sou mesmo de perto desse rio, pois nasci ha cincoenta annos em No Koz-Kmer, ou, como se diz no estrangeiro, no Cambodge. V. Ex. não diz, entretanto, o motivo da sua visita. Ha alguma novidade? Habito esta hospitaleira rua da Misericordia vai para dez annos, empregando o meu tempo em operações financeiras. O clima agrada-me. Na minha terra nunca faz menos de 28º á sombra. O Som Dach Prat.

—Que Som Dach Prat?

—O presidente, o rei, dá a maior liberdade aos estrangeiros.

—Ah!

—E devo dizer-lhe que, possuindo a Ordem do Cambodge, eu possuo já a ordem que no Brasil corresponde a essa geral condecoração do meu paiz.

—Como?

—Sou tambem official da Guarda Nacional... Diga-me V. Ex. o que deseja.

Poderia mentir ao Sr. Khol, dizer-lhe o meu subito desejo de ir habitar o Cambodge, perguntar-lhe coisas vagas sobre as ruinas de Ang-

kor, que o Pierre Loti fantasia tão deliciosamente, falar-lhe das cidades, da vida dos cambodgeanos.

Apenas tratava-se de um problema nacional. Problema de economia por um lado e de dignidade inventiva por outro. Eu tinha diante dos olhos o resumo da proposta do Sr. Erico Coelho á commissão de finanças do Senado.

Desde que Wencesláo Braz, o suave soberano da hesitação, pretende equilibrar o orçamento, e antes da tremenda pancadaria prestes a rebentar, quando os seus honrados e patrioticos amigos perderam a esperança de mais empregos e mais posições, reina no exercito de estadistas um verdadeiro frenesi de idéas economicas. Como nem Wencesláo nem Calogeras mantêm um plano a executar, cada sujeitinho representante da ignorancia e da Nação quer ter uma opinião que se exprime do modo mais simples: o córte. Não ha quem lembre a consulta a figuras tutelares da Patria como Rodrigues Alves. Não se pensa na politica de São Paulo, executada sob a fórma lapidar do binomio: economizar e produzir. A politica agraria do Sr. Nilo Peçanha, com a superproducção de abacaxis e de bringelas, deixa de obter a girandola escripta dos seus alarmantes expoentes da ultima hora. Todos imaginam idéas proprias — impostos que são decepações arteriaes no progresso nacional, e córtes mirabolantes de que seriam incapazes os proprios in-

dios domesticados pelo coronel Rondon. Ainda outro dia, um cidadão lembrou-se de acabar com o gabinete medico legal, como medida economica, sem lembrar uma urgente suppressão util ao equilibrio mental — a suppressão da Camara.

Nada mais para applaudir, pois, que as idéas propostas pelo Sr. Erico Coelho á commissão de finanças do Senado, idéas que se resume na taxação official do jogo do bicho. O senador fluminense expoz aliás opiniões correntes ha muito entre pessoas de bom senso, e opiniões que assentam em exemplos estrangeiros, na deficiencia lastimavel do nosso Codigo perante as contravenções do jogo, na visceral necessidade do bicho, que, como o loto em Napoles, é absoluta no Rio. Todos applaudirão o Sr. Erico — a policia, o povo, e os banqueiros que arriscam na manutenção do crime, o parasitismo insaciavel de tanta gente. A proposta Erico é honesta, sã, equilibrada e de resultados seguros, sem prejudicar, antes defendendo com a taxação o que é impossivel prohibir. As attitudes precisas e claras são sempre as unicas dignas. Moralmente só perdem os indignos clandestinos. Economicamente, ficamos livres da assustadora montanha de emendas, que, por um pouco mais, proporiam a interrupção do trafego dos caminhos de ferro como medida urgente. Financeiramente, é a realização legal de mais de cem mil contos, sem sustos para mais ninguem.

E' possivel que a hesitação de Wenceslão Presidente encontre escrupulos em tornar officialmente possivel — o que todas as policias do mundo não impediriam. Em todo o caso o Sr.. Erico Coelho terá com a sua proposta mostrado com lucidez e patriotismo — um augmento de rendas sem os disparates dos Pilatos que mandam escorchar o Brasil, por escrupulos que depois passam a crimes.

Mas o Sr. Erico Coelho, como todo homem de intelligencia, é um ironista. E, mais do que o problema resolvido, preoccupava-me a sua insistencia em denominar o jogo do bicho, o jogo nacional por excellencia, a sedução jacobina deste paiz de jogo cambodgeano. Pilheria? Verdade? Assim, durante duas noites e dois dias, procurara pela vasta cidade alguem que fosse do Cambodge, ou que lá tivesse estado, alguem capaz de explicar-me exactamente, absolutamente a verdade sobre a semelhança do Rio e do Cambodge no jogo, que é uma das extravagancias tropicaes do Brasil. E diante do homem impassivel todo o meu ser tremia de curiosidade — perdição e gloria da especie humana.

—Vou falar-lhe com franqueza...

—Fale.

—Trata-se de uma questão séria.

—Responderei.

—Conhece bem o Cambodge?

—Nasci em Phnom-Phen, ou montanha cheia, por causa de um pequeno monte que ha lá;

estive em Ang-Kor, em Kampot, que exporta pimentas; fui exportador de arroz em Ba-nam, vivi nas povoações dos altos planaltos, apanhei a diarrhéa na baixada. Conheço a minha patria como a palma da minha mão.

—Então diga-me...

—Digo.

Fiz um esforço e, com violencia:

—Ha quantos annos ha o jogo do bicho no Cambodge?

—Só isso?

—Só.

O Sr. Khol offereceu-me um logar no sofá e sentou-se numa cadeira de braços — como fazem os nossos ministros de Estado com os pretendentes. Depois, friamente, falou:

—No Koz-Kmer, o meu paiz, é uma terra de miseria, apesar de ser naturalmente rico. O Som-Dach Prat tem cinco ministros, que são as primeiras figuras do *sam-rap-ek*, isto é, do primeiro corpo dos funccionarios — o *chau-féa*, presidente do conselho; o *yom-rech*, que é o nosso Maximiliano; o *kralcom*, ministro da marinha; o *cha-krey*, com a pasta da guerra e da requisição de bufalos. Apesar do protectorado francez e da influencia de muitos estrangeiros, o povo é miseravel, porque os ministros e o soberano carregam nos impostos e o ministro da fazenda, *veang*, nunca tem outra idéa a não ser absorver mais provincias. A vida se faz de tal modo, que os nacionaes são quasi todos

funccionarios, dividindo-se em varios corpos. O Cambodge é parecido com o Brasil. Ha então para esses funccionarios, cujos vencimentos são roidos pelo poder absoluto, a esperança na sorte e algumas diversões religiosas...

—Religiosas?

—Absolutamente religiosas. A nossa religião é um tanto confusa. Temos sempre o *Prom*, que equivale ao Deus brasileiro. Mas o acervo de superstições é colossal. D'ahi a parte, que não é funccionaria publica, dar em exploral-a com os nomes de bonzos, talapoins, bakours, achars, horas...

—Muito bem. E o jogo do bicho?

—Não ha jogo do bicho.

—Ah!

—Isto é, a sua expressão pejorativamente latino-americana parece-me criminosa. Vou explicar-lhe. Quantas éras regulam a vida do Rio?

—Uma só, a de Christo.

—O Cambodge é mais abundante em éras. Ha quatro. A primeira é a éra divina; a segunda é politica, contada da morte de Çakia Mouni; a terceira é a *moka-sacrach;* a quarta é a *chollasacrach*, que começa com a vinda dos livros bhudistas de Srok-Langa, em vulgar Ceylão. Naturalmente ha muitas idéas da China no plasma religioso. O cyclo lunar de sessenta annos divide-se em periodos de doze annos, que se denominam *Moklisé-chenam*, corda de annos, representada por doze nomes de animaes.

—Hein?

—Sim. Doze nomes de animaes, que são os seguintes: *chou*, boi; *khal*, tigre; *thas*, coelho; *mosamb*, cobra.

—Mas são os nossos bichos!

—Nem todos. *Momi*, cavallo; *momé*, cabra; *vok*, macaco; *cha*, cachorro; *koz*, porco; *chut*, rato, e *rong*, dragão. Esses doze nomes, repetidos cinco vezes, fazem uma serie de sessenta annos, que se dividem em decada ou *chors*. De modo que, quando se quer dar uma data, diz-se assim: *Chollá-sacrach* 1285, anno do boi (ou do tigre ou do cavallo) 1 (2 ou 3 ou 4), seguido da decada correspondente. Assim, os funccionarios consultam os *horas* e, por simples combinações, podem fazer fé propriamente no bicho, ou no final, ou na dezena, ou na centena, ou no milhar, sempre com o pensamento na vinda dos livros sagrados de Ceilão. Não é jogo do bicho, é religião.

Houve um profundo silencio. Humilhado, desanimado, desfeito, eu olhava o Sr. Khol.

—Então, nem o jogo de bicho é invenção nossa? Como a palmeira, como a mangueira, como tudo — é dos outros!

—Mas dá admiravelmente aqui. Acho, porém, que não é caso de tristeza. A invenção não é do Cambodge e sim da China. E, nada sendo novo na terra, deve ter reparado que, desde os papagaios, até os velocipedes, os chinezes inventaram

tudo para uzo alheio, desde a noite dos tempos. O acertar nos bichos data dessa noite.

Ergueu-se.

—E agora ha de dar-me licença...

—Que vai fazer?

—E' boa! Que queria o senhor que um cambodgeano fizesse no Rio de Janeiro? Sou banqueiro de bicho. Vou correr a minha freguezia!

E, religiosamente, o Sr. Khol partiu, deixando commigo a amarga certeza de que até o invencivel jogo do bicho, do qual o Estado deve extrahir cem mil contos por anno — nem esse jogo tão nacional... nem isso é nosso...

O PROBLEMA

Após a violenta corrida para o progresso que teve o seu fastigio no governo Nilo Peçanha, curto instante em que o Brasil pareceu ao proprio Rotschild um dos mais felizes paizes da terra — o seguinte ingovernamento de quatro annos de tal fórma enfraqueceu a nação, moral e economicamente — que o sentimento geral é de pavor. Os simples gritadores, tribunos de todos os tempos, só a gritar; os reformadores intellectuaes achando a razão do desastre na deficiencia da Constituição; os pessimistas rindo com a prova triumphante dos seus vaticinios; o turbilhão de roedores filhos da enxurrada e de politicos sem imaginação forma o clamor dissonante e tremendo. A situação é tão grave, que um grande mental, poeta principe da raça, não conteve a sua dor e a sua esperança, e, obedecendo ao destino dos vates, vem dizer á sua Patria:

—Precisamos união; precisamos crear a nossa nacionalidade!

A mocidade — cujo idéal precisa do calor do enthusiasmo para frutificar — correspondeu

ao appello do poeta. Escriptores de agudo pensar accorreram á voz de Bilac, apresentando outros aspectos do problema e discutindo a fórma de soerguer o Brasil de uma decadencia — que não póde existir, porque o Brasil ainda não está feito. Será a revisão da Constituição como o deseja o eminente Pedro Moacyr e com elle tantos que a revisão está hoje positivamente na moda — o que quasi, como todas as modas, impede o livre exame de semelhante opinião? Será o ensino do culto da Patria e do culto dos nobres sentimentos, como parecem querer os lançadores do escotismo? Será o serviço militar obrigatorio capaz de estabelecer uma circulação de sangue brasileiro nas multiplas regiões desassociadas por indole e caracter em que se divide o Brasil? Será o respeito ao passado e as suas lições como indirectamente o affirmam nos seus escriptos a brilhante ponderação do Sr. Tobias Monteiro, a segurança victoriosa do Sr. Felix Pacheco, o impeto juvenil do Sr. Avelino e a cultura do Sr. Victor Viana?

Em quasi tres lustros de jornalismo, livre sempre dos interesses da politica eu tive, aliás sem a menor autoridade, um principio que de tanto o repetir em livros e artigos já não o posso modificar, porque cada vez o sinto mais: — patriotismo é querer a sua patria igual ás melhores. Os principios fizeram-se para serem explicados. Eu tinha a explicação na acção de que me fazia elogio. Assim pensava e dizia na curta

actuação de Carlos Peixoto e Miguel Calmon, assim o disse no governo breve do Sr. Nilo Peçanha, assim o notei na administração Rodrigues Alves. E a minha fascinação por S. Paulo e pelos seus homens de governo e pelo seu admiravel e incomparavel povo vem de vêr a unidade, o accordo com que em S. Paulo o patriotismo é querer incessantemente a patria igual ás melhores.

Diante, porém, das difficuldades do problema actual e da apresentação de tantas idéas, senti-me falho de coragem de repetir opiniões apoiadas apenas em factos e fui ouvir um estadista joven. Podia ter ido ouvir um estadista velho ou mesmo um de meia idade. Mas ha muito tempo sou de opinião que só os jovens dizem coisas sensatas — porque ainda têm o receio de que não os tomem a serio.

O estadista joven accendeu um cigarrilho e disse-me com simplicidade:

—Meu caro amigo, a revisão da Constituição está na moda, e é prégada por homens de talento real. Apenas de todas as idéas em circulação é a perigosa e a que daria resultados perniciosos, permittindo a efficiencia da destruição de que para nosso mal tanto abusamos. Todas as leis são más quando não ha homens que saibam cumprir. Precisamos, ao contrario, respeitar a Constituição, monumento que daria de nós um attestado dignissimo, se o Brasil desapparecesse e só ella restasse. As outras idéas

em circulação são todas boas e todas necessarias na completa formação de uma nacionalidade. Apenas ellas não são basicas, mas decorrentes.

—Como?

—A base é economica. Um paiz de moeda sã é um organismo perfeito, com todos os orgãos funccionando bem e pensando elevadamente. A moeda é o dynamometro das nacionalidades. Não preciso de exemplos estrangeiros. V. tem lido alguns livros, segundo me parece, e tem viajado. Basta ver e cotejar. Aqui no Brasil deve ter notado que ás crises da moeda correspondem, geometrica e infalivelmente, a crise da moral, a crise da administração, a crise de tudo, inclusive a da intelligencia e dos seus vehiculos de diffusão — o jornalismo e o livro. A razão dessas crises está primeiro na falta de continuidade administrativa dos governos, revogando uns os programmas dos anteriores. Está depois na incompetencia, que não sabe aproveitar a tempo a abundancia dos emprestimos para crear de facto a fortuna publica. Vamos aos saltos por isso, uma verdadeira corrida por monte e valle, ou, como se póde dizer desportivamente, um jogo de montanha russa...

—O medo agora é que a montanha russa tenha virado tobogan e tenhamos todos de cair n'agua, definitivamente.

O illustre estadista sorriu.

—Seria dessa opinião, se não tivesse fé no futuro.

—Remotissimo?

—Não, porque ha muita mocidade. Eu dizia-lhe que a base de tudo está na regularização da vida economica. E está ao mesmo tempo em fazer o brasileiro amar e cultivar a sua terra. Onde póde haver noção de patria e riqueza, quando ninguem pensa em se aproveitar da riqueza natural, plantando e colhendo? Eu olho os productos naturaes do Brasil verdadeiramente aturdido de tanta riqueza e do crime dos governantes. E quando vejo os bandos de homens validos e famintos nas cidades não os posso criminar a elles mas aos governos, que os desamparam, que não lhes indicaram o trabalho facil e remunerador. E' a cultura da terra que crêa o amor, o sentimento de defesa e a razão da solidariedade, a abundancia e o desenvolvimento mesmo da força externa. Este immenso paiz está cheio de thesouros. Os habitantes que os não exploram e vivem de importar d'outras terras não passam de parasitas inferiores, sem ligação directa com o solo. E' o que nós somos e é o que desde logo nos differençou de S. Paulo — onde a cultura da terra e o amor ao solo conseguiram crear essa admiravel cohesão paulista, dando-lhe a noção das responsabilidades collectivas e o apuro perfeito do idéal patriotico.

Ha uma lei de philosophia primeira que os positivistas divulgam na formula de Comte e que palpita na visão global da civilisação, a

lei dos tres estados, que é a explicação da fatalidade das progressões sociaes como a lei de Newton, é a reducção a principio do phenomeno da quéda dos corpos. Não ha fugir. Nenhum povo, nenhuma terra póde dar saltos e iniciar a força da sua economia senão lavrando e colhendo. Foi assim desde que os homens se fixaram ao solo. Foi assim no Egypto, na Grecia, em Roma. As grandes nações européas têm esse fundo e a oscillação das pequenas é accentuada pelo abandono da terra. Aqui na America ha dois grandes exemplos: Estados Unidos e Argentina.

Tenho a impressão de que estou a dizer coisa velha. Mas a coisa velha é tão desattendida, que póde ser considerada paradoxo ainda não ouvido — mal que acontece a todas as grandes verdades. Fizemos uma civilisação artificial, uma nacionalidade de cidades, que são agglomerados heteroclitos de colonias diversas. Conseguimos conjuntos postiços em que o idéal é o negocio facil, o assalto urbano, e onde os nacionaes defendem mal ou bem para exclusivo uso o Thesouro, vivendo da esperança da importação, quando a importação é um phenomeno correspondente á exportação e não póde attestar a saude de um paiz emquanto não existir equilibrio entre uma e outra. Precisamos levar os brasileiros á terra. Parece difficil? Nada mais facil. A questão é ajudal-os com continuidade, é garantil-os, é dar o impulso administrativo,

é deixar a politicagem e pensar um pouco na vida do Brasil. Os estadistas não tinham mais que copiar S. Paulo. Que digo eu? Nem isso. Bastaria verem o que faz o Sr. Nilo Peçanha, sem dinheiro e cheio de complicações politicas no Estado do Rio, e notar como em escala minima, sem recurso algum, o Sr. Nilo, animando os lavradores, conseguiu agora rendas duas vezes maiores que as do anno anterior, e, graças á tremenda diminuição de impostos para a polycultura, obteve a mesma renda que dá o café taxado enormemente.

Da cultura da terra vem o culto da terra, vem o estimulo para as grandes acções, emanam os sentimentos de solidariedade que formam a raça. E quando a terra dá a abundancia — a necessidade de apparelharmo-nos para defendel-a, o serviço militar obrigatorio não precisa ser imposto, mas é espontaneo como são o culto e o respeito pelo passado, como é a segurança de caminhar certo do futuro. Nenhum dos idéaes agora agitados poderá entrar na multidão como sentimento, que é a convicção das turbas, emquanto não nos voltarmos para a terra. Um homem com a mão cheia de sementes póde dar alimento a mil homens. Um homem á beira mar, diante de um transatlantico, á espera das batatas e do arroz e das fatiotas póde dizer coisas admiraveis. Socialmente, para os do transatlantico, não passa de um santo rhetorico, com o qual se trata não para commerciar, mas para

explorar. E' infelizmente quasi o nosso caso se pensarmos na extensão territorial inculta e no abandono dos governos estadoaes e no immenso e permanente desnorteio do governo federal.

Mas tenho esperanças. Dois quadrienios com a mesma orientação fariam muito. Para a riqueza bastaria que o Ministerio da Agricultura realizasse tres ou quatro casos que ha annos estão para resolver. Eu espero ainda ver o Brasil com muita cultura, com o ensino profissional diffundido, com o ensino obrigatorio arregimentando na lingua os milhões de creaturas que devem falar o portuguez, com o serviço militar tão natural e necessario como saber ler e amar os seus pais, e com uma porção de intellectuaes convencidos de que a revisão era desnecessaria, pelo menos para o bem da Patria.

—Mas é um sonho!

—E' apenas o que o Wenceslão Braz pensava fazer, antes de iniciar o governo da immobilidade administrativa para o equilibrio impossivelmente conciliatorio da politicagem. E será feito amanhã desde que haja no governo uma acção ao serviço de uma clara vontade.

O joven estadista tinha acabado o cigarrilho. Calou-se. Eu sahi sem lhe dizer que publicaria a sua opinião. Opinião, aliás, fóra de tempo — porque não está na moda pensar nessas coisas tão paradoxaes e tão velhas, que nem dellas tem noticias o ministro da agricultura-Rei do Assucar.

EXPLICAÇÃO

E' positivo. Basta examinar o noticiario dos jornaes para termos a impressão de que se desenha no horizonte um agudo periodo de moda norte-americana. O Brasil era e ainda é um paiz essencialmente desejoso de adoptar as fórmas successivas e internacionaes da civilisação. Até agora estavamos transatlanticos, presos á Europa, copiando e pedindo dinheiro emprestado á Europa.

A guerra, o tremendo conflicto, teve a principio a propriedade de excitar os animos, creando entre os homens partidos aguerridamente platonicos e entre as senhoras companhias de cruzes caridosas.

Mas a guerra continúa. Não recebemos mais nem modelos a copiar, nem immigrantes, nem hospedes illustres, nem dinheiro. Dá-se mesmo o caso anormal de virem cá homens notaveis ver como poderemos pagar concessões, contractos. Nada menos delicado. A Europa tem, pelo

menos temporariamente, de passar de moda.

Que fazer? Voltarmo-nos para a America do Norte. Nesse poderoso paiz de monopolios e de *trusts*, que fica, como muitos ignoram, justamente ao norte da America, entre o Canadá e o Mexico, não se conhece o Brasil. Segundo viajantes austeros, os americanos acreditam as nossas cidades passeadas por indios nús e muitas cobras, algumas das quaes mansas. E' a mesma opinião que a Europa tinha do Brasil ha dez annos. Razão de mais para que os americanos iniciem tambem o nosso descobrimento. Por outro lado, a nossa pretensão de conhecer coisas estrangeiras, ignorando as nacionaes, esbarra na na mais completa ignorancia diante da America do Norte. Conhecemos os Estados Unidos pelas peças francezas, os romances do Abel Hermant, os reclamos de Paris, exactamente como travamos relações com o *tango*, o *cake-walk* e o maxixe mexicano. Não se póde fazer uma idéa exacta; e nós nunca pensariamos em fazel-a, se não fosse a guerra européa.

Ha, porém, a guerra. Nós esperamos nervosos. E os americanos começam a vir para o Brasil. Quando são jornalistas, telegrapham impressões, dizem elles, pelo menos para quatro dezenas de jornaes. Quando são simples viajantes, nunca deixam de ser parentes de calamitosos milliardarios e vêm sempre trazer dinheiro, propor negocios, comprar terras, implantar industrias colossaes...

Com taes elementos é impossivel duvidar da proxima instalação da moda americana, com musicas americanas, cantigas americanas, estadistas á americana, industriaes á americana, senhoras á americana. E por sentir essa renovação de estylos imminente, é que eu me abalancei a ir tomar algumas informações authenticas acerca dos Estados Unidos com um americano.

Esse cavalheiro, actualmente enviado de dezenove syndicatos para estudar a cultura do boi e seus annexos industriaes no interior de Goyaz, é terrivelmente pratico, como todo americano. Nunca saiu da Avenida Rio Branco e está sempre occupadissimo telegraphando opiniões decisivas para os tios milliardarios. Assim, ao saber da minha intenção, foi claro e revelador.

— Realmente, disse-me, ha um começo de relações que prenuncia a moda americana. Por emquanto tudo quanto a America tem mandado recebe um acolhimento desvanecedor. Foi assim com a *Caraboo;* tem sido assim com as cadeiras de molas, as dansas, as contas de Standart Oil... Apenas as nossas relações serão muito mais intimas que as relações do Brasil com os outros povos. Porque não ha no mundo duas nacionalides mais parecidas em costumes, habitos, usos.

Que pensa o meu amigo do americano de Nova York? Julga-o, de certo, um typo forte, espadaudo? Pois, não senhor. E' um individuo como o brasileiro da Avenida Rio Branco. Andam todos doentes. A America do Norte é uma

grande federação. Como o Brasil. Cada Estado tem o seu typo fisico. Como o Brasil. Ha pretos, ha indios em certos sitios, as paizagens são portentosas, e, ao sair de uma cidade para o deserto, tem-se a mesma impressão que se tem no Brasil, quando se sae de uma cidade...

Devo notar que a extraordinaria semelhança é a do estado moral. O brasileiro é em tudo igual ao americano — porque soffre de um agudo mal collectivo: o exagero.»

Sorri, agradecido — porque ficamos sempre agradecidos quando nos comparam a outros paizes grandes. O americano continuou:

—«Sabe V. que vem a ser o exagero? E' a falta de medida em tudo, é o salto epileptico no incommensuravel, é a cambalhota nos sentimentos, é a lucidez desvairada. Comprehendeu? Talvez as frases não precisem tanto como os exemplos. Dou-lhe exemplos. Tem V. um casaco de homem, levemente cintado. E' a moda. Os alfaiates americanos fazem um casaco espartilho. Esse casaco tem portinholas. Os alfaiates americanos fazem portinholas duplas e arrumam quatro bolsos em vez de tres, para haver mais portinholas. A cirurgia fez progressos. Os cirurgiões americanos entram a mudar os homens, a trocar alguns dos seus orgãos por equivalentes orgãos de outros bichos. Crêa V. uma dansa? Todos crêam dansas com uma collecção de nomes zoologicos. Como no Brasil...

São exemplos inoffensivos esses. Ha os que não o são. O americano é o automovel sem freio. A sua idéa capital é que elle é o primeiro homem da terra, capaz de realizar o que nenhum outro realizará. Arrua um mattagal, divide as margens em lotes, planta cincoenta lampadas electricas e chama logo a esse trabalho, por exemplo: Nova Athenas. Temos de applaudir essa ousadia do homem forte.

Mas a ousadia allucinada manifesta-se em tudo: nos jornaes, nas explorações, nas gatunagens...

Em paizes antigos tudo tem uma certa medida. O enorme do antigo continente é, entretanto, irrisorio para nós outros.

Fala-se na adoração pela mulher? As americanas são tratadas como deusas e exigem o divorcio e casam tres e quatro vezes e todos os maridos successivos têm por ella um respeito religioso, e ellas ainda não estão contentes. Fala-se no problema dos criados? Os criados na America resolvem logo mandar nos patrões e as cosinheiras têm dias de receber e tocam piano. Fala-se em immoralidade dos homens publicos? A America tem logo syndicatos de exploração no genero. Pensa-se em gatunos? A America é de tal fórma, que chegou a sonhar um Nick-Carter como esperança e allivio dos seus innumeros ladrões, das suas tremendas associações de ataque á bolsa. E, com tudo isso, perfeitamente ingenuos. Sim. A preoccupação do es-

trangeiro lá é tão intensa como cá. O reclamo violento marca a infantilidade da raça. O americano é o homem que acredita, que acompanha o annuncio e vai ver a actriz annunciada como a mais feia do mundo, e dá fortunas a uma vaga menina de revista que aproveitou a sympathia de um reisinho. O americano é o homem que arrebenta e arruina dez mil pessoas para casar a filha com um fidalgo authentico...»

Aproveitei ahi uma pausa e arrisquei:

—Ao que me parece, V. fala mal da America?

—Falar mal é dizer mentiras aos outros. Eu apenas quero dar-lhe exemplos de exageros. A America é o paiz do exagero. E depois da America só o Brasil.

—De facto, nós exageramos ás vezes...

—«Exageram sempre. Tudo aqui é exagero. A começar pela natureza. Que digo? A começar pelo clima. Quando pensamos que é primavera, o calor é o de uma caldeira. Quando pensamos que as paizagens têm um limite, ellas se superpõem monstruosamente. Em tal ambiente, o brasileiro tem de ser o expoente do «ou tudo ou nada». Os homens, ou são deuses, ou são refinados patifes. Como nos Estados Unidos. Tanto o louvor como a censura produzem em quem os faz uma especie de allucinação. A reflexão perde-se. O delirio impõe-se. Não é vida, é sarabanda. Póde-se assistir ás diversas modalidades da nacionalidade como a um desdobrar de crises agudas. O brasileiro julga-se extremo e incom-

paravel. Dorme vinte dias e na tarde do vigesimo dia quer dar o trabalho de quarenta dias; quanto mais ganha mais gasta; faz da existencia uma furiosa escalada com adormecimentos; é megalomanico e timido. E, por consequencia, perigosissimo.

Eu encaro na rua sem temor um francez, um inglez, com todo o seu orgulho social de *goal-keaper* oceanico, e um turco e um italiano e mesmo um paraguayo. Diante de um americano ou de um brasileiro, a minha tranquilidade desapparece, porque eu não sei o que elle vai fazer. Póde passar-me a escriptura de doação da sua casa como póde pregar-me uma partida tremenda. E' a timidez, é a megalomania — é emfim a epilepsia do exagero. Mesmo em repouso, o brasileiro exagera. Cada um dos cavalheiros com quem conversamos se julga o primeiro homem da terra. O acto immediato á realização de qualquer coisa é uma festa com brindes, em que se exalta o trabalho ingente, a audacia sem par. As manifestações, as surriadas, a insistencia affirmam no desespero de estragar os outros a morbida falta de medida. As continuas mudanças, a falta de planos, a desordem inconsciente e orgulhosa na solução de questões capitaes mostram ainda mais o mal...

—Não lhe parece que V. tambem exagera?

—Talvez. Estou, porém, explicando por que as relações entre o Brasil e os Estados Unidos serão estreitissimas. Ha semelhanças enormes.

E quando vocês tiverem importado mais alguma coisa, verão todos a verdade do que lhes digo. Assim, estou seguro, quanto ao futuro do Brasil: será, apesar de tudo, formidavel como é a Norte America. O seu desequilibrio é mesmo na despreoccupação com que encara a ruina, tão americano, que não podemos duvidar do seu futuro, quando importar todas as modas americanas.

—A proposito: ha uma corrente de capitaes norte-americanos para o Brasil, não?

—Intensissima.

—Mas ainda não chegou o dinheiro?

—Chega a idéa de que elle virá — para termos em mão coisas d'aqui capazes de produzir immediatamente muito dinheiro para nós. E' um processo que precisa ser ensinado quanto antes aos brasileiros na americanização que tanto nos une.

—E como se chama? indaguei tão ingenuo como os americanos diante dos estrangeiros.

O americano olhou-me e disse sério, ensinando:

—Chama-se «bluff»!

UM CIDADÃO

E' quasi inacreditavel. Ha uma porção de annos conheço esse cidadão. Quanto mais o conheço menos o comprehendo e mais interessante me parece. Tem o interesse, ás vezes, da sua antipathia, ou melhor, tem a attracção de ser inteiramente diverso do que eu desejaria. E' intelligente? Ha momentos que o julgo de uma finura de comprehensão espantosa. Mas em norma é desesperadoramente o contrario, com o ar de que continua no fundo esperto. Sou forçado a viver a seu lado. Já o julguei idiota, já lhe tive odio, já o animei. Cada vez me espanta e irrita mais. E' a Esphinge-Diorama, uma Esphinge que se arranjasse de mil fórmas no fundo de um oculo. E como todos são forçados a encontral-o e a falar-lhe, tenho muita vez de fazer esforço para não perguntar o que pensam d'Elle.

Elle é physicamente um sujeito forte e sensual. Tem máos dentes e sente-se que deve ser in-

dolente. Quando, porém, o julgo incapaz de qualquer acção, além da de trocar as pernas, o cidadão tem uma crise de febre e realiza subitaneos e admiraveis trabalhos — para cair numa espectativa quasi aggressiva e sempre duvidosa, incomprehensivel.

O moral do cidadão, por isso mesmo espanta-me. Nós sabemos do que é capaz um francez, um grego, um allemão, um argentino, um americano do norte. A convivencia, o estudo das raças atravéz a historia facilitam-nos esse conhecimento. Diante de um turco ou de um polaco temos mais ou menos a certeza das suas qualidades basicas. Com o cidadão, irritamo-nos a vida inteira com os seus actos, vemos a multiplicação dioramica da esphinge, estamos quasi a jurar que a esphinge não tem segredo. Mas, de repente, sentimos a consciencia que póde dar um salto... E' atrós.

Como os psychologos ensinam que o conhecimento da hereditariedade é excellente para a a resolução de certas almas enigmaticas, procurei estudar-lhe a ascendencia. Ella é muito confusa, cheia de cruzamentos e de addicionamentos de raças diversas. Mas no fundo os seus ancestraes, ha quatro seculos, sempre tiveram as qualidades que no cidadão actual estão apenas acirradas até o paroxismo.

A primeira qualidade do cidadão é uma ausencia de qualidade: a falta de fé. Falta de fé religiosa, falta de fé civica, falta de crença num

idéal. Podemos pretender que esse cidadão seja um sceptico, um desses philosophos cynicos, indifferentes ao erro humano. Não. O cidadão não acredita em Deus, mas tem todas as superstições; abandona o seu Christo, mas dá-se como nelle crendo; não tem convicção na patria, mas alardeia um confuso e estridente patriotismo; não segue um idéal, mas apresenta-se como roubado desse idéal pelos outros.

Hypocrita? Será hypocrita? Os que assim pensarem, enganam-se. Elle é sincero e exagera admirações... E não é egoista quando o parece e não é generoso, e é invejoso não o sendo, afinal.

A outra qualidade é como a columna vertebral do seu eu moral. O cidadão protesta, o cidadão nega, o cidadão é contra. Sempre. Infallivelmente. Podemos de raro em raro vel-o ao lado de alguem. Está assim, não a favor do alguem, mas contra o inimigo desse alguem.

Desta arte, o cidadão vê todas as coisas com amargor, descobre más intenções em cada cerebro, julga os homens com o fel do insulto. Os governos são compostos de ladrões; desde que um cavalheiro se destaca, para o cidadão tem vicios e crimes; os actos mais simples transformam-se em batotas, negociatas, bandalheiras.

—Cidadão, que bello gesto o do grande Fulano querendo o Brasil patriota!

—Para cá vens de carrinho. Fulano comeu!

—Comeu o que?

—Está sendo pago! Uma corja. E' o meu dinheiro que queimam.

—Cidadão, Cicrano publicou um bello livro.

—E' um canalha. Ha de certo comilança.

—Ainda agora, cidadão, o *leader*...

—Pulha! Pulha!

A sua colera, ás vezes gargalhante, ás vezes furiobunda, arraza sem distinções. Para que esteja a favor de alguem é preciso que esse alguem seja uma pedra contra os outros. Nas letras, no commercio, nas artes, no magisterio, na diplomacia, nas industrias. Onde, entretanto, a rasoura é sem piedade é na politica. Mal uma cabeça levanta, o cidadão arruma-lhe no alto do craneo a primeira bordoada. Descobri que alguns nem conhecidos eram do cidadão e já o cidadão os esbordoava, os elameava.

—Mas, cidadão...

—Canalha! subiu... Boa coisa não fez!

—Como é absolutamente impossivel passar sem governo, ou os governos se fazem sem o cidadão, ou o cidadão dá o seu applauso aos exploradores que assaltam as posições, matando, anarchizando, «salvando». Não tem a menor convicção, porém. O seu desejo é apenas falar, arreliar. Em geral repete as palavras, as accusações dos agitadores, para repetil-as de novo contra os que se apossaram do poder de modo indevido.

Ha occasiões em que tenho vontade de convencer o cidadão.

—Meu caro amigo, se você acha infames todas as pessoas capazes do seu paiz, se você repete sem provas e cria com o seu pessimismo, que é uma careta debochativa, o ambiente de vilipendio, de lucta esteril — você não póde ter esperanças. Isso tem de ir de mal a peior.

— E vai...

—Você é forte, você é intelligente. Em vez de repetir palavrões, de olhar com odio e de se limitar á acção idiota e destruidora, você devia agir. Eu não digo que você ache honestos os que não são. Digo apenas que você devia pensar, ver, examinar e pôr-se ao lado de alguem, definitivamente, com confiança, ter um idéal, qualquer que elle fosse...

O cidadão ri.

—Quem te incommendou sermão? Não ha ninguem sério. Só têm razão os que chamam de bandidos os outros.

—E esses?

—Tambem não deixam de ser patifes.

Vou ficar com odio do cidadão. Reflicto, porém. Examino a situação. E fico perplexo. Esse homem é a esphinge, esse homem é incomprehensivel. Como elle não quer ter opinião, como elle não quer tomar a serio a vida, como elle se agita apenas remoendo as mesmas palavras vãs que não prejudicam nem aos que as soffrem nem a quem as diz — tacitamente todos concordaram na sua imbecilidade.

E' um boi que berra; é a esphinge sem œdipos. Atiram-no uns contra os outros, rindo. E, após a exploração dos seus urros, que são vivas e vivas, palmas e assobios sem convicção — cada cavalheiro que sobe ao poder, nutrindo pelas suas opiniões o mais absoluto desprezo, só tem um desejo: — explorar-lhe o trabalho, cortar-lhe a carne, chupar-lhe os ossos. Ha muitos annos, quando fiz o meu primeiro encontro com tão exquisito sujeito — o cidadão ganhava a sua vida, tinha, apesar de tudo, um certo ar de prosperidade. De anno para anno foi a peior.

—Que diabo! Você anda magro, com o fato máo.

—Que quer? Ganho o mesmo. Mas os impostos...

—Proteste!

—E' o que eu faço. São uns ladrões. Este pais está perdido.

—Não basta isso...

—Será você pago tambem para me enganar?

E os annos passaram, e o cidadão cada vez peior, sacudindo opiniões azedas, mas correndo ora a pedir porque lhe supprimiam o emprego, ora a debater-se porque fechava a fabrica, ora a soluçar que o deixariam nú, tanta coisa lhe tiravam.

—Cidadão, esta é a sua terra. Entretanto, você vive nella como um escravo em paiz inimigo. Os seus protestos, o seu humor amargo, as suas insolencias são de escravo. Não impressionam,

porque você, joguete parvo ora de um ora de outro, esqueceu-se de affirmar a sua personalidade, escravo em vez de dono, numa terra em que devia ser o unico soberano. Qual o castigo do senhor ás murmurações da presa? Mais trabalho e mais relho. Você desconfia de todos e todos o exploram. Cidadão, você precisa mudar de vida...

—Está muito enganado. Sou livre. Quem manda aqui sou eu. Insulto a todos.

—Como a populaça de Roma insultava os Cesares.

—E os matava.

—Para pôr outros peiores no logar de Cesar. Cidadão, ou você toma juizo ou morre!

—Veremos...

Hontem, encontrei o cidadão, magro, esqualido, com as botas furadas, o chapéo roto, a camisa em pedaços e o casaco debaixo do braço.

—Cidadão, em que estado!

—A guerra, o *funding*, esses canalhas...

—Como?

—Estou no mesmo emprego. Depois da ameaça de supressão, tiraram-me dez por cento. E de repente todos os generos de primeira necessidade augmentaram logo o dobro. Fiquei na miseria com emprego. O meu dinheiro não chega nem para comer. E ainda os agentes do governo assaltam-me por todos os lados. Está vendo a bota furada? E' o imposto. Está vendo o chapéo rasgado? O imposto! Está a olhar a

camisa em tiras? O imposto! Arrancam-me dinheiro de toda a parte, federalmente, municipalmente. Este paiz póde lá continuar com uma corja de sangue-sugas assim?

—Agora, sim! Agora é o caso de protestar, de gritar. Ha uma razão positiva. Exploram o cidadão. Indignamente. Nenhum povo do mundo toleraria o que lhe querem fazer. Reaja!

—Qual a sua attitude, cidadão?

—A minha attitude? Qual ha de ser? Ora esta! Posso lá fazer alguma coisa?

—Mas você é o cidadão, a força maior. Congregue esforços, seja uno — em vez de se gastar em desaforos vãos, tenha um idéal, imponha-se.

—Que idéal? Você está maluco! Idéal com fome!

—Exija, queira alguma coisa.

—Com essa gente!

—Com alguem! Você é que faz os governos.

— Eu? Nada de disparates... Agora, nem grito...

—Mas é a sua annullação! Venha commigo. Vamos protestar. Você irrita-me, mas afinal eu não o quero ver escorchado vivo. Ande d'ahi. Em vez de desaforos inocuos, seja homem!

—Não posso. São nove e meia. Está na hora da ultima sessão do cinema. Já viu você a ultima fita? Dizem que é linda. Eu não a quero perder. Seguro o meu casaco para que não m'o arranquem. A' porta, visto-o. Ainda dá um ar. O que

se leva da vida é uma diversãosinha barata. Nem todos são o Wencesláo, que tem cinema no palacio — pago pelo povo.

—Cidadão!

—Adeus grande felizardo.

E partiu.

E' quasi inacreditavel. Ha uma porção de annos conheço esse cidadão e cada vez menos o comprehendo. E' um conjunto antinomico, é a esphinge-diorama, é um idiota, é um desgraçado?

E' o povo do Rio de Janeiro!

O NOSSO PATRIOTISMO

——

Como o jornalista estrangeiro chegasse muito bem recommendado — recebi-o com lhaneza. Como o jornalista estrangeiro fosse sceptìcamente sympathico e tivessemos camaradas e conhecidos communs em varios pontos da terra, conversámos, rimos e acabámos a noite tendo eu a impressão de que a terra de onde elle vinha era de primeira ordem e tendo elle a segurança de que o meu paiz era um grande paiz.

—Muito bem! dizia elle ao despedir-se.

—Muito bem! pensava eu ao deixal-o.

Dois dias depois o jornalista fez-se encontrado por mim.

—Já estive com muitos brasileiros — jornalistas, politicos, artistas, gente do commercio...

—E então?

—Então? Então tenho uma impressão dominante: falam mal uns dos outros e falam unanimemente mal do seu paiz. Por que?

Não respondi, vexado. Hontem, quinze dias depois do nosso primeiro encontro, fui jantar com o jornalista estrangeiro. E, logo após o peixe, tive a certeza de que esse brilhante jornalista adquirira elementos na quinzena para fundar um dos orgãos independentes do Rio, ou para fazer um livro atrós, que poderia ter por titulo: *Os brasileiros julgados pelos brasileiros.*

—Mas por que são assim vocês? indagava com displicencia o jornalista. Poderia ser o caso de uma crise de pessimismo generalizado. E', entretanto, apenas, uma crise de inconsciencia. Esses seus patricios levam a falar mal uns dos outros, sem que para tal tenham o menor motivo. Em toda a parte onde estive, nas cidades da Europa, nas cidades da America — exige-se o orgulho collectivo dos monumentos, dos sitios bellos, dos grandes nomes nacionaes, dos progressos do paiz. Não ha portuguez que leve um estrangeiro aos Jeronymos para criticar esse monumento, nem que vá aggredir a paizagem do Bussaco perante pessoas estranhas. Assim em Madrid, em Roma, em Buenos Aires, em Lima, no inferno. E' preciso vir ao Rio de Janeiro para ter essa sensação inedita. Os grandes homens do paiz, cuja fama passou as fronteiras? Cidadãos indignos, canalhas, «cavadores» e estupidos! A idéa da ladroeira e da immoralidade é fixa. Todos são uma corja! Outro dia estava no Monróe notando que, apesar do calor, vinha

uma agradavel viração do mar. E um jornalista: —«A historia deste Monróe é uma ladroeira!» Ha uma semana fui ao Pão de Assucar e, achando maravilhoso o passeio, logo um sujeito me disse que aquillo era um monopolio indecente. Ao cabo de alguns dias, um informador menos arguto póde indagar com justa razão — Onde os homens serios? Onde os homens de valor? Onde as obras consideradas dignas? Com um intelligentissimo politico conversei tres longas horas ha dois dias, e estava contente de vel-o fugir á regra. Mas, no ultimo quarto de hora, elle recobrou o tempo perdido e começou o ataque...

—E' porque todos aqui andam na furia das competições.

—Mas é tão feio! Olhe; eu vinha com a convicção de que a diplomacia brasileira era a primeira da America. Chego cá e vejo que os brasileiros consideram os seus diplomados parasitas idiotas e attribuem a sua situação externa a tudo, menos ao valor dos seus enviados. Isso accrescido de um ataque de jornaes a que não escapa ninguem. Póde ser competição, como diz você. Mas, como esses diplomatas representam o Brasil onde estejam — o ataque é a desmoralização do Brasil feita pelos proprios brasileiros. De resto, não passa isso de um aspecto geral do appetite de denegrir a sua terra, peculiar a cada habitante da cidade. Imagine que desde a minha chegada falam das dividas do Brasil, de envolta com historias da vida privada de cada

politico! Acabei por tomar a defesa nacional!

—Você? fiz, procurando rir.

—Pois claro. Eu digo: — Vocês devem? Mas todos os paizes novos e com o violento progresso têm de dever. Pediram dinheiro? Mas ha grandes cidades, ha estradas de ferro. O dinheiro não se escoou. Está ahi. Claro que seria melhor que as cidades surgissem da cultura da terra. Surgiram antes? A questão é coordenar vontades, haver uma força uniformisadora das necessidades do paiz. Aos insultos e a menoscabar da propria terra — nada se adianta! O Brasil é uma grande nação, com varias cidades iguaes ás de segunda ordem na Europa, e uma capital, este Rio de Janeiro, verdadeiramente unica no mundo pela belleza. Não só. O Brasil é um paiz em que a intelligencia foi largamente distribuida pelos habitantes. Faz-se necessario convencer esses habitantes de que são partes componentes de uma patria, em vez de exacerbar o individualismo de cada um. O Brasil tem menos de cem annos de vida propria. Apesar dessa criminosa mania de se rebaixarem uns aos outros —é possivel encontrar no mundo progresso maior? Mas essa gente não vê, não sente o que nós vemos?

Progresso! Apontamos os Estados Unidos e a Argentina. Em ambas as Republicas o orgulho nacional é tudo. Não ha americano que não ache tudo da America melhor. E o formidavel desenvolvimento *yankee* vem desse sentimento de

patria, de que a Allemanha deu ao mundo uma prova — absorvendo os mercados pelo saldunismo moral. A situação da Argentina é a mesma — posto que em menores condições, precisamente porque o sentimento excessivo, mas pratico, nos Estados Unidos, tem ainda na Argentina tintas de pretensão e de duvida — isto é, tinge-se de elegancias *snobs*.

Vocês, porém, são *snobs* provincianos, levam a elegancia de falar mal a irritar quantos sintam sinceramente o futuro do Brasil. Não só. Em vez de absorver a corrente immigratoria, como fazem os Estados Unidos e a Argentina, posto que em menor escala — os brasileiros tornam-se na sua terra parasitas mal dizentes, entregam ás colonias estrangeiras a exploração de todas as riquezas, e cream um tal ambiente de falta de fé, falta de prestigio á sua terra, que os estrangeiros ficam sempre estrangeiros.

—Mas o meu caro amigo faz uma conferencia!

—Exactamente. Em torno de um assumpto palpitante. Desde que cheguei ao Rio são tantos os brasileiros a falar mal dos brasileiros e a não achar nada bom no Brasil que me dá vontade de fazer *meetings*. O Brasil tem varios aspectos da sua raça que é preciso transformar. Bilac parece conseguir o enthusiasmo da mocidade pela formação da defesa consciente da patria. Tobias Monteiro, num pequeno e admiravel livro de analyse, *Funccionarios e doutores*, aponta o aspecto bacharel, mostra a impossibi-

dade de continuar o Brasil na plethora bacharelicea, afastado da riqueza da patria, e constituindo uma casta á parte. Eu acho que o mesmo problema nacional tem um outro aspecto a combater: esse appetite de destruição interna, essa miseria de competições, essa furia que é uma fraqueza, essa pretensão que é uma covardia: — a doença dos brasileiros de falar mal dos seus compatriotas e da sua terra.

Estou cá vai para uma quinzena e ainda não ouvi falar senão em ladrões, bandalhos, sevandijas, dividas, erros, fealdades. Até da bahia de Guanabara me falaram mal!

—Quem?

—Dois poetas que preferiam Napoles, sem nunca terem visto Napoles!

—Era superioridade...

—Pense você, porém, que eu era um perverso ou um idiota. Em vez de encolerizar-me escrevia um livro contando o que os brasileiros dizem do Brasil.

—E ahi você sentiria a furia epica do nosso patriotismo!

—Hein?

—Os jornaes passar-lhe-hiam tremendas descomponendas, apontando o miseravel que abusou da nossa hospitalidade, e os rapazes far-lhe-hiam o enterro, queimando-o em effigie na Avenida!

—Não é possivel! fez o jornalista amigo, a sorrir.

Então eu, fincando os cotovelos na mesa (acabavam de servir o assado), olhei-o com arrogancia, uma arrogancia que afastasse a analyse e encobrisse a minha opinião, que era a delle. E conclui:

—Não se explica. Não se póde explicar. Nós descompomos e denegrimos o que é nosso, escancaramos aos estrangeiros miserias hypotheticas. Quando, porém, o estrangeiro reproduz o que dissemos, ficamos como umas feras. E' o nosso patriotismo!

—Positivamente o terreno proprio para os exploradores. Ou vocês mudam de pensar ou atrapalham a vida ainda por muitos annos. Porque só existe patria quando os seus filhos a julgam e a querem igual ás mais fortes.

O Estadista Brasileiro

Rodrigues Alves

Noite de chuva. Veiu com o temporal a ventania. No immenso parque sob a fixidez branca das lampadas electricas, o ar sensacional das arvores e das plantas sob a chuva. Parece que todas as verduras proclamam o acontecimento, que os tinhorões, as samambaias, os coqueiros minusculos, relvas, troncos, frondes, murmuram e discutem um acontecimento espantoso. Na escada de marmore do palacio, um creado espera, alheio ao drama vegetal. Entro. São nove horas da noite. A pequena sala de espera repousa de politicos, profissionaes. Só o major Lejeune, com um garbo francez, mostra os seus galões; e Francisco Rodrigues Alves olha os cordões d'agua com o ar abstracto deante da chuva.

Algumas horas em S. Paulo, não deixo nunca de fazer a visita do respeito e da admiração ao Presidente. Rodrigues Alves, filho, já o sabe.

—Quer ver meu pae?

—Muitas visitas?

—Só, em familia.

Atravessámos algumas salas, damos num vasto hall, onde o conselheiro, depois do jantar, lê os jornaes e conversa com as suas filhas e com os seus intimos. E' impossivel esconder o prazer que me causa o vigor do homem venerando. Aquelle vigor, após uma uma grave molestia e o trabalho exhaustivo da presidencia, é como a esperança para os que, como eu, respeitam na figura admiravel o creador do Brasil Novo, Vivo, cheio de scintillação, moderno, o conselheiro começa a falar. As minhas palavras são apenas o motivo para o desenvolvimento das suas observações, dos seus conceitos e eu só o vejo parar quando uma de suas filhas fala e nos seus olhos brilha o encanto paterno de se reviver na intelligencia da filha. A politica na palestra é um commentario philosophico. Conversamos de literatura, de arte, de theatro. O conselheiro lembra-se do passado remoto, lembra-se do presente e lembra-se tambem do futuro. Não sei se falo a um ancião de 1848 ou a um joven cheio de esperanças e de fé. Lá fóra chovia torrencialmente. O hall é aconchegado e tépido. Arde uma chamma rara na calentura dos lares.

Então, emquanto a conversa ondeia, varia, zigzagueia, a ouvir Rodrigues Alves, eu penso na acção dessa vida esplendida.

O conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves é um exemplar perfeito da nossa raça. As origens ethnicas trouxeram-lhe a resistencia fisica e a fibra moral. Seu pae morreu quasi centenario em Guaratinguetá. Era portuguez. Sua mãe ainda vive na idade em que a bondade é a cristalização de uma longa vida de dedicação, d'amor e de nobreza. Rodrigues Alves herdou as virtudes intimas dos seus progenitores. Ellas foram a resistencia nos embates da vida publica, porque nunca numa trajectoria de quasi cincoenta annos de vida publica esse homem deixou de ser o querer consciente, a vontade sem violencia, o excepcional que cumpre o seu dever, sem tergiversar — o patriota.

Da geração magnifica que nos deu Joaquim Nabuco e Rio Branco, já era deputado provincial em 1872, militando na nova corrente conservadora em que se notabilisavam Caio Prado, Almeida Nogueira, outros. Na luta politica rugiam os elementos transformadores da Abolição e da Republica. Os liberaes tornavam-se uma expressão de receio, o meio termo. Os conservadores tiveram mesmo um forte periodo em que foi preciso fazer opposição. Rodrigues Alves tinha o trabalho politico. Mas, longe de se esterilisar nesses combates, a sua actividade agia no seio das commissões em questões economicas, como a da tributação fiscal e a da transformação do trabalho. Para o Brasil e, principalmente para S. Paulo, a abolição dos escravos seria a desorganisação

integral, se S. Paulo deante da ameaça dos factos não tivesse creado a *Sociedade Promotora da Immigração*, a substituição do braço negro pelo braço do colono. Um momento foi preciso mesmo a resistencia organisadora. Rodrigues Alves subiu á presidencia da provincia aos 34 annos. Mas, quando era impossivel resistir mais á onda desorganisadora, renunciou a essa presidencia, recolheu-se conselheiro já, cercado das sympathias geraes.

Os acontecimentos precipitaram-se. A Abolição annunciou a Republica. Feita esta sob o largo regimen federativo, as antigas incompatibilidades de partidos politicos desappareciam. Era preciso reconstruir o Brasil. Em S. Paulo, atalaia do Brasil, o sentimento de construcção é uma das expressões de raça. A differença radical entre os politicos de S. Paulo e os do resto do Brasil é que os do resto do Brasil, ou estão sempre no periodo convulsivo da imposição do proprio eu, ou repetem pessoalmente o estado d'alma das republiquetas cahoticas como Nicaragua e dos reinados exoticos como a Grecia. Em S. Paulo, feita a Republica, Campos Salles, republicano historico, foi conferenciar com o conselheiro Antonio Prado sobre a fusão dos elementos politicos, para o bem de S. Paulo. O conselheiro Rodrigues Alves em 1890 era deputado federal — uma das figuras que o Brasil devia ouvir. Tambem, dilatando a acção politica, a sua linha foi sempre a do dever. Deputado, o golpe de estado de Deo-

doro collocou-o na opposição. Ministro da fazenda de Floriano, á prova de tyrania do marechal, exonerou-se, sendo logo eleito senador.

Era chegado o fim do periodo de transformação. S. Paulo ia concertar o Brasil dando-lhe successivamente trez presidentes que o elevaram ao apogeu. Era primeiro presidente eleito Prudente de Moraes, que foi a energia da paz. O conselheiro Rodrigues Alves voltou a ministro da fazenda, exonerou-se na interinidade presidencial do vice presidente Manoel Victorino, foi senador, presidente de S. Paulo e d'ahi, succedendo a Campos Salles, o consolidador do nosso crédito — presidente da Republica.

O eminente brasileiro falava-me de poetas, de escriptores. Acabara de ler um volume de Antonio Correia de Oliveira e notava o pantheismo mystico já agora definitivo do autor admiravel do «Auto de Junho». E então mostrava as correntes inteiramente diversas da poesia portugueza contemporanea: o philosophismo de Antonio Correia, o saudosismo da *Aguia* e o dyonisismo de João de Barros, enquanto no Brasil os grandes poetas representativos continuavam a ser os da geração de 1885 — Bilac, Alberto d'Oliveira, Raymundo Correia. A segurança com que falava de poesia era a mesma falando de prosadores — romancistas, jornalistas. Vivo, agudo, scintillando, fez o elogio de Carlos Malheiro Dias, e a proposito dos novos jornalistas, a sua pergunta era ás vezes curiosa:

—Como é elle? Ainda não o conheço pessoalmente.

Esse interesse pelas coisas de espirito, o conselheiro Rodrigues Alves teve-o sempre. Pódese dizer que a sua vida, dedicada ao serviço da patria, foi e é um permanente desejo de conhecimento que se transforma em bem do Brasil. Estava a falar dos poetas, dos novos jornalistas como, antes falara da nossa situação economica, senhor absoluto dos menores detalhes. E a sua fé no Brasil era ardente.

Insensivelmente lembrei-me do que, Presidente da Republica, aquelle homem fizera. Vinham-me em tropel á mente todos os actos em que se repartiu a acção maravilhosa do quadriennio 1902-1906. O Brasil teve nesse periodo o seu tempo d'oiro. Foi o apogeu, foi a florescencia afirmativa, foi a Terra Nova gritando ao Mundo:

—Eis-me aqui!

O conselheiro Rodrigues Alves realisava o idéal patriotico de fazer a sua terra igual ás melhores; rompia o molde colonial, arejava o paiz, obrigava o Brasil a entrar na corrente universal. E, ao mesmo tempo, por todas as fases, o seu programma era a afirmação moderna do Brasil. Por um prodigio, os politiqueiros das camaras tiveram a fascinação do grande homem, não lhe creando obstaculos a principio. E Rodrigues Alves teve como auxiliares na pasta do exterior o eminente Rio Branco, na pasta da viação o Sr. Lauro Müller, na Prefeitura — Pereira Passos.

Rio Branco fez a hegemonia moral do Brasil na America do Sul, ligou os Estados Unidos do Brasil aos Estados Unidos da America do Norte pelos laços mais estreitos, fazendo vir Elihu Root ao Rio de Janeiro e creando a Embaixada em Washington. A obra formidavel do dilatador do nosso territorio teve um tal cunho de autoridade que o seu nome é pronunciado na America como o de Bismarck na Europa. Rio Branco era um Bismarck da paz. E, ao mesmo tempo em que resolvia pendencias antigas com assignaturas de tratados definitivos, ao mesmo tempo que a sua influencia marcava cada acto da politica internacional do nosso continente — Rio Branco tinha Ruy Barbosa na Haya; e nessa memoravel conferencia garantia ao mundo o direito dos pequenos estados.

Uma atmosphera de altitude fazia ver os problemas com os olhos da elevação e do immediatismo. O Brasil dormira durante todo o imperio. O Brasil acordara na Republica para a deploravel tragedia dos «pronunciamentos». Um presidente paulista, Prudente de Moraes, resolvera acabar e acabou com os «pronunciamentos». Outro presidente paulista, Campos Salles, tendo como ministro da fazenda a figura excepcional de Joaquim Murtinho, refizera o nosso credito inexistente quasi após os abalos das revoltas internas. Rodrigues Alves paulista tambem, teve a missão de crear o Brasil Novo, abrindo-o civilisado ao mundo. Se Rio Branco afirmava

a Patria na politica externa, ao influxo de Rodrigues Alves, os seus auxiliares transformavam como nos contos de fadas, o Brasil interior. Foi sobre Rodrigues Alves que o Sr. Müller executou o seu plano ferro-viario de ligação de paiz inteiro; foi sob Rodrigues Alves que se fizeram todas as reformas da administração, transformando estabelecimentos lamentaveis em modelares exemplos; foi sob Rodrigues Alves que se fez o cáes do porto do Rio de Janeiro, a Avenida Central e a transformação da velha cidade numa das grandes cidades monumentaes do mundo, que é hoje o Rio; foi sob Rodrigues Alves que Oswaldo Cruz acabou com a epidemia da febre amarella.

As republicas do Prata que assentavam na nossa desidia, a segurança de rapidos progressos e a corrente immigratoria no horror do mal amarello do Brasil — comprehenderam ter cessado na Europa uma das razões da efficacia da campanha de interesses que dificultavam a immigração.

Rodrigues Alves fez tudo isso ao mesmo tempo. Elle comprehendia; elle queria; elle dava mão forte aos homens illustres capazes de realisar o bem. Sem Rodrigues Alves a energia de Pereira Passos não teria transformado a cidade. O Presidente fez o congresso dar ao extraordinario engenheiro poderes dictatoriaes. Sem Rodrigues Alves, Oswaldo Cruz não poderia realisar a sua obra de extincção da febre amarella

— gastando descripcionariamente e agindo num meio em que a incredulidade idiota era a base da maioria das opiniões.

Mas havia Rodrigues Alves. No seu quadrienio o Brasil floriu, economicamente, financeiramente, materialmente, intellectualmente. Surgiu nelle a ultima geração literaria; surgiram sabios como Oswaldo Cruz, como Juliano Moreira, como Afranio Peixoto; os maiores estadistas poderam dar o seu auxilio prestigiado pela autoridade do Presidente. E, quando espiritos irrequietos por ambição triste pretenderam inaugurar revoltas, Rodrigues Alves, que renunciara ás posições sempre que essas posições podiam contrariar a susceptibilidade do seu caracter, dessa vez reagiu e, tranquillo em palacio, disse:

—O meu logar é aqui, e d'aqui não saio.

A opinião publica cercava-o. Saiu sim, mas ao terminar o quadriennio, após inaugurar o cáes e inaugurar a Avenida, com a estima de todos os brasileiros. Ha, desses actos, photographias. Lembro-me de uma em que se vê o conselheiro, debaixo de chuva, rompendo a fita que vedava o accesso á Avenida. Symbolo! Naquelle gesto Rodrigues Alves exprimia o seu admiravel governo: elle abria ao Brasil uma nova era de civilisação. A Avenida é em tudo o traço de separação entre o Brasil Parado e o Brasil Novo...

Um creado de casaca apareceu a servir café, licores. O Presidente falava agora do nosso dese-

jo de fazer definitivamente a mutua obra de conhecimento entre Brasil e Portugal.

—Nobre esforço. A verdade é que nós conhecemos as forças vivas de Portugal muito mais do que elle as nossas.

—Devo dizer a V. Ex. que o seu governo conseguiu em Portugal o espirito de curiosidade pelas nossas coisas...

«Mais attenuado do que nos outros paizes, entretanto — quando devia ser o contrario. Estamos muito ligados para não nos conhecermos bem. Os phenomenos politicos de cada paiz repercutem no outro de tal forma, as correntes portuguezas de immigração são tão densas, que só ha lamentar essa ausencia do intimo conhecimento como prejuizo para ambas as Republicas. Portugal tem moralmente de defender no Brasil a sua projecção magnifica: a raça e a lingua. Mas ha milhares de interesses economicos além disso...

—Estamos nós a fazer propaganda!

S. Ex. riu. A propaganda interessava-o no momento da conflagração européa. E' o grande momento para o Brasil conquistar posições nos mercados mundiaes, incentivar as suas culturas, enriquecer com as forças da terra. Nervoso, de pé, enthusiasmado como um joven, o illustre varão dá-nos detalhes, explica-nos leituras, prova com dados e algarismos o grande momento.

Energia enthusiastica de patriota! Seria preciso recordar a ultima phase de politica activa

desse ancião de mais de setenta annos para admirar-lhe devidamente a mocidade, o arroubo, o impeto d'alma e a viveza do espirito. Rodrigues Alves, após seis annos sem cargo administrativo, assumiu o governo de S. Paulo em 1912, no momento em que o grande Estado necessitava oppôr um nome de prestigio mundial ás veleidades de invasão do desastroso e horrendo governo Hermes — a que o Brasil deve todos os males actuaes. O conselheiro não podia ter outro procedimento. Patriota, da projectada vergonha pelo menos evitaria o seu nome a desgraça. Mas o escrupulo, as preocupações, os labores da presidencia logo o absorveram de tal modo que enfermou.

Enfermou para morrer. A sua vida actual é uma resurreição. Diziam-no cada dia morto. Mas, doente assim e assim quasi agonisante, Rodrigues Alves deu á mocidade o forte exemplo da probidade idéal, do sacrificio deante do dever. Até quando podia governar, governou — não por outros, mas pela sua vontade. Nenhum acto era realisado sem a sua prévia aprovação; nenhum decreto se lavrava sem que disso tivesse conhecimento. Eloy Chaves, o joven, energico e brilhante secretario da Justiça, contava-me certa vez cheio de dor e de enthusiasmo uma scena que devia estar em Plutarcho.

Era precisa uma decisão urgente sobre um grave assumpto. Eloy Chaves partiu com os papeis para os Campos Elyseos. Ao chegar teve

a noticia de que o conselheiro peorara ainda. Oscar Rodrigues Alves, secretario da Presidencia e medico, temia importunar o grande vulto, tinha quasi a certeza de que elle não poderia responder. Mas o respeito era tal e é tal pelo eminente estadista, nos seus filhos e nos seus amigos — que ninguem pensava em infringir a sua vontade. Eloy Chaves entrou para o quarto de cama. O conselheiro, abatidissimo, não podia erguer os braços, abrir os olhos. Só uma força mysteriosa conseguiria galvanisal-o. Entretanto, Eloy Chaves ouviu a sua vóz debil:

—Fale!

O secretario da Justiça explicou o assumpto.

—Torne a dizer!

Eloy Chaves repetiu.

—Que pretende fazer?

O chefe da segurança desenvolveu a sua idéa.

—Bem. Faça assim. Escreva um telegramma. Eu ditarei o telegramma.

E a morrer ditou o telegramma que afastava de S. Paulo um grave perigo.

Tambem no dia em que lhe foi impossivel governar, passou o governo ao vice-presidente e só voltou a occupal-o bom, forte, redivivo. Era assim que nós o viamos agora, nessa noite de chuva — tão moço como em 1902. Alguns dias mais e passaria o governo ao seu successor.

Erguemo-nos. Eram dez horas da noite. Fóra, a chuva continuava. Sentado na sua *rocking-chair* o Presidente voltava ao commentario ma-

licioso, analysando homens e coisas. A ironia avivava-lhe a fisionomia.

—Nós acreditamos todos, conselheiro, que ao deixar o governo de S. Paulo não abandone o Brasil, mais do que nunca necessitado dos seus serviços.

—Não. Se a saude me ajudar não poderei deixar de me interessar pela administração e pela politica do nosso paiz. Continúo na politica activa. Claro que não desejo cargos de administração. Elles abatem muito. Só as visitas a estabelecimentos e com chuva, temporaes...

E sorria. Evidentemente aquella saude maravilhosa brincava com os receios que entibiam os menos fortes.

—Mas agirá?

—Oh! Interessar-me-hei. Afinal — os seus pequenos olhos fuzilavam ironia e mocidade — eu sou conselheiro. Não poderei deixar de aconselhar sempre que julgar necessario.

Houve em torno um largo riso. Rodrigues Alves estendia a dextra, que com veneração apertei. Saiu. E como das outras vezes em que o ouvira, eu me sentia contente, capaz, portador desse estado d'alma que é a esperança certa de ter apoio, de ser comprehendida, de ser estimada. O Brasil está aliás assim. O Grande Obreiro resume as suas esperanças. No dizer de um diplomata, o Sr. Sylvio Romero Filho — «Rodrigues Alves é o maior dos estadistas vivos da nossa terra». Os deuses quizeram que,

já immortal por uma obra immorredoira, a saude reconquistasse á morte a figura incomparavel para apontar á patria com o seu conselho de diamante o caminho recto. Nelle todos os olhos, todos os corações, todos os espiritos. Vivemos na certeza do milagre. Deus protege escandalosamente o Brasil. Quando está tudo perdido — surge um bando d'homens inspirados que o salva. Ha dez annos destroem a obra de Rodrigues Alves no que é possivel destruil-a. Vendo-o forte e assim decidido, é impossivel deixar de pensar com alegria:

—Elle realizará ainda um milagre e concertara tudo isto!

A VIAGEM

——

Era no periodo da Grande Guerra, no anno de mil novecentos e dezeseis. A Europa inteira em fogo e em sangue, todas as attenções voltavam-se para a America. Os Estados Unidos, comprehendendo que neutralidade era vender sempre a quem désse mais, augmentavam a producção. augmentavam os preços, augmentavam tudo. O dinheiro quasi mudara a sua residencia central de Londres para Nova York. E os *yankees*, sem perder tempo, com o principio de que a America é dos americanos, substituiam de subito os germanos, derramando na America do Sul nuvens de caxeiros viajantes e de commerciantes. E, apesar de ser o momento da activação das energias, esses americanos só encontravam vontade e força de prosperar no extremo sul, numa terra chamada Argentina.

Havia por essa época formidavel extensão territorial, ligada pelos laços de uma Republica

federativa e denominada Brasil. Della fazia parte a fortissima Republica de São Paulo. Os homens dessa Republica, dirigindo a Federação Brasileira, haviam conseguido um certo progresso. Mas, viera em seguida o desastre das más administrações e, com o Thesouro arrebentado, todos os ramos do governo desorganizados, innumeros credores, a anarchia no povo e a perplexidade governamental — gritavam todos que era a occasião de trabalhar, de concertar as finanças pelo labor honesto, á espera de um homem decidido a guiar o paiz.

Appareceram muitos com tal vaidade — logo postos á margem. Mas, ficou, precisamente ministro da fazenda, um mais decidido. Era de fisico mais baixo que alto, reforçado, posto que nervoso, com dois bigodes espetados e um andar secco e impertinente, para não dizer marcial. Parecia espiritualmente um desses homens complexos que, depois dos theoristas da Encyclopedia, só existiram, e com pessimos resultados na pratica, durante o curioso periodo do Brasil — homens que sabem tudo, fazem tudo, estão aptos para tudo. Diplomata hoje, jurista amanhã, ministro da agricultura logo mais, parlamentar á noite, financeiro pela madrugada, o ministro da fazenda escrevia copiosamente, e é de crer que tambem não fazia nada copiosamente.

Como, porém, esse ministro dava pelo nome de João Pandiá Calogeras, assignando, quando fazia conferencias em Paris, Jean de Calogeras,

ninguem ignorava a sua origem grega. Naquella época da guerra, quando a Allemanha pretendia fazer uma guerra de raças para o predominio da super-especie germanica, os sabios revoltados tinham decretado que «isso de raça era uma historia, e que não havia mais raças puras». Mas as idéas são como os habitos e todos tinham fé em Calogeras, precisamente por ser elle de origem grega, com as boas qualidades hellenicas; intelligencia, emprehendimento, agudeza, espirito. De modo que era uma dolorosa surpresa notar que Calogeras, quanto mais tempo passava no ministerio, menos grego se mostrava, vendo-se positivamente grego para resolver os problemas financeiros que o presidente Wenceslão, de origem wisigoda, desejava com pachorra adiar.

Os brasileiros, como de costume, diante das necessidades urgentes, não tomavam uma resolução, mas discutiam com enthusiasmo, ironia e outras qualidades que lhes deram fama de povo intelligente e pouco pratico, a excepção atavica, o caso ethnico do Pandiá Calogeras. Nos cafés, nas confeitarias, nas esquinas, era uma preoccupação.

—Qual! Não é possivel que seja grego!

—Deves notar a influencia de Minas.

—O sangue dos hellenos vale por tudo. Uma gota de sangue grego determina a vontade do homem... Os gregos fizeram a nossa humani-

dade, e até hoje são banqueiros são viajantes, são emprehendedores, são sagazes,

—Calogeras não tem nenhuma qualidade homerica.

E assim por diante. Mesmo em Minas, havia commentarios. Principalmente do senador Chico Salles, tenaz inimigo...

Tudo, porém vai de occasião. Os homens frivolos tiveram de calar, de repente. Annunciava-se uma conferencia financeira americana. A idéa de conferencia partira, como é de prever, da terra do Brasil reconhecida imaginosa. Mas as outras nações logo resolveram não lhe dar a honra de realizal-a na sua capital. A primeira conferencia foi em Nova York. A segunda seria em Buenos Aires e, para cortar pela raiz qualquer pretensão, as nações só permittiam como linguas da conferencia o inglez e o hespanhol, obrigando os financistas brasileiros a traduzir as suas idéas.

—Que irá fazer Calogeras? indagavam.

Então, deu-se o prodigio. Calogeras não protestou contra a exclusão da lingua portugueza que ainda, nesse tempo, era mais ou menos falada na Federação Brasileira. Calogeras não preparou memorias nem em inglez, nem em hespanhol, nem mesmo em grego, apesar de falar todas essas linguas e mais algumas. Calogeras diante das mil e uma preoccupações do ministerio, não enviou uma commissão de economistas. Calogeras quiz ir. Foi de repente. O sangue

hellenico explodia diante do mar, o sangue de Jasão, o sangue de Odysseus. Era um delirio sagrado como o conta o veneravel Homero, para explicar as subitaneas e tremendas vontades dos seus heróes.

—Que vais fazer?

—Eu quero ir!

—Mas não chegas a tempo.

—Chegarei.

A Grecia mostrava, emfim, o frenesi dos seus periplos a bater nas arterias do ministro brasileiro. E, como a vida é uma repetição, o cáes de um porto banal repetiu a ilha de Ogygia e os vagabundos do desembarcadouro, como as nymphas de Calypso, viram passear de chapéo de palha e calça de brim, a ultima encarnação de Odysseus. Era Calogeras, sem vintem para pagar o excesso de carvão de um vaso de guerra que levasse o Brasil á conferencia; era Calogeras, á espera de um vago transatlantico de segunda ordem, nesse caso a symbolica jangada do protegido de Athené. Nervoso, sem jantar, sem almoçar, Calogeras olhava o humido elemento e corria ao telephone.

—E' a Royal Mail?

—Sim, excellencia, respondia a agencia, fazendo de Calypso.

—Então, esse navio, vem ou não? Eu quero viajar! Eu quero partir!

—Que se ha de fazer, se os monstros submarinos andam por ahi?

Calogeras voltava á praia:

—E não poder seguir já! bradava.

Assim passaram dois dias. A' noite esse grito da natureza correu a cidade. Muitos curiosos foram admirar o ministro, desejoso de partir, a ver navios ao longe. O presidente mandou um homem da sua confiança — o Sr. Salomão, de origem judaica, encarnação da justiça, e para a occasião temperado com o molho argentino de Maggi. E o Dr. Salomão veiu sombrio.

—O ministro, Sr. presidente, parece Xerxes, o que chicoteou a onda!

Os deuses, entretanto, tinham piedade do mortal ancioso. Quando Calogeras, prostrado, cahia num banco do cáes, appareceu na curva da ilha o velho barco *Drina*. *O* ministro deu um pulo, e disse para o seu sequito de financeiros, composto de illustres advogados:

—Companheiros, avante!

Pobre navegador! Um homem tranquilo veiu dizer-lhe que o barco teria de carregar e que o serviço da estiva, muito diverso do tempo em que Jasão se mettia em ir buscar o velo de ouro, dependia de um batalhão voluntarioso. Odysseus apressara aos murros as nymphas que enchiam o seu barco. Calogeras, ministro da fazenda, foi supplicar o chefe dos estivadores:

—Apresse V. o carregamento, ó chefe da estiva, que lhe trago um mimo da calle Florida!

Muitos acharam de mais essa entrevista, quando o habitual Calogeras não dava no ministerio

entrevistas a ninguem. Os que respeitam os prodigios, reconheceram o gesto pathetico. Hesitaria o Rei de Ithaca, cujos barcos em Troya eram vermelhos, se para partir precisasse supplicar ao chefe dos estivadores a graça de não lhe aborrecer muito tempo a paciencia? Não! Calogeras, vice-rei dos *soberanos*, que cada vez eram mais raros no Brasil, democraticamente rojou. Era o seu ultimo esforço. O chefe dos estivadores disse:

—Vou ver se em tres horas...

—Veja se em duas...

—Talvez.

Calogeras, então, com duas noites sem dormir, deitou-se, sonhando com o mar, os vagalhões, as sereias, as triremes airosas e os ventos e os deuses. Quando acordou, deu um grito. Dormira seis horas:

—O navio partiu sem mim!

—Não, excellencia.

—Corramos, ao cáes! Telephonemos!

Metteu-se num automovel a toda velocidade, correu pelo cáes, galgou as escadas do *Drina:*

—A que horas sae?

—Só pela madrugada.

—Mas eu fico; não saio mais d'aqui. Eu tenho de partir!

A cidade perplexa viu-o partir assim. Telegrammas amigos disseram Calogeras a bordo pedindo ao commandante um pouco mais de pressa, uma ou duas milhas mais por hora;

Calogeras, no cáes de Santos, apressando a estiva paulista; e Calogeras, no oceano, batendo o pé e dizendo: — mais pressa! mais pressa! As nações sul-americanas alarmaram-se. Quando em Montevidéo, souberam que telegraphicamente Calogeras fretava as barcas de outro grego que tem uma companhia de navegação pelo Rio da Prata, o governo preparou um cruzador para recebel-o, emquanto em Buenos Aires davam ordens para ir buscal-o um vaso de guerra. Essa memoravel agitação, alarmando com uma ponta ironica as chancellarias oriental e platina, obrigava a chancellaria brasileira a mandar despachos de agradecimento defensivo do ridiculo, com menos de cinco mezes de meditação — o que era assombro geral. Alheio a tudo, saltando de um barco para outro, sempre na tolda, ora do barco da Royal Mail, ora do vaso uruguayo, os olhos fixos, murmurando: mais! mais! o navegador sacudia o craneo ás lufadas do vento.

—Elle vai ler o plano maravilhoso do subitaneo triumpho economico da America!

Elle vai dizer na Argentina a sua descoberta da fortuna para o Brasil!

—Elle mostrará a pedra philosophal!

Calogeras chegava. Os economistas anciosos esperavam-n'o. Calogeras caiu numa cadeira, e a conferencia inteira ouviu a voz de Calogeras, dizendo em grego um verso de Nonnos de Panopolis.

— Emfim, do salso elemento os vagalhões cortei!

E nada mais fez Calogeras digno de nota, nessa apressada conferencia de lingua anglo-hispanica.

Divergiu muito a opinião quanto ao julgamento da crise do ministro. Talvez ridicula e de certo inutil. Para que o espectaculo lendario, essa repetição em costume contemporaneo das complicações de Odysseus, se o ministro mostrava, continuava a mostrar o seu completo alheiamento dos interesses vitaes da sua mallograda federação! Os philosophos esotericos foram, porém, de parecer contrario, julgando e provando como João Pandiá Calogeras, nascido em Minas e ministro da fazenda, tivera de subito a acção atavica do sangue grego e que reproduzira da sua crise, talvez contra a vontade, apenas o desejo oriental da raça—o desejo de partir, o desejo do «vou ali, já volto», a vontade do periplo, afinal.

E do governo de Wencesláo, o wisigodo, guarda-se apenas a memoria dessa viagem por uma questão de mysterio hermetico ou como argumento scientifico da predominancia das raças...

As opiniões do ministro da Ethiopia

——

Senti então que estava só, lamentavelmente só, entre pedras que falavam de mortos e pedras que representavam deuses. Do céo azul cahia uma luz amarela e contrariada, luz sem brilho, morna, augmentando aquelle mundo de ruina e de museu. Recuei alguns passos e procurei reflectir. Para que sustos? Não havia nada de anormal. Eu era apenas a victima de um pesadelo com as recordações das salas egypcias dos museus de Londres e do Cairo. Sim! Agora reconhecia as antiguidades predynasticas, os hieroglyphos, os sarcophagos, as mumias de homens e de bichos, os reis populares, os deuses, os stélos pintados. Mais adiante estava a deusa do fogo Sekhet, e eu via esses deuses assustadores: Khepára, cuja cara é um escarabeu; Benin, de pescoço esgalgado como uma cegonha, e a serpente de azas Nekebet, e Ta-hu, a vacca

em pé, e Meh-urt, a vacca da maternidade, e para a direita uma legião de figuras da deusa Hator

—Olha para trás! ordenou uma voz tremenda:

Olhei. Agudo e esguelhante, o deus Anubis, o deus dos mortos, acompanhado dos quatro deuses das principaes partes do corpo; Mesthá, de barbicha aguda; Hapi, com uma cara de cachorra feliz; Qebhoessouf, Tuamutei, milhafre enojado. Mais ao longe, entre mumias de gatos, Bast, o gato, deus do oeste, e o galope ardente de Ram de Mendes...

Oh! Eu sabia todos os nomes daquelles deuses! Os nomes e as historias complicadas. A minha tristeza vem desse desejo de conhecer os deuses que são os sentimentos das gerações. Cada vez se sabe menos, porque cada vez é mais a mesma coisa. Mas esses deuses da beira do Nilo, o exercito acompanhador de Horus, de Osiris, de Isis, deixaram-me a sensação do esmagamento moral. O seu eterno sorriso, sorriso que provoca — nos labios, nos focinhos, nos bicos, parece resurgir do fundo dos tempos a dizer o desalento de um para que? universal. E eu conhecia-os todos, conhecia até mesmo o enorme, o monstruoso eterno sorriso de todas as esphinges.

—E' preciso fugir deste pesadelo! pensei.

Mas, como esbarrasse num deus ou num rei colossal, que sorria sarcastico, vi por trás delle surgir a figura austera de um preto austero.

—Oh! desculpe.

—Sou eu quem pede desculpa.

—Deserta o trecho da eternidade?

—De facto.

—Está o senhor patrioticamente estudando as origens do Brasil actual?

—Perdão. Estou no antigo Egypto.

—Exactamente. Sou um pouco posterior as dynastias. Mas conheço bem.

—Com quem tenho a honra de falar?

—Com Servulus, o eunucho da rainha da Ethiopia.

Curvei-me. O eunucho da rainha da Ethiopia fôra em vida d'alma decidida.

Os espiritos christãos queriam conquistar-lhe a fé, mais por causa da rainha e ainda mais por causa da Ethiopia. Daquelle eunucho, reluzente e negro, ministro, inspirador da magestade opulenta, dependia a conversão de milhares de almas. O eunucho ouvia, indagava e reservava-se. Mas um dia, com espanto de Felippe, que andava a catechizal-o, o eunucho da rainha da Ethiopa parou:

—Pois cá temos agua. Acabemos com isso. Nada impede que me baptizes.

Felippe olhou o rio meio espantado:

—Se crês, é possivel...

—Creio, disse o eunucho com decisão, que Jesus é filho de Deus.

Depois mandou parar o carro, desceram os dois á agua corrente e Felippe baptisou-o.

Esse exemplo de resolução, de coragem dos seus actos, ficou eternamente guardado nos *Actos dos apostolos*. O meu encontro era, assim, veneravel. Ao mesmo tempo sentia-me diminuido. O eunucho da rainha da Ethiopia sorriu, comprehendendo.

—Rapaz, fez elle, sabes que sou decidido e franco. Ora, ultimamente, lendo por acaso os jornaes da tua terra, notei a moda de aproximar o Egypto e o Brasil, e vim até ella por instincto de observação. Dessa observação é que nasce a minha affirmativa. O Brasil é um paiz fabuloso, vivendo no governo as predynastias do Nilo. Que vês aqui?

—Deuses pavorosos, reis assustadores, sorrindo mysteriosa e terrificamente.

—E que vês tu no governo da tua terra? Homens que sorriem, como a careta de Tutmés ou o focinho da deusa Hator. Todos sorriem. Sorri o Wencesláo, sorri o Alexandrino, sorri o Faria, sorri o Lauro Müller, que parece o deus Horus de sobrecasaca; sorri o Antonio Carlos, sorri o estupendo Bezerra, sorri o Maximiliano, sorri o poeta Magy. Estão todos sorrindo não se sabe de que e por que. Cada sorriso desses homens vivos corresponde ao sorriso de um destes deuses de pedra ou de um destes reis pintados. Maximiliano é o Ram de Mendes. Wencesláo é o sorriso do Osiris de Thebas. Bezerra sorri como Ta-hu. Anciosos, os homens dese-

jam saber a significação dramatica desses sorrisos e, por entre sorrisos de pedra, que lembram a allucinante avenida das esphinges de Karnac, nenhum desses sorrisos é voluntario, exprime alguma coisa, quer alguma coisa.

Como todos os mortaes cheios de vã curiosidade, já desejaste decifrar o sorriso unanime do Egypto morto? Já interrogaste o rictus das mumias desenterradas, a contracção das faces nas pinturas, o riso de todos esses monstros de granito? Já indagaste das velhas esphinges, ancillas eternas da côrte que sorri — a razão, a causa, o fim desse gesto? Algum tempo depois de os frequentar, em vez do horror grego: «decifra-me ou devoro-te» — não existe nada, absolutamente nada, por trás desse sorriso apavorador. Os animaes não queriam nada, os deuses nada desejavam, os reis não comprehendiam. Deuses, reis, bichos sagrados, eram creações de um povo de escravos indecisos, á espera que o boi Apis entrasse por uma ou por outra porta para saber se seriam felizes ou infelizes. A indecisão formou o povo do limo das correntezas e das areias movediças. Com medo elles se defendiam sorrindo. E os immensos tumulos, e os eternos embalçamentos eram o medo deste mundo e o medo do outro ao mesmo tempo, mesmo depois da morte, o terror dos actos, o panico monumental. Egypto! Sorriso ancioso entre a abundancia e o deserto... Temos dó

dessas mumias, dessas pedras que riem. Ellas só têm medo. Nos reis, o medo de serem insultados depois de mortos; nas pedras, o tremor da destruição. Monstros inuteis, apavorados na areia, a rir...

—Eunucho da rainha da Ethiopia, falas como um christão!

—Que teve a resolução como norma da vida e iniciou o baptismo obrigatorio.

—Era fé.

—Era opinião.E' o que faz os homens: agir sem fugir ás responsabilidades dos proprios actos. E por isso o teu paiz parece-me agora o reflexo vivo do immenso cadaver do Egypto antigo. Como no tempo em que um rei apavorado construia Karnac, os escravos agitam-se carregando pedra sem protesto. E nas altas camadas, o medo enrosca as aspides da intriga. Ninguem manda, todos mandam, ninguem tem medo e todos têm medo, todos se julgam capazes, julgando os outros incapazes na incapacidade geral. A indecisão e o panico, como a propria vida de todos vocês, e a angustia de querer parecer maior na ondulação arenosa do nada.

—E' de mais!

—E' verdade. Para haver um paiz é preciso em primeiro logar — autoridade cercada de respeito, a autoridade que se distribue por quem a merece, não recua diante das responsabilidades e sabe o que vai fazer. O principio da au-

toridade não existe. O rei da dynastia mineira, que parece governar, só tem uma idéa; não ter responsabilidade. Assim, cada um pensa na sua pessoa, com a vontade de desmoralisar a que está mais proxima. Clamam todos, gritam todos e, para os que passam de largo, a leitura dos jornaes faz pensar que habitamos a cidade do crime num perpetuo carnaval de ladrões.

Ha milhares de problemas a resolver. Como resolvel-os, se indecisão e o medo ás accusações tornam tremulas as mãos e vesgos os olhares? Bem, muito bem, cada vez melhor. Ninguem se acha com animo de luctar por uma idéa. Para que? A insistencia desencadearia o desespero das toupeiras. Não ha um pensamento que não se prenda immediatamente á policia, que augmenta de inutilidade na proporção assustadora das accusações impunes.

Pergunta o que pretende fazer a um ministro. Elle não t'o dirá. Porque não sabe. Pergunta ao transeunte. Obterás a mesma resposta. Vivem todos á espera, fazendo da vida uma loteria. Em vez da collectividade solitaria — almas hostis na ancia da vez de escapar. Pódes dizer quando o teu rei pensou dois dias da mesma maneira? Pódes dizer se ha governo na tua terra? Pódes determinar a directriz e o programma do governo? Uns não fazem programma porque não sabem; outros porque seria inutil. E' o dominio do absurdo, é a vida normal

da extravagancia, é o disparate-canon. Assim, o povo tambem não trata e não consente que tratem da sua vida — levado pelas palavras cada vez mais ignorantes, esquecido de ver as origens. E assim tu tens o verdadeiro Egypto de Keops. Em baixo, os escravos, sem opinião, muito cansados, erguendo as mãos e achando bom tudo o que os de cima não fazem. Em cima, os deuses inventados por elles, deuses que se multiplicam inuteis, sorrindo o medo do seu immenso vasio, sob a asa velha da indecisão, encarnada em Wencesláo Osiris... E em baixo, em cima, todos, escravos e deuses, á espera de ver se o boi Apis entra por Goyaz ou sae, para que haja dinheiro, pelo matadouro de Barretos...

—Sinto que o senhor não tenha...

—O que falta no teu paiz moralmente. Mas nem tudo é possivel ter! concluiu o estadista legendario.

O desrespeito do eunucho da rainha da Ethiopia era evidente. Com toda a sua autoridade sagrada, o seu ar affirmativo merecia um artigo insolentissimo em resposta. Não pelo Egypto, mas por nós, pelo Brasil. Abandonei-o no salão com a superioridade de um dos nossos estadistas quando lhe falam de coisas difficeis. E vim pelas salas apressado. Mas agora os monstros que sorriam tinham dois nomes, e eu via Sekhet-Faria, Benin-Antonio Carlos, Bast-Bernar-

do Monteiro, Tuannetef-Magy Salomão. Quando recuava de Ta-hu-Zé Bezerra, acordei. Era tempo. Já ao longe vinha a galope Meh-urt-Pires Ferreira.

E ainda agora penso nos insolentes contrasensos do ministro da rainha da Ethiopia ouvidos por uma noite de pesadelo egypcio.

INDICE

	Pag.
Opiniões de um jornalista impossivel	7
O Retrato	17
O sorriso do sr. Antonio Carlos	27
O boi não morreu	35
Pinheiro Machado	43
«Minha terra e minha gente»	53
Um capitulo de Tacito	63
Fabula Grega	73
Bernardino Machado	81
A attitude da Grecia	91
Enver, Senhor!	101
Do Presidente	113
A horrivel tragedia	123
Portugal na guerra	133
Conselhos	143
Mendigos	153
Substitutivo	163
Dialogo	173
Carta	183
Adão	193
A politica brasileira	201
Paiz de jornalistas	209

Pag.

O novo soldado..... 217
A formação do soldado..... 227
O jogo do Cambodge..... 237
O Problema..... 247
Explicação..... 255
Um cidadão..... 263
O nosso patriotismo..... 273
O Estadista Brasileiro Rodrigues Alves..... 281
A viagem..... 295
As Opiniões do Ministro da Ethiopia..... 305

A APPARECER

A MULHER E OS ESPELHOS

EDITORES

VILLAS-BOAS & C.